FON FON
ANNO XXV — N.º 25
Rio, 20 de Junho de 1931
PREÇO: 1$000
BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
DEPOSITO LEGAL
MC.
930

— A mim não me dêm nada que não seja bom e seguro. Se for uma corda que seja forte; se for um cavallo que seja de bõa andadura; se for um machado que córte; e em se tratando de remedios, por esta bocca não passa nada que não seja tão segura como a luz do meu Deus...

... Por isso, no meu rancho, ninguem toma, para dôres, nenhum remedio que não seja a

Um fulano qualquer do qual não quiz receber uma droga que dizia ser **igual e mais barata,** recalcitrou e me disse: — Vocês, pobres roceiros, que entendem disto? — Eu, então, atirando-lhe á cara uma baforada de fumo, repliquei-lhe: ouça, senhor sabichão, outras muitas coisas ignoramos, mas sobre a CAFIASPIRINA até o mais ignorante e bronco sabe que ella não tem igual... E porque o nosso **cobrinho** é bem ganho, não seremos tão tolos que percamos a saude para economisar uns nickeis...

Se é BAYER é bom

Do millionario ao mais pobre todos sabem disto e bem alto o proclamam.

INCOMPARAVEL, unica e insubstituivel para as dôres de cabeça, de dentes e ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, consequencias de excessos de bebidas alcoolicas, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças, regulariza a circulação do sangue, etc.

Ciume Barbaro

A. Marrocos de Araújo

NA tranquillidade bucolica da fazenda S. Damião, cortando o silencio das madrugadas, ouvia-se o ruido de um carro de bois, que, lentamente, muito ao longe, se arrastava pelas estradas.

Um vaqueiro de uma fazenda proxima estava construindo uma casa e tinha contractado com o Felicio, o carreiro, o transporte das madeiras, que foram cortadas muito distante, no seio umbroso da matta.

E toda a manhã, no pateo da fazenda S. Damião, appareciam os bois morosos, chicoteados barbaramente por Felicio, homem máo e perverso. Uns puxavam carros cheios de ripas e caibros, emquanto outros arrastavam as grossas linhas de páu d'arco.

Já fazia uns quatro dias que o carreiro passava manhã cedo, demorando-se alguns momentos na porteira do curral da fazenda, onde tomava uns copos do leite espumoso, tirado alli mesmo da vacca.

E nesse lugar sempre se encontrava com a Joanna, filha do velho Fidelis.

Estava apaixonado pela cabocla e com ella sempre conversava, lançando-lhe olhares demorados, que, ás vezes, eram correspondidos.

O seu amor ainda não encontrára um apoio franco no coração daquella sertaneja esbelta e formosa, que já desprezara muitos rapazolas daquelles logares.

A maior difficuldade, porém, estava em desfazer o noivado da menina com um serrano rico, que possuia um sitio na Ibiapaba. Era essa, alem de tudo, uma affeição antiga, que vinha desde os tempos de creança.

Fidelis fazia questão de casar a filha com o Baptista, para, nos tempos crueis das sêccas horrendas, ter um lugarzinho onde pudesse salvar a familia.

Era esse noivado um pesadelo constante para a alma rustica de Felicio. E sempre que abandonava o terreiro daquella habitação rural, açoitando os bois pacientes, entregava-se a cogitações, procurando um meio de acabar com aquelle maldito contracto de casamento.

Nunca se apaixonara tão ardentemente por uma mulher.

Depois, cessaram as viagens, mas elle, quasi todos os domingos, á tardinha, ia passear na casa de Fidelis, onde conversava muito, sem que, porém, tivesse occasião de fazer confidencias á cabocla, que lhe prendêra o coração com os laços fortes de um grande amor.

Agora, sentia o prazer de ser correspondido em toda a linha. Joanna já demorava em seus olhos as suas pupillas negras e tentadoras, revelando a paixão, que, dentro, no peito, lhe agrilhoava o coração. Era certo que ainda nutria alguma affeição pelo Baptista. Este, porém, estava longe e ella começava a sentir a vontade de se entregar a um homem, de amál-o, com todo o ardor da sua mocidade sadia e exuberante.

Aquella amizade do noivo afiguravа-se-lhe platonica e o que ella desejava era o calor dos beijos e os abraços prolongados.

Felicio, não lhe podendo dizer na roda da familia toda a paixão que lhe invadia o peito, como uma avalanche irreprimivel, marcou uma entrevista para uma casa vizinha, onde deveriam entender-se, a sós, livres de olhares e ouvidos curiosos.

Na hora aprazada, encontraram-se, e elle deixou cahir dos labios, em palavras simples, mas ardentes, a confissão sincera do seu amôr immenso.

Abriu o seu coração e lhe contou tudo sem subterfugios.

— Acredito em tudo que você me diz — articulou Joanna — mas não posso deixar o Baptista, porque meu pae quer muito o nosso casamento.

— Mas parece que elle até já se esqueceu de você. Já faz tanto tempo que elle não bota os pés aqui...

— Ah! quem me dera! Si elle não viesse mais aqui; eu me casava com você...

* * *

PASSARAM-SE dias. Certa vez, Felicio, passando pela fazenda S. Damião, encontrou todas as pessôas em movimento, preparando a casa. Fidelis, vindo ao seu encontro, explicou-lhe que estava esperando o Baptista. Não tardaria muito; talvez no outro dia, pelas primeiras horas da manhã, estivesse em sua casa.

Levou-o ao curral e mostrou-lhe um gordo boi, pegado na vespera, e que seria abatido para a festa. E explicava-lhe: não era o casamento, mas era preciso ir logo agradando o moço, que era muito bôa pessôa.

Convidou-o a ir a um chiqueiro proximo, onde estavam os porcos, deitados na lama negra e fetida; dizendo-lhe que iam ser mortos no dia seguinte. E accrescentou:

— O moço é rico e a menina quer se casar é com elle. Faz bem em não perder occasião, não acha?

— E' — respondeu, monosyllabicamente, o Felicio.

Este passou algum tempo pensativo e, depois de cumprimentar as pessôas de casa, retirou-se, perdendo-se ao longe, na curva distante da estrada...

* * *

NO dia seguinte, um sol de luz limpida e scintillante alevantou-se para as bandas do nascente. Todas as pessôas da familia do Fidelis estavam reunidas no alpendre do casarão. Aguardavam ansiosamente o Baptista, que já estava tardando.

Subito, um cavalleiro surge no cotovelo do caminho. Vinha quasi na carreira.

— E' o Baptista! — disseram uns.

— Não — retrucaram outros — Si fosse elle, não viria tão ás pressas, quasi correndo.

Afinal accordaram:

— E' o Joca.

— Logo que lhe seja possivel, para bem da sua saúde, faça uma viagem por mar. Poderá fazêl-a?

— E' possivel, doutor: sou commandante de um transatlantico.

CIUME BARBARO

(Conclusão)

Chega este e, muito assustado, disse que, tendo sahido bem cedinho para o campo á procura de uma vacca, que tinha falhado, ao cortar a estrada, encontrára um homem todo esfaqueado, já morto. Não o reconhecêra. E como a casa mais perto era a de S. Damião, corrêra afim de levar alguem para retirar o cadaver do meio da estrada.

Depressa Fidelis mandou sellar dois possantes cavallos e, em companhia de um seu filho, e do Joca, partiu em vertiginosa carreira para o lugar do sinistro. Chegando lá, reconheceram a victima: era o Baptista.

Recolheram o corpo inanimado do pobre rapaz e conduziram-no á fazenda S. Damião. Houve indignação geral contra tão vil attentado, e Joanna, abraçada ao cadaver, em copioso pranto, depoz muitos beijos na fronte livida do seu noivo.

O velho amor, quasi extincto pela longa ausencia e pela preferencia que vinha dando ao Felicio, renasceu-lhe forte e terrivel dentro do peito. Estreitou o corpo frio do seu primeiro namorado e, aos gritos, cahiu em peso no chão duro da casa.

Momento depois, os sertanejos levaram o cadaver para o cemiteriosinho proximo, cercado de madeira, onde o sepultaram.

* * *

CORRERAM tempos. O crime continuou envolto no mais impenetravel dos mysterios. Felicio ia á casa de Fidelis todos os domingos e a sua paixão por Joanna já era largamente commentada.

Contavam com a acquiescencia das duas familias e cada vez mais a sua amizade se robustecia. Elle começou a visitar a namorada com mais frequencia e um dia pediu-a em casamento. O velho concordou e deu-lhe resposta affirmativa, si bem que o achasse um tanto atrabiliario e insolente, quando, indo ás festas, bebia aguardente. Mas — pensou comsigo — a mulher corrigirá isso. Elle, casado, nem pensaria mais em sambas.

Tempos depois, na matriz da parochia, realizaram o casamento. Viviam felizes...

* * *

UM dia, porém, notou elle que Joanna, toda a tarde, sahia com uma sua amiga rumo ao cemiteriosinho da margem da estrada. Certa vez, quando as duas

— E o senhor ainda não pensou em divorciar-se, doutor?
— Sim, minha senhora; antes, porém, necessito casar-me.

---

partiram, elle, escondido por entre as arvores, acompanhou-as, espreitando de longe. Chegando ao humilde campo-santo, collocou-se por trás de uns arbustos e viu sua mulher dobrar os joelhos ante o monticulo de terra que assignalava o logar onde fôra sepultado o seu rival.

Elle voltou para casa, triste, contrariado, mas guardou aquella dôr pungente, que lhe rasgava o coração como si fôra um abutre cruel que se aninhasse dentro do seu peito. Decorreram muitos dias e as visitas continuaram todas as tardes, ininterruptamente. Quando o sol declinava, já uma sombra opaca, sinistra, começava a envolver a alma de Felicio. A amiga da mulher já abandonára os passeios, mas esta, todas as tardes, lá se ia triste e magoada conduzindo agora flôres silvestres para depositar nos braços toscos da cruzinha que se erguia no monticulo de terra.

* * *

UMA tarde, em que Joanna sahiu para o cemiterio, levando as florinhas campestres, Felicio acompanhou-a de longe, sem que fosse percebido. Ella, logo que penetrou naquelle logar triste, a horas melancolicas, procurou o pedaço de terra em que jazia o corpo do seu querido Baptista.

Ajoelhou-se, depositou as flores e ficou rezando.

Por entre as estacas da cerca, que protegia aquelle lugar sagrado, Felicio a espreitava. E notou então que dos seus olhos cahiam copiosas lagrimas, que, vagarosamente, iam molhando os bracinhos da cruz, derramando-se depois sobre o solo resequido.

Dentro do seu peito, avolumou-se uma onda de odio.

Transpoz a cerca e se approximou da esposa, exclamando:

— Como é que você, Joanna, vem rezar todo o dia por alma daquelle que eu matei p'ra que a gente pudesse casar-se?

— E foi você, Felicio, que matou o Baptista, que eu ainda hoje amo?

E cahiu pesadamente no solo, abraçando e beijando o monticulo de terra que cobria os restos mortaes do seu inditoso noivo.

Uma onda de sangue subiu ao rosto de Felicio e um ciume barbaro lanceou-lhe o coração sofredor e ulcerado.

Rubro de colera, allucinado, terrivel, arrancou o punhal da cinta e cravou-o no peito da mulher que elle mais amára na vida.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barrozo
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2-0377 — Administração: 2-4138 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cie. 8, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

A estréa

UM casamento inexplicavel! Realmente, não se concebe como alguns homens se casam por amor com determinadas mulheres.

Ella: Basilia Camunas, feia de nascença, feia e sem graça, ciumenta, genio terrivel. Chegou ao casamento por um milagre, e trata o marido quasi como um escravo.

Elle: Casemiro Gutierrez, *pequeno capitalista*, por herança do senhor seu pae, que foi homem de negocios e inventou uma pomada para o rosto, patente numero 555.555, vendida a um *explorador*, que pagou por ella cem contos e não conseguiu vender nenhuma caixinha...

Casemiro Gutierrez apaixonou-se como um louco por Basilia Camunas, e, embora seus amigos tentassem dissuadil-o de sua loucura, elle não acceitou razões e se casou com aquella, numa quinta-feira, 28 de fevereiro. No sabbado, 2 de março, estava inteiramente arrependido.

A vida do senhor Gutierrez não tem nada de patriarchal. Sem occupações e sem filhos, sua cara metade não o abandonava um só minuto. Com elle, pendurada a seu braço, sae a passeio todos os dias. Fazem juntos as visitas. Tambem unidos sempre, vão aos domingos á missa, entram no cinema uma ou outra noite e quasi todas as tardes estão no café.

Pobre senhor Gutierrez!

Elle nunca tivera instinctos peccaminosos. Mas, embora o diabo o houvesse tentado alguma vez, perderia o tempo lastimavelmente. Porque era o que elle dizia: "Não é possivel que eu cáia em algum enlevo. Difficilmente, terei occasião para isso. Mas, supponhamos que se me apresentasse e que eu cahisse... Ver-me-ia obrigado a ir ao encontro acompanhado de minha senhora!"

A vida está cheia de accidentes inesperados.

Um dia, a mulher do senhor Gutierrez foi atacada de uma estranha enfermidade.

O medico, chamado, disse:

— Eu não sei o que é isto. Mas não tenham cuidado, que passará.

A enfermidade consistia em uma completa paralização e rigidez de todo o seu corpo.

O senhor Gutierrez deu uma explicação aos vizinhos:

— Precisa estar na cama, forçosamente. E' um caso rarissimo!... Não ha meio de vestil-a nem de sentál-a. Além do mais, sua intelligencia e sua lingua estão tão animadas como sempre.

— E você?...

— Eu ao pé do canhão. Isto é, á cabeceira da cama desde que me levanto até á hora de deitar-me. Já não ha tempo para passeios, nem visitas, nem cinemas, nem cafés! Não quero abandonál-a... Nem ella me deixaria... Mas sou eu quem não quer!...

Basilia Camunas tem um primo tenor, que foi contractado para uma companhia lyrica.

Certa tarde, se apresenta em casa de seus parentes para convidál-os para a estréa da companhia, e encontra a prima de cama.

— Ora! Felizmente não é coisa grave, e Casemiro

De F. Peres Capo

Póde assistir ao espectaculo, que é hoje, ás dez e um quarto...

Conta o argumento da peça, refere as situações musicaes... Os numeros que elle canta são preciosos. Enthusiasmaram nos ensaios. Alvoroçarão na estréa...

Basilia transige. Tres horas se passam voando.

— Quando cahir o panno pela ultima vez, casa! — recommenda ella ao marido.

— Não te preoccupes, filha — diz o esposo, procurando apparentar que vae constrangido.

Dez menos um quarto. O senhor Gutierrez, já vestido, beija sua cara metade, e sae.

No caminho do theatro, se encontra com um amigo do seu tempo de solteiro, que o convida a tomar um chopp.

— Nada... Cinco minutos... Dois chopps... Nada...

O senhor Gutierrez vacilla e, immediatamente, capitula. Entra no bar ás 10 e cinco.

Gente alegre...

Trinta e cinco chopps.

A's tres e vinte põem o senhor Gutierrez na rua. Olha o relogio, e se dirige para casa.

— Como acabou tarde! — exclama a mulher, ao vêl-o entrar no quarto.

— Tardissimo. Noite de estréa — ajunta o marido, a quem o ar da madrugada *tranquillizou*.

— Que tal?

— Muito bôa!

— E meu primo?

— Fez um successão!

— Enthusiasmou muito á assistencia?

— Delirantemente.

— Quantas vezes bisou?

— Todas. Foi uma loucura.

— Que homem de talento, hein?!

— E grande!

— Mas, deita-te, que deves estar cansado.

— Até amanhã!

— Até amanhã!

No dia seguinte, por volta de uma hora da tarde, voltou o tenor á casa dos primos. Mal póde falar. Tem uma aphonia enorme.

O senhor Gutierrez, que acaba de despertar, não tem tempo de iniciar uma desculpa, "por não ter ido ao seu camarim, na noite anterior, afim de felicitál-o".

— Primo, que tens? — pergunta a enferma.

— Uma desgraça! Logo depois de sahir hontem daqui, apanhei um resfriado forte, com catarrho. Um golpe de ar, sem duvida. Casemiro já te deve ter dito.... Foi necessario transferir a estréa. Uma desgraça!

— Ah! Mas, então, o espectaculo não se realizou? — pergunta, espantada, a senhora Gutierrez.

O tenor se apressa a responder:

— Naturalmente! Como é que eu ia apparecer ao publico nas condições em que me encontrava?

Basilia gira a cabeça sobre o travesseiro, e lança um expressivo olhar a seu perturbado e infeliz esposo.

Traducção exacta do olhar de Basilia: "Has de ver o que te espera, grandissimo canalha!..."

O senhor Gutierrez sae do quarto e se ajoelha deante de uma reproducção do Christo de Velázquez existente no gabinete, e diz:

— Senhor!... Senhor!... Tem compaixão della e de mim!.... Não a deixes morrer logo!.... Mas tambem não a deixes levantar-se mais!.... Não a deixes levantar-se mais!...

UMA GAROTA

Dois actos de

A scena passa-se em uma sala do palacete de Elza. Mobilia elegante, rica. Portas ao F. e a D. D. Joanna, senhora magra e alta, está sentada numa cadeira de balanço; D. Maria, quarentona gorda e baixa, numa confortavel poltrona. Esta ultima tem nas mãos um jornal, cuja leitura parece interessál-a.

SCENA I

D. MARIA E D. JOANNA

D. MARIA — Escuta: (*lendo*) "Manoelina passou mal a noite de bontem. Apesar disso, os romeiros continuam a pedir preces e milagres".

D. JOANNA — Tomára Deus que ella não morra já!

D. MARIA — Tomára... Logo depois do casamento de Elza, pretendo ir ter com a Santa... Quero ver si ella me cura este maldito rheumatismo!

D. JOANNA — Tambem queria que ella me curasse a asthma.

D. MARIA — A Santa tem feito milagres pasmosos. Imagine você que a Esther ficou bôa da vista... Ella, que quasi nada enxergava! Confesso-lhe que antes não acreditava... Mas depois... Depois que vi a Esther curada, senti um estremeção cá dentro... Chi!

D. JOANNA — Eu sempre acreditei!

D. MARIA — Sempre... Gentes, que mentira! Você tambem, no principio, duvidou, confesse! Porém, como os jornaes diziam que morreriam as pessôas que duvidassem, você fazia que acreditava... Rezava, medrosa, pedindo a Deus que lhe désse fé.

D. JOANNA — Seja! Mas certo é que acreditei antes de você.

D. MARIA — Grande coisa! Nem por isso a Santa será menos misericordiosa com você do que commigo. Verá!

D. JOANNA — (*noutro tom*) — Quando partimos?

D. MARIA — Já lhe disse: Logo depois do casamento de Elza.

D. JOANNA — E si a Santa morrer antes?

D. MARIA — Cala esta bocca! Você tambem bota azar em tudo!

D. JOANNA — Mas si ella anda doente...

D. MARIA — (*com tristeza*). — E' verdade!... E' verdade!... Emfim, Deus é grande e bom: não permittirá que tal calamidade aconteça. Elza casar-se-á depois de amanhã. Partiremos no dia seguinte, está feito?

D. JOANNA — Combinado!

SCENA II

AS MESMAS E ELZA

ELZA — (*surgindo, no seu passo rapido e nervoso. A d. Maria*). — Mamãe, a minha costureira já mandou os vestidos?

D. MARIA — Não. E...

ELZA — Que aborrecimento! Miss Evelyn está me sahindo "melhor do que a encommenda".

D. JOANNA — Tem paciencia, a pequena!

ELZA — (*nervosa*) — Paciencia! A minha já se esgotou! Ninguem cumpre com a promessa... E eu que espere! Até o Marcio! (*encaminhando-se em direcção ao telephone, collocado sobre uma pequena mesa, a um canto*) Elle ficou de procurar miss Evelyn e é quasi certo que o não fez. (*Colerica*) Esqueceu-se, naturalmente!

D. MARIA — Pudéra! Pois si até se esqueceu quem é elle proprio.

D. JOANNA — Juro por Deus em como ainda não comprehendi o capricho de Elza em se querer casar com um homem... como direi?

D. MARIA — Desmemoriado, conforme elle proprio se classifica.

D. JOANNA — Você não devia ter consentido nesse casamento.

D. MARIA — Que quer!? A Elza é quem manda.

ELZA — (*folheando o catalogo do telephone*) — Claro!

D. MARIA — Todos os rapazes que se apresentaram candidatos, que Elza os recusou, allegando que eram uns caçadores de dotes. Até o Athos! E' louco por ella, o Athos.

D. JOANNA — E distincto que só elle!

D. MARIA — Foi companheiro de infancia de Elza.

ELZA — (*irritada*) — Não percam tempo em discussões que lhes não dizem respeito! Quem vae casar sou eu, portanto... Nem...

D. MARIA — Sim, é você... Nem podia ser eu!... Seria...

D. JOANNA — (*rindo*) — Seria engraçado!

A Mãe (*ao garoto*). — Ahi está teu pae, filhinho. Acaba de bater o record de permanencia no ar.

MODERNA

José Maria Senna

PERSONAGENS:

Elza
D. Maria
D. Joanna
Athos
Marcio
Chico Viola
Maria da Graça
Marianna
Criada

D. Maria — Dizia você...

Elza — Dizia que vocês não gostam de Marcio, porque elle não se recorda quem era ha tres annos atraz. Pois é isto justamente o que me encanta... E' um homem differente dos outros, não é um banal caçador de dotes: é rico tambem! E depois, devo-lhe a vida.

D. Maria — Na verdade, deve-lhe a vida. Mas não é razão para que o acceite por marido. Não é... Não, não é!...

Elza — E', porque quero que seja.

D. Maria — Está bem! (*Desconversando*) Já pediu as flores?

Elza — Já.

D. Maria — Encommendou os doces?

Elza — Já. Não me esqueceu nada.

D. Maria — (*aggressiva*) — Acha? (*Para Elza*)... Mas, que bobo!, eu sou sua mãe.

Elza — (*fazendo a ligação automatica do apparelho telephonico*) — E por que não gostam do Marcio? Porque elle... (*falando ao telephone*) Allô! E' miss Evelyn?... Então, vem ou não a minha encommenda?... Hein?... Está bem, está bem!... Mas faça o favor de mandál-a amanhã bem cedo. Adeus! (*collocando o receptaculo no gancho*) — Desculpas e mais desculpas.

D. Joanna — Continúa! Porque elle...

Criada — (*Surgindo*). — Senhora, ahi está um caixeiro com os calçados.

Elza — Conduza-o ao "hall". (*Sáe*).

SCENA III

AS MESMAS, MENOS ELZA

D. Joanna — Atrevida esta sua filha!

D. Maria — Que quer! Os filhos de hoje são uns ingratos, uns malcriadões. Tratam os paes como si tratassem os criados.

D. Joanna — E' triste, é!

Athos — (*perturbado*) E'... Quero dizer...

D. Maria — Não precisa atrapalhar-se. Você é moço. Claro está que não viria aqui, unicamente, pelos bellos olhos da mana Joanna.

D. Joanna — E nem pelas banhas da mana Maria.

D. Maria — Sáe dahi, estáfermo! Nem tão gorda eu sou, sua espicho!

D. Joanna — Espicho, hein!

Athos — Não se zanguem.

D. Maria — Essa desengraçada, a se fazer de engraçada, irrita, não é?

Athos — Paz! Nada de guerras. Conversemos.

D. Maria — Sim. Primeiro, porém, minha "querida" mana fará o favor de me dar minha cadeira de balanço.

D. Joanna — (*erguendo-se*). Toma. Bem pouco se me dá sentar aqui, alli ou ahi.

(*Trocam os logares*)

D. Maria — (*vendo Athos a inspeccionar, com a vista, a sala*). Ella está! Lá no "hall"!

Athos — Recebi a participação... E' verdade mesmo que Elza se casa com aquelle idiota?

D. Maria — E'. Infelizmente.

Athos — (*irritado*). Um absurdo. Casar-se com um homem, cujo passado está envolto em trevas... Como é mesmo essa historia? Elza falou-me ligeiramente de uma pancada na cabeça, um hospital... uma embrulhada que não consegui entender.

(*Continúa na pagina seguinte*)

SCENA IV

D. MARIA — D. JOANNA E ATHOS

Athos — (*entrando*). Dão licença?

D. Maria — Pois não! Bem sabe que a casa é sua.

D. Joanna — Naturalmente.

Athos — Obrigado! Sei que aqui todos me estimam. Só uma pessôa...

D. Maria — E a que mais lhe interessa, não é?

O *vagabundo* (*opportunista*). — Lembro-me, perfeitamente, de que, quando eu era criança, o noivo de minha irmã costumava dar-me algumas moedas para que eu os deixasse a sós...

D. MARIA — Foi assim...

D. JOANNA — (*ao mesmo tempo*). Eu lhe conto...

D. MARIA — (*com irritação*). Quem conta sou eu!

D. JOANNA — Pois bem! Conta lá!

D. MARIA — Marcio diz que um dia despertou sobre um leito, numa vasta sala, onde havia outros tantos leitos, muitos!, enfileirados de lado a lado e frente a frente, como soldados para a revista.

D. JOANNA — Dize logo: uma sala de hospital.

D. MARIA — Cala a bocca! Elle não sabia que era uma sala de hospital. Depois é que soube. (*Continuando*)... Olhou espantado em torno...

D. JOANNA — (*Interrompendo-a*). Circumvagou o olhar em torno, foi como elle disse.

D. MARIA — E não é a mesma coisa?

D. JOANNA — E' e não é! Olhar em torno não é o mesmo que circumvagar o olhar em torno, não é!

D. MARIA — Não se faça de letrada, ouviu? (*Proseguindo*)... Olhou em torno...

D. JOANNA — Circumvagou o olhar em torno...

D. MARIA — (*lançando um olhar de colera a D. Joanna*)... passava um homem de avental.

D. JOANNA — O enfermeiro.

D. MARIA — Marcio chamou-o e perguntou-lhe: "Onde estou? Quem sou?" O homem esclareceu: "Está no hospital de XXX. Ha uns dois mezes trouxeram-no para aqui. Havia despedaçado a cabeça em um poste, quando viajava no estribo de um bonde." Marcio replicou: "Mas quem sou eu... quem sou? De nada me lembro!

D. JOANNA — O homem então...

D. MARIA — Não se metta! (*proseguindo*). O homem disse-lhe que esperasse. Sahiu. Voltou, logo depois, com uma carteira, uma caderneta do Banco do Brasil e um talão de cheques. Entregou a Marcio os documentos, explicando que haviam sido encontrados no bolso do terno que elle vestia na occasião do desastre.

D. JOANNA — Por signal...

D. *Maria* — (*relanceando um olhar raivoso á irmã*). Marcio examinou o conteúdo da carteira: algumas cartas endereçadas ao sr. Marcio de Albuquerque, uns seiscentos mil réis...

D. JOANNA — Seiscentos, não: oitocentos.

D. MARIA — Seiscentos.

D. JOANNA — Oitocentos.

ATHOS — (*interrindo*). Seiscentos ou oitocentos não importa. Continúe, D. Maria.

D. MARIA — (*Continuando*)... e cartões de visita com os seguintes dizeres: "Marcio de Albuquerque — Advogado." — E só. Nenhum endereço. Nada mais.

UMA GAROTA MODERNA

(*Continuação*)

D. JOANNA — Mas a caderneta...

D. MARIA — Lá chegamos: A caderneta accusava um deposito de 500 contos e...

D. JOANNA — Quinhentos? Não estará enganada?

D. MARIA — Que mulher teimosa! Não estou.

ATHOS — Prosiga.

D. MARIA — ... e indicava a residencia de Marcio de Albuquerque, Hotel XXX. Marcio fez vãos esforços para se lembrar quem seria Marcio de Albuquerque. Inutilmente. Para encurtar historia...

MARCIO — (*entrando, de subito*). — Encurtal-a-ei melhor.

SCENA V

OS MESMOS E MARCIO

D. MARIA — Ah! Que susto!

D. JOANNA — Si eu soffresse do coração...

MARCIO — Era uma vez, não?... Mas, si me não engano, falavam a meu respeito.

D. MARIA — Sim. Contavamos ao Athos a historia de seu esquecimento.

ATHOS — (*desageitado*). Talvez que a esse senhor seja desagradavel minha curiosidade.

MARCIO — Absolutamente. (*Voltando-se para d. Maria*). Em que ponto da narrativa se encontrava, quando minha brusca entrada a interrompeu?

D. MARIA — Dizia eu que, por mais esforços que houvesse feito, não conseguira lembrar-se quem seria Marcio de Albuquerque...

MARCIO — ... que as apparencias indicavam fosse eu. Curioso é que só eu mesmo não me conhecia. No hotel, no banco, emfim em toda parte, onde sabia, pelos documentos que o enfermeiro me entregára, dever ser conhecido Marcio de Albuquerque, era recebido como velho "habitué". Dahi, não haver eu insistido: contentei-me em ser o que diziam que eu era. E contento-me. E sou feliz, juro-lhes! Si toda a humanidade visse as trevas descerem hoje sobre o dia de hontem, o de amanhã sobre o de hoje, e, assim, consecutivamente, seria mais feliz. Não viveria a se lamentar do tempo perdido, deste ou daquelle acto do passado. Caminharia, impassivel, para a frente, na certeza de que o dia de hontem seria trevas e nada mais.

ATHOS — E' possivel. Afigura-se-me, porém, que todo o homem deve caminhar no presente amparado no passado.

MARCIO — Muleta desnecessaria, quiçá perniciosa.

ATHOS — Um passado de lutas virilmente vencidas, serve de estimulo ao homem para enfrentar as batalhas de hoje e de amanhã.

MARCIO — Não concordo. Os soffrimentos, acarretados pelas lutas passadas, podem titubear o animo.

ATHOS — Dos fracos, creio!

D. MARIA — (*bocejando*). A palestra de vocês dá somno.

MARCIO — Falemos, pois, de outra coisa. (*Com ironia*). Por exemplo: dos milagres da Santa de Coqueiros.

ELZA — (*Entrando*). Então, mamãe e...

SCENA VI

OS MESMOS E ELZA

ELZA — (*Vendo os dois rapazes*). Marcio... Athos... Como estão?

ATHOS — Menos mal.

MARCIO — Querida, como está?

ELZA — Mal. A modista não me mandou os vestidos. As flores até agora. (*Noutro tom. A Marcio*). Você passou hontem na casa de miss Evelyn?

MARCIO — (*Batendo na testa*). Que maçada! Não é que me esqueci!

ELZA — Já sabia. Qualquer dia sahirá nú á rua.

D. MARIA — (*escandalizada*). Menina!

D. JOANNA — (*idem*) Elza!

ELZA — Que é? De que se admiraram? Vá depressa, Marcio, á casa de miss Evelyn e diga-lhe que estou á espera dos vestidos. Já telephonei, e nada.

MARCIO — Um pulo! Cá estarei dentro de dez minutos. (*Sáe*).

SCENA VII

OS MESMOS, MENOS MARCIO

ELZA — (*atirando-se numa poltrona*). Estou estafada. Nunca pensei que casar custasse tanto.

ATHOS — (*timido*). Elza... E' mesmo verdade?

ELZA — E'. Não recebeu a participação?

ATHOS — Mas, Elza... Você pensou bem no que vae fazer?

ELZA — Naturalmente.

ATHOS — Não. Não pensou. Este casamento é uma loucura.

ELZA — Que seja! E que tem você com isto?

ATHOS — E' que a amo tanto!

ELZA — (*Com mais doçura*). Melhor é não falarmos a este respeito.

(*Contúa no proximo numero*)

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

OS OLMOS

GABRIELA poz o assucar no café que a criada acabava de servir no salãozinho, e deu uma chicara a seu marido, que, sentado em sua cadeira preferida, fumava tranquillamente. Accendeu tambem ella um cigarro e declarou, de repente:

— Roberto, tenho algo a dizer-te.

Elle sorriu. Quando ella tinha "algo a dizer-lhe", o que significava uma vontade a expressar, ficava de pé, para ter mais autoridade. Elle a admirava erguida e resoluta em sua graça frágil.

— Que, Gabriela?

— Aqui está: quero ir aos Olmos.

Elle sobresaltou-se, e um signal de contrariedade lhe appareceu no semblante. Não esperava esse pedido. Gabriela continuou:

— Você deve comprehender que é ridiculo. Por que não me propuzeste nunca levar-me ali? Tens uma propriedade deliciosa, a duas horas da capital. Sim, deliciosa! Assim mo informaram: uma casa confortavel, um parque, um arroio, um terraço, e eu, tua mulher, não a conheço... Não me interrompas, Roberto, que eu já sei o que vaes dizer. Moraste nos Olmos com tua primeira mulher e foi por delicadeza que não me convidaste... Pois bem! E' ridiculo! Ha já seis annos que te divorciaste dessa pessôa, cujo temperamento era detestavel e cuja virtude pouco exemplar...

— Oh, Gabriela, não insistas!...

— Não insisto... Não procuro ferir-te...

— Não me feres, mas...

— Então continuou. Ella se casou de novo. E tu, no fim de dois annos, tambem te casaste novamente, commigo. Gosto de ti, e gostas de mim, não? Creio que já não pensas nella...

— Minha querida, tu bem sabes disso.

— Sim, já o sei... E' uma época de tua vida que está esquecida. Exactamente por isso é que acho ridiculo privar-nos dos Olmos por uma falsa delicadeza, por uma especie de sensibilidade irrisoria. Si não queres voltar aos Olmos, será necessario...

— E' uma propriedade de familia, onde passei minha infancia, e que, por isso mesmo, amo grandemente. Garanto-te que é unicamente em respeito a ti... porque eu receiava...

— Já o sei. Por isso te declaro francamente que não me importa nada encontrar-me comtigo, ali. Reflecte: porque tu e ella vivestes aqui, tu e eu não deveriamos viver aqui, nem ir a nenhum theatro, nem a restaurante algum onde vós dois houvesseis ido... Não é desse modo que se interpreta o amor... Isso poderia ser, talvez, nos tempos do romantismo... Mas nos dias presentes... Eu sou moderna, sou uma mulher pratica: não me deixo enganar por falsas apparencias... Temos os Olmos? Pois procuremos aproveitar-nos delles.

— Sim, minha querida; tens muita razão...

Roberto, passada a primeira surpresa que lhe causára o pedido de Gabriela, havia reflectido.

Esse pedido, a principio, lhe havia incommodado, porque julgára ver nelle uma prova de que sua mulher não o amava tanto como elle suppunha. Depois, ao ouvil-a, percebêra que seus raciocinios eram perfeitamente logicos. Ao mesmo tempo, estava tambem encantado com a possibilidade de se encontrar de novo na querida mansão, onde em menino vivêra horas felizes.

— Quando partimos? — perguntou Gabriela. — Tenho muita vontade de conhecer tua casa. Na ultima primavera eu queria ir... Mas não me atrevi a falar-te... Como vae ser delicioso! Quando partimos?

de Frederico Boutet

— No fim da semana, si quizeres, minha querida. Vou escrever ao jardineiro. Elle e sua mulher nos servem de guardas. Iremos no nosso automovel, não?

— Como vae ser divertido! Procuremos partir na sexta-feira. Tenho uma vontade louca de estar ali. Voltaremos com frequencia, não?... Creio que me sentirei melhor, nos Olmos, do que em qualquer outro logar. Mesmo no inverno deve ser encantador viver numa bella casa de campo bem organizada. Meu Deus! Como estou contente!

Atirou-se para o marido, afim de beijal-o. Elle riu tão alegremente quanto ella.

Os preparativos da partida lhe pareceram uma verdadeira festa. A viagem de automovel foi deliciosa desde o principio até o fim. E por volta da metade da tarde, depois de haver atravessado uma pequena villa e uma ponte sobre um rio aprazivel, chegaram.

— Eis-nos, afinal, nos Olmos!

Roberto designava, meio occulta por grandes arvores, uma attrahente casa cinzenta.

Gabriela, quando, depois de atravessar o jardim, o auto parou sob uma marquezinha, desceu em primeiro logar. Respondeu affavelmente ás saudações dos jardineiros e agarrou impetuosamente o braço do marido.

— Leva-me, leva-me a ver tudo! A casa e o parque. Quero ver tudo!

Sorrindo, dócil, Roberto obedeceu. Era feliz vendo a alegria da mulherzinha, que se extasiava e fazia planos sobre tudo.

Para elle, a alegria era menos viva, e, sem que o confessasse, menos intensa do que suppuzera. Encontrava recordações a cada passo.... Recordações de infancia, certamente.... Mas tambem outras recordações, e estas se lhe impuzeram sobre as primeiras, anniquilando-as, dominando-as por completo. Roberto revivia as horas que vivera nas semanas de primavera, ou de estio, com ella, um ao lado do outro. Via novamente essa Thereza, morena, violenta, ciumenta, injusta, infiel, que o fizera soffrer, para depois fugir delle...

Sim, mas antes de trahil-o e de abandonal-o, ella o havia amado, havia amado apaixonadamente, estava certo disso. Ali, nos Olmos, sozinhos os dois, haviam desfructado horas de amor ardentes e sinceras. Naquella casa, naquelle parque, haviam trocado juramentos e beijos... E eram essas recordações que, a cada passo, nos aposentos, nos pequeninos bosques, nas avenidas, surgiam imperiosas, dominando Roberto, enervando-o...

De repente, sentiu elle a necessidade de um consolo, e quiz afastar para sempre essas recordações, supprimir esse passado pela affirmação do presente. Gabriela estava ali, silenciosa agora, cansada sem duvida. Roberto inclinou-se para ella, estreitou-a nos braços, beijou-a.

Pallida, com o rosto contrahido, ella gritou-lhe:

— A quem beijas? A ella ou a mim?

E fugiu, suspirando...

O MYSTERIO

— Você, que tantos adoradores teve — disse a formosa coquette, dirigindo-se á dama que passava ao largo do terraço do hotel — poderia escrever ou contar muitas coisas interessantes sobre o amor e os namorados.

— E' verdade — affirmou a formosa senhora, lançando um suspiro. — Os nomes dos que me amaram ou pretenderam amar-me começam com todas as letras do alphabeto. Seria um grande trabalho para mim o reconstituir a lista... Todos mo confessavam com a voz quente e doce que se emprega para dizer o que vem do fundo da alma. Eu conhecia muito bem o timbre daquellas vozes. Todas tinham a mesma entonação apaixonada, impetuosa, vibrante... Pois bem, senhora, escute: a impressão unica e real que tive do amor não me foi revelada por nenhuma dessas vozes. O unico homem a quem amei, o unico em cuja paixão acreditei, nunca falou commigo em amor, nem ao menos me disse que me amava...

— Oh! — disse a coquette, cheia de espanto. — Mas isto é mais complicado do que parece. Esse facto de amar á senhora e não lho dizer focaliza um problema que exige explicações...

— No emtanto, — insistiu a dama — eu não poderia escrever sobre isso nem uma linha mais do que já lhe expuz: elle me amava e não mo disse; e eu o amei... Eis tudo. Ainda vejo seu rosto, pallido, como que envolto em melancolias de crepusculo... Si Octavio Mark morreu — accrescentou, depois de uma pausa, e com voz grave, — seu espirito deve fluctuar no ambiente sentimental desta incomparavel tarde.

A formosa coquette inclinou a fronte, silenciosamente, contagiada, talvez, pela pena que havia na voz da narradora.

— O espirito de Octavio — repetia a dama — era como uma bella tarde. Seu rosto e seu coração tinham as suavidades deste céo... Seus olhos tinham esta luz... Recordo-me que nas festas se aproximava de mim por um momento, dirigindo-me algumas palavras sem olhar-me o rosto, e, depois, se afastava para um recanto do salão... E toda vez que eu dirigia meus olhos para lá achava que os seus me estavam olhando... Isto, que é tão simples, me impressionava de um modo especial. Elle podia ver-me de perto e preferia ver-me de longe... Por que?... Quando me visitava, sua conversação não era expansiva. Si não tinha interesse em falar commigo, por que me procurava? E, si me procurava com frequencia, por que me falava tão pouco? Ha tanto o que dizer quando se têm os mesmos gostos... E os nossos eram tão semelhantes!... Mas, não. Octavio usava da palavra para contar-me, com voz tranquilla, este ou aquelle acontecimento sem importancia, e, de repente, fixava seus olhos em alguma coisa, ou no chão, e se calava.

"O silencio reinava então — um silencio

Maria Henriqueta

terioso e profundo.... E em meio delle ouviamos os ruidos mais leves: o vôo de uma mosca que se defendia da aranha, o tic-tac de nossos relogios, o estremecimento de um movel cuja madeira se abria, o canto de algum insecto que se arrastava pelo tapete sob o canapé, e, sobretudo, o pulsar de nossos corações... Nesses momentos, Octavio empallidecia ainda mais, e eu sentia como que algo apertar-me a garganta. Quem poderia, então, ser o primeiro a romper aquelle silencio? Nenhum dos dois... "Será preciso falar" — pensava eu. Mas a só idéa de despregar os labios e levantar a voz me produzia calefrios... O mesmo devia estar se passando no cerebro de Octavio, porque que eu o via immovel, com os olhos baixos, reduzido a sua minima expressão na grande cadeira de pellucia verde, com os dedos entrelaçados, em um movimento nervoso. Devia soffrer, porque em seu resto havia como que uma contracção de dor. E eu tambem soffria angustias sem nome: faltava-me a respiração, doiam-me as faces, o coração e os pulsos batiam-me fortemente... Quem seria capaz de o negar? O amor estava ali, entre os dois; envolvia-nos, unia-nos... E nós o sentiamos, o apalpavamos.

"Octavio apanhava, de repente, o chapéo e se despedia. Sua mão, suave e mais fria do que o gelo, se apoiava levemente na minha. Ao estreitá-la, eu tinha a impressão de sentir nos dedos uma ave birta... Entre aquellas visitas e aquelles silencios, minha existencia deslisou por longo tempo, até que, uma tarde, Octavio, com sua voz gelada, com sua attitude triste e sua palavra breve, se apresentou em minha casa para dizer-me que partia para o Egypto pelo vapor do dia seguinte.... Ao ouvir aquella noticia, que me feria fundamente o coração, senti que ia cahir no chão...

"Pude dominar-me, e, depois de serenar minha voz, lhe perguntei simplesmente: "Você voltará breve?" "Não sei ao certo — respondeu-me. — Mas espero que sim..." "E... escreverá?" — ajuntei, a meia voz. "Sim, sim!" — respondeu-me elle, num impeto. — "Escreverei." levantou-se, indicando-me que se retirava. Ergui-me por minha vez, e me preparei para offerecer-lhe a mão. Elle a estreitou levemente, como sempre, inclinou a cabeça e dirigiu-me para a porta. Quiz gritar-me: Octavio! Octavio, eu morro!..." Mas a voz não me subiu á garganta. E elle devia sentir os mesmos impulsos que eu sentia, porque, ao chegar á porta, voltou o rosto, olhou-me dolorosamente e moveu os labios. Eu, com ansiedade immensa, levantei meus braços para receber aquellas palavras. Mas a voz se lhe apagou, e as palavras não lhe sahiram da bocca... E Octavio Mark transpoz para sempre aquella porta.... Este é o fim da historia, porque depois.... suas cartas jamais chegaram...

GÉCA (Goyaz) — Como a sua carta tem um sabor anecdotico, quero transcrevel-a na integra:

"Sr. Yves: Saudações. Começo por contar-lhe um facto occorrido ha muitos annos nesta Capital, para depois dar-lhe a razão de ser desta carta.

Havia aqui um antigo "mestre-escola" que tinha, como muita gente, a mania de fazer versos, sem ser poeta.

Por aquelles tempos os Yves e os Cabuhy Pitanga não existiam ainda e os criticos indigenas andavam em serios embaraços para emittir opiniões sobre os innumeros trabalhos em prosa e verso que de todas as partes da Provincia lhes vinham ter ás mãos.

Entre esses criticos, pela sua fama de fraqueza e de saber, destacava-se o engenheiro Feliciano Lisbôa, a quem os noveis literatos temiam justamente e de cujos elogios se vangloriavam alguns poucos.

O nosso mestre e poeta, conhecido geralmente por "Mestre Timotheo", entendeu certo dia de colher a opinião do engenheiro sobre uns versos que escrevera para serem cantados, celebrando o luar goyano.

Antes de atiral-os á publicidade, sob a protecção da pallida Diana, que os inspirára, procurou, pois, ver se conseguia para elles uma opinião favoravel, para que não dizer — um elogio mesmo — da suprema autoridade no assumpto.

O engenheiro ouviu toda a leitura, sob um silencio verdadeiramente religioso. Uma attenção de que parecia compenetrar-se da grande responsabilidade que lhe impunha o seu papel de critico literario.

Terminada que foi a declamação, quando o consulente esperava receber os "muito bem", "lindos", "magnificos", etc., escutou, com muita surpresa, o Dr. Feliciano passar a assoviar uma velha marcha funebre.

— Mas, Doutor, o sr. não disse que tal achou o meu trabalho...

— Olhe, "seu" Timotheo, eu estava ensaiando e cheguei á conclusão de que os seus versos ficarão melhores se forem assoviados do que cantados...

*

Agora, o assumpto desta:

Em Fevereiro do corrente anno, submetti á sua apreciação um conto "Apuros de Vigario" e como o sr. não tenha querido dizer, até agora, pela secção que dirige na revista "Fon-Fon", que o achou muito bom, que sou um literato de verdade, etc., devo agradecer-lhe a deferencia que teve para commigo, deixando de desancar-me a "madeira", á semelhança do que tem feito, semanalmente, com os meus innumeros "collegas" de todos os pontos do Paiz.

Compreendo o seu silencio e só lhe venho pedir é que continue calado como até aqui, compromettendo-me eu a nunca mais tentar invadir seáras alheias.

Porque tambem não desejo provocar com esta, resposta semelhante á que levou o meu conterraneo e "confrade" *Mestre Timotheo.*

Moralidade.

Nem sempre o silencio significa approvação...

Creia-me, comtudo, seu, muito admirador. — *Géca.*"

Bem. Agora, um commentario: Visto que o sr. sabe escrever, eu chego a esta conclusão mui simplista:

A) — A sua collaboração não chegou ao *Fon-Fon*. E si aqui chegou, não veio ás minhas mãos.

B) — Si veio até cá, e não foi publicada, a explicação está no seu titulo irreverente: "Apuros de Vigario". No FON-FON o clericalismo é um assumpto tão respeitoso como a *propria* egreja catholica.

Agora, outro commentario. Como o sr. é uma tendencia para o humorismo, pode enviar-nos contos chronicas, ou outra qualquer collaboração, de estylo leve, nas quaes possa dar largas ao seu bom humor...

ADELIA BOMFIM (3) — Bem sei que a sua intelligencia só fosse negativa — uma vez. Com a sua réplica, estou convencido de que ella é negativa duas vezes. Meus pezames, D. Bomfim...

Eis a sua carta:

———

O medico. — Esta proeminencia frontal indica um genio brusco e irascivel.

O paciente. — Isto é verdade: o genio de minha mulher.

todos...

"Carissimo Yves. Envio-lhe esta dactylographada, afim de facilitar a composição typographica.

Não colecciono *Fon-Fon*. Depois de lida, costumo envial-a immediatamente a uma amiguinha do interior. Por esse motivo não transcrevi o longo periodo de sua resposta á *Garotinha* e não *Morgadinha*, como me referi.

Engana-se em suppor que eu esteja á procura de letra por letra do que os outros escrevem. Quando, porém, uma cincada daquellas fere-me os olhos, não me contenho, principalmente se é commettida por quem, na qualidade de critico litterario, deve conhecer coisinhas rudimentares da grammatica portugueza.

Tenho hombridade precisa para transcrever integralmente o trecho que engasta aquelle *pronome precioso*... Será obsequio ver *Fon-Fon* de 16 de Maio, pagina 20, 2ª columna:

"GAROTINHA (S. Paulo) — A sua cartinha tem um caracter muito intimo. Quasi confidencial só interessando a minha pessôa. Poderia servir-me do endereço que me dá para lhe escrever particularmente. Mas, francamente, como v. ex. se expressa numa linguagem familiar, estylo authenticamente *domestico*, acontece que eu teria de ser ridiculo, si lhe respondesse no mesmo tom — mas num caracter de "irmãozinho mais velho", de "priminho", de "amiguinho", de "bocosinho", de "bobinho", *cuja* (o grypho é meu) carta seria lida, relida, fiscalizada, censurada, contada, pesada, medida, em conselho de familia, entre "ohs" de admiração, etc."

Tem agora elementos para dizer se não errou redondamente e se isso não é portuguez cassange..."

Si isso é cassange — não sei. Mas peça ao seu professor para analysar esse ultimo periodo, e elle lhe dirá: "O' intelligencia pelo avesso!" cuja carta seria lida", se refere a "bobinho". Isto é, "bobinho", *de quem* ou *do qual* a carta seria lida, etc.

Mas, isso, quem lhe responderá ha de ser o seu mestre-escola — porque, de minha parte, não discuto com pessôas cuja intelligencia está pelo avesso...

Gostou?

A sua letra — typo pequeno, fina, redonda, delicada — indica, em graphologia: estreiteza de idéas, mesquinharia, chatismo...

Meus pezames — outra vez.

SENHORITA LETRADA (São Paulo) Antes de tudo, queira acceitar os meus agradecimentos pela sua carta gentil e perfumada. Uma carta perfumada? Só mesmo de uma paulista — apesar desses duros tempos de crise... Sim, porque, vamos e venhamos — São Paulo ainda brilha, sob todos os aspectos, como estrella de primeira grandeza na constellação da bandeira nacional. Brilha pelas suas possibilidades economicas, pela actividade industrial e commercial, pela cultura e pujança do seu povo.

Viva S. Paulo!

De sorte que não me admiro de vêr que as paulistanas ainda usam perfumes caros e fino papel de linho.

Quanto ao segundo capitulo de sua missiva, adianto, apenas, que não discuto politica. Politica, religião e caprichos de amor não se discutem. A politica é paixão conjugada a interesses partidarios ou pessoaes; religião depende de nossa fé, a "fé que remove montanhas" segundo o texto biblico; caprichos de amor... Já disse o velho Pascal: Le cœur a des raisons qui la raison ne connait pas".

Em todo caso, repetirei aqui a imagem de um amigo meu, homem pratico, intelligente e observador: "E' difficil reconstruir um predio velho, parte com material antigo, e parte com material novo — sem levantar nuvens de poeira". E como essa poeira é espessa — digo eu — é claro que ha de incommodar os olhos de alguem.

Collyrio maravilhoso de bom senso e paciencia — 1 vidro

Poetisas francezas? Não é farta a messe. Em todo, dou-lhe aqui uma lista das que me parecem menos mediocres: "Les Pierres Sonores", Lyra Berger; "Les Charmes", Jane Catulle Mendés;

(*Conclúe na pagina seguinte*)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 20 - 6 - 931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

"Ferveur", "Horisons", Lucie Delarne-Madrus; "Le Bel été", Marie-Louise Dromart; "Vivre", Cécile Périn.

Gosto de Cécile Périn... Ella tem coisas adoraveis. *Litanies* é um poema cheio de emoções e belleza. Ella diz, como quem soluça ao ouvido de alguem...

"Tout le jour vers ton coeur mon coeur a sangloté.
Mon coeur, ivre de toi, t'apelle, ô Bien-Aimé...

J'irai bravant la mort, par les chemins arides,
Vers ton amour qui luit comme un soleil splendide.

Je brulerai mes yeux tendres á la clarté
Torride, ruisselante et rouge de l'Eté!

J'irai sous la langueur monotone des pluies;
Ainsi de toi mon coeur se languit et s'ennuie..."

E prosegue, neste diapasão, a prometter que fará todas as loucuras pelo amante — até concluir que

"Je veux poser mon front entre tes mains unies
Ea sentir mon coeur fondre, a jamais, dans ta vie..."

A gente sabe que tudo isso é puro e simples lyrismo. Ninguem acredita que as mulheres sejam capazes de sacrificios por nós. De resto, ellas mentem tanto, em materia de amor, que seriamos verdadeiramente imbecis, si fossemos aceitar, como verdade, o que possa dizer uma poetisa... Além de feminina, ella sabe crear, como artista, essas coisas admiraveis, que só vivem na imaginação...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Eu não acredito em Cécile Périn, mas admiro o que ella diz, com essa vontade de ser bôa, doce e até mesmo sincera. Até sincera!

A sua poesia é feita de encantadoras intenções e enternecimentos suaves, embaladores. Pois não é?

Como é lindo isto:

"Durante o dia todo, meu coração soluçou pelo teu: cheio de ti, embriagado, meu coração grita por ti, meu querido!"

E adeante:

"Quero que a minha cabeça descance na concha de tuas mãos... afim de sentir meu coração se fundir com a tua vida, para sempre!..."

E' lindo, sim. Tanto mais quanto a gente sabe que tudo isso é poesia...

JACINTHO FRANCESCHINI (Capital) — Agradeço-lhe a informação que me presta quanto á autoria do soneto "Meu coração", a que se refere a minha resposta a *Kat*, no *Fon-Fon*, n. 23.

Eis a carta que o sr. me endereça:

"Rio-7-6-931. Meu caro Portella. Saudações. Sendo assiduo leitor de "Saibam Todos", e tendo deparado no ultimo numero de "Fon-Fon" um appello do amigo, para o descobrimento da paternidade do soneto "Meu Coração" cumpre-me dizer que a referida poesia é de I. de Schloembach, e consta numa collecção de sonetos editado ha tempo por uma livraria de S. Paulo.

Queira acceitar meus votos de admirador do teu talento. — *Jacyntho Franceschini*.

Fica assim esclarecido o caso. E eu me penitencio pela ignorancia que manifestei com relação a esse detalhe literario da vida contemporanea.

O soneto "Meu coração" não é de Alceu Wamori, grande poeta gaucho.

D. CEZAR DE BAZAN (Capital) — Não tenho o prazer de conhecer pessoalmente a joven escriptora Conchita Gil. Mas lhe asseguro que é esse o seu verdadeiro nome, e não o pseudonymo do escriptor a quem se refere. O sr. não é nada habil. Do contrario, já teria observado que o estylo da nossa collega não revela nem um traço de virilidade. Tudo nella é vivido, imprevisto, moderno, feverdade, mas profundamente feminino. Até mesmo a ruse...

Presumo que seja creança — 16 a 17 annos.

Quanto aos detalhes physicos — direi como Verlaine:

Est-elle brune, blonde ou rousse?
— Je l'ignore.

Bonita? E' possivel... Gorda? Magra? Fina? Esbelta? *Chi lo sa?*

Geralmente, as escriptoras, as intellectuaes, só apparecem por um fio... telephonico... Mas, por esse fio, ellas tudo conseguem: *Compram* e *Vendem* a nossa alma — embora nada fiem...

Si o sr. está apaixonado pela joven escriptora, "a quem admira mesmo sendo um barbado, na pelle de uma Eva", é possivel que não chegue a desmaiar de paixão, mas acredito que ficará atordoado com esse infame trocadilho do *fio* com a literata que nada *fia* porque, de certo, de tudo *desconfia*, justamente porque teve a idéa de *enfiar* pelo caminho das letras...

Uff! Si está desmaiado, D. Cezar, não me negue...

GRANADAS DE MÃO

Na vida, como na pintura, a meia-sombra é tudo.

• • •

Tanto no amor, como no crime, não ha dignidade. O egoismo unicamente subsiste.

• • •

A mentira, na mulher, é uma qualidade, no homem, uma necessidade...

• • •

A ironia é um disfarce do soffrimento.

Ha mulheres que galvanizam a reputação: por mais que a exponham não a oxydam.

• • •

No amor, como no commercio, é forçoso o mentir. O homem que não mente, nunca chegará a ser amado... A mulher tem dessas originalidades.

• • •

Entre a infelicidade (será?) conjugal num casamento por amor e outro por interesse monetario, é preferivel a do realizado por dinheiro.

• • •

Depois do Tempo, só o Dinheiro tudo apaga...

• • •

Uma mulher solteira tem fé; o noivo faz a caridade; e a mulher casada é sempre uma esperança...

• • •

Tanto o adulterio, como a filiação duvidosa, têm sido um premio de loteria para muita gente...

DO SERVIÇO SECR

JORGE Agabekow, membro do Serviço Secreto russo, publicou, recentemente, umas revelações sensacionaes, que reproduzimos, a titulo de curiosidade.

• • •

"Quando começou a revolução, fiz-me membro do Partido Communista e, mais tarde, quando a legislação operaria foi estabelecida, me designaram para commandar uma guarda vermelha no Turkestão. Depois, servi como agente politico na frente durante as operações contra o general Kolchak, e, em 1920, entrei para o serviço da "O G P U".

Fui chefe representativo della em varios paizes occidentaes. Em alguns casos, estava addido á legação sovietica e tinha posição official. Noutros, como em Constantinopla, não ha muito, passava por commerciante bem situado, que nada tinha a ver com os politicos e representantes do Soviet e somente se occupava de seus negocios.

Tinha, com effeito, tão raro contacto com a embaixada sovietica, que durante meus oito mezes de permanencia em Constantinopla nunca fui a ella. Nem o embaixador, nem seus empregados sabiam quem era eu. Meu nome tambem não lhes podia dizer grande coisa, porque o mudei vinte e cinco vezes emquanto trabalhava para a "O G P U".

Até quando fui designado chefe da secção occidental da "O G P U" e me installei em Moscou, não estive em relação diaria com os chefes da Russia Sovietica. Foi esse o principio de minha desillusão. Ella chegou gradualmente. Não foi o resultado de alguma injuria á minha vaidade pessoal ou a meus interesses, pois continuei subindo e confiaram-me novas e mais importantes missões.

Comecei minha reacção em janeiro. Precisava desmascarar a "O G P U" e suas organizações secretas, que ninguem melhor do que eu conhecia. Ella póde ser descripta como a maior e mais poderosa politica secreta de espionagem do mundo. Comecei a escrever um livro em que me propunha demonstrar o que a "O G P U" era em realidade, e quando a obra estava prompta, abandonei Constantinopla e o serviço sovietico.

Eu havia adquirido consideravel pratica em controlar a correspondencia diplomatica. Poucos diplomatas ainda suspeitam algo do assumpto. Essa ignorancia póde ser illustrada com o seguinte incidente divertido que experimentei:

De Adonai de Medeiros

Ha maridos que são como aquelles empregados de casas de modas fazedores de montras: sabem expôr a mulher...

* * *

O individuo deve temer não aquelle que manda, mas o que obedece...

* * *

Muitas vezes vamos encontrar a felicidade num crime...

* * *

O criminoso só se diz infeliz, quando não póde mais viver dentro do ambiente em que se fez.

* * *

As mulheres futeis são como as joias de fantasia: illudem pela apparencia.

* * *

Muita gente censura os erros de outrem porque os possue e não tem coragem de commettêl-os.

* * *

Dizem os supersticiosos que o "olho de boto" attrae a felicidade: a mim é o meu monoculo escuro...

O amor, como o ether, embriaga; porém, ambos atacam o coração.

* * *

Entre a embriaguez do amor e a do ether, sou pela do ether, por ser mais agradavel, como tambem por nos aproximar do manicomio, que é o sarcophago dos vivos que tiveram o direito de commungar, livremente, das miserias da humanidade.

* * *

"Mais amor e menos confiança": ha quem, sob a capa do amor, abuse da confiança...

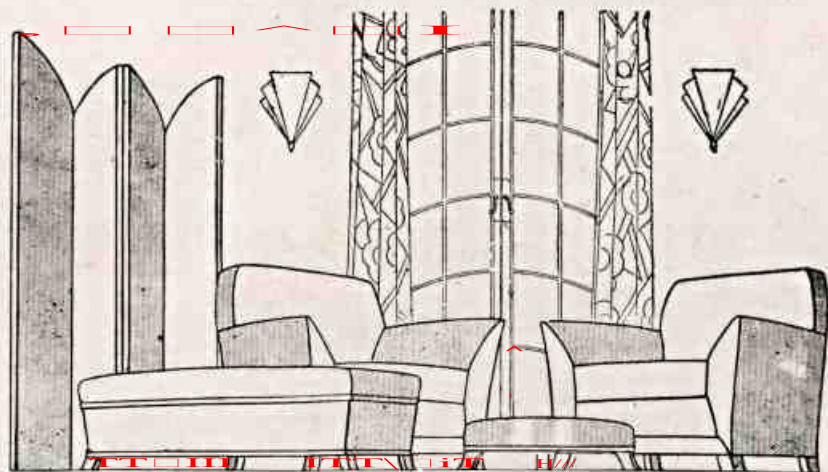
Em 1927, estava eu na chefatura da "O G P U", em Teherãn. Nominalmente, era addido á legação. Meu trabalho principal era saber o que os representantes estrangeiros escreviam a seus chefes, em Londres.

Um dia, dediquei-me a tirar photographias das informações do ministro allemão em Wilhelmstrasse. Tinhamos varios individuos habeis para abrir e fechar cartas tão engenhosamente, que ninguem podia suspeitar que houvessem sido violadas. Depois de ter tomado as photographias e apagado todo o signal do nosso trabalho, devolvemos a correspondencia ao correio, de onde foi enviada a Berlim. Entreguei as impressões photographicas ao ministro do Soviet, Dantian.

Na mesma tarde, se realizava, na legação, uma recepção em honra do corpo diplomatico. O ministro allemão Herr Schulenberg conversava amistosamente com seu collega russo, Dantian.

Herr Schulenberg, que tinha um espirito economico, queixava-se amargamente das altas taxas com que o correio persa gravava a correspondencia diplomatica.

Dantian, que lêra as informações de seu collega, replicou, com um sorriso:

— Tem razão: é muito caro. Sobretudo levando-se em conta que pagamos esse dinheiro para nada, praticamente.

Toda hora de doença é tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras", em sua vólta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

A HORA CERTA DO SOFFRIMENTO.

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e podem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. É, pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

A Saude da Mulher

— sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flores-Brancas — assegura o prazer da vida, que só póde ser perfeito quando existe perfeita saude.

FAIANÇAS

Capricho — fundo da alma feminina

AS mulheres são como as rosas e as andorinhas: vão e voltam. E' tudo uma questão de paciencia: esperem, e hão de vêr que ellas retornarão, como as rainhas dos jardins e as aves de arribação.

Si não voltam as mesmas andorinhas, outras voltarão em seu logar. E si é certo que as rosas são sempre as mesmas, isto é, breves como as de Malherbe (licença para esse passadismo); lindas como as de Saadi, e cheirosas como as de Jericó, tambem não é menos exacto que as mulheres, sendo iguaes áquellas fissirostros, (*Vade retro!* que nome!) e ás filhas dos parques e jardins, só possuem, das ultimas, — muitas vezes, — os espinhos que incommodam e férem traiçoeiramente.

Os senhores comprehendem bem o que pretendo dizer — em palavras menos pedantes. Quero fazer sentir que as mulheres, indo e voltando, como as rosas, e as andorinhas, as mais das vezes, quando voltam, não trazem senão os defeitos das que foram.

Defeitos? A bem dizer, a mulher não possue defeitos. Todas se julgam anjos...

De modo que é uma temeridade avançar uma affirmativa tão rude.

Mas substituamos os defeitos por virtudes, "peregrinas virtudes", "raros predicados"...

Quaes são estes e aquellas?

Elles se resumem numa simples palavra: capricho.

Talvez por isso que Machado de Assis fez notar que o fundo do coração feminino era forrado de capricho...

"O capricho — diz o ironista das "Memórias de Braz Cubas" — é o fundo do coração de todas as mulheres".

Na verdade, tudo nellas é capricho.

Capricho que sublimiza ou rebaixa a sua pessôa.

Capricho infame como o da mulher de Putifar, ou hysterico como o de Salomé, pedindo a cabeça de Iokanaan; capricho sublime como o de Soror Marianna, — morrendo de amor num convento, por um sargentão grosseiro e enfatuado, e nada sentimental; capricho como o de Cleopatra, fazendo-se picar por um áspide, e succumbindo depois para se não tornar escrava; e capricho como o daquella ingleza ardente, de que fala Dekobra, a qual se transporta para a India, unicamente com o fito de trair o seu esposo — "le porc-épic", no conceito do romancista francez...

Capricho, como se vê, na lenda, na ficção, na historia, nas tragedias da vida. Capricho em

(*Conclue na pagina* 30)

Quando o photographo assesta a machina, «ellas» só pensam em si...

SOMBRAS NAGUA...

SOZINHO

TUDO na vida é assim. Breve. Tudo se evanece no tempo. Nada ha eterno na existencia, que não perdura. Sonhos, lagrimas, alegrias, virtude, odio e amor. Tudo se faz poeira e tudo passa. Tudo vae no turbilhão da vida, no torvelinho da dor. Tudo que maravilhava e enternece. Tudo. Na evanidade das coisas, na duvida que nos avassala no mysterio do mundo, para que nos serve a vida? Valerá a pena viver só para nos desenganarmos?

DELLE PARA ELLA

— Dentro de breves dias, você estará longe. Longe. Sob outro céo, deante de outro mar, vendo outra paizagem. Noutra cidade, tão longe, entre outras gentes. Você illuminará tudo, encherá tudo de graça, remoçará tudo. Com a sua belleza. Com o seu encanto. Com a sua ternura. Lá longe, nas horas de melancolia resoando nos sinos altos e diluindo-se nas luzes vesperaes, na envolvencia crepuscular, você ha de estender os olhos bonitos para onde ficaram recordações e amavios. E ha de recordar-se do instante que vivemos (tão breve!) como um lyrial sonho de nupcias. Ha de lembrar-se. E ha de querer talvez saber, então, o que você foi na minha alma, sem saber o que fui no seu coração.

Eu sei que no seu coração fui sonho que passou. Folha que a corrente arrastou. Visão que se diluiu no ar e não deixou lembrança. Coisa nenhuma. Na minha alma você foi um dia azul, uma alvorada, um delicioso effluvio. Você me deu a embriaguez de um sonho carinhoso. Encantou-me. E sem nunca a haver tocado, senti você como si a tivesse sorvido num divino licor e me embebido no fluido da sua pessôa dulcissima. Lá longe, volvendo os olhos, você me verá como uma sombra que passou. Eu verei você, na memoria da minha saudade, como uma creatura immaterial e formosa a quem amei muito, a quem amaria toda a vida.

A alma que você tem viverá vazia de mim; o coração que eu possúo viverá transbordando de você.

DELLA PARA ELLE

— Coração que se compadece de todos os infelizes, que procura adivinhar as miserias alheias para dellas apiedar-se, que se confrange em saber que ha desgraçados que soffrem nos presidios e se extinguem nos hospitaes; coração que pulsa menos por mim mesma do que por quantos necessitam de afago e de felicidade, eu não podia deixar de ter pena de você. Eu o não podia amar. Não podia têl-o no meu coração vestido do meu amor; posso têl-o envolvido na minha piedade. Meu pela piedade, já que não podia têl-o meu pelo amor. Ha creaturas que se retardam. Você veiu tarde demais. Comtudo, achou ainda sombra onde repousar e sonhar um instante. O sonho que você chamou um dia azul. Você bem merecia uma grande piedade.

Lá longe, contente, você ainda viverá em mim. Será a saudade na minha ventura.

Muita gente chamaria amor a essa saudade.

O grande salão do Automovel Club do Brasil offerecia, na tarde fria de sabbado, um aspecto de deslumbrante belleza, com as suas mesas occupadas pelos elementos de maior destaque da nossa alta sociedade. Teve, assim, o mais expressivo brilho mundano a segunda festa da presente temporada naquelle aristocrático «cercle», e que constou de um chá-dançante, animado e [illegible].

As nossas photographias dão uma idéa do que foi essa elegante reunião do «grand-monde» carioca.

O almirante Protogenes Guimarães, nomeado para substituir o almirante Conrado Heck na pasta da Marinha, cercado de altas patentes navaes, ao assumir suas novas funcções, na semana passada.

O dr. Darcy Fróes da Cruz, terceiro delegado auxiliar, e figura de relevo em nossos circulos sociaes, offereceu, sabbado ultimo, em sua residencia, á rua Senador Furtado, uma linda festa para commemorar o dia de Santo Antonio, e que decorreu animada e brilhante. Houve danças e outros divertimentos proprios de salão, em que tomaram parte as mais galantes silhuetas femininas.

"Você me conhece?"

Tostes Malta, fascinante intelligencia que exerce a critica literária pelas columnas d'A Noite, na sua secção Chronica dos livros, assim registrou o apparecimento do ultimo volume de Mario Poppe, nosso prezado companheiro de redacção:

"Mario Poppe é um dos nossos chronistas mundanos mais interessantes — não obstante haver quem affirme a inutilidade dos chronistas "que só se occupam de ninharias e frivolidades".

No emtanto, ahi está, justamente, o difficil: dizer todas essas coisas insignificantes sem parecer que o sejam. Por isso é que se diz que Wilde tinha o dom de conversar sobre os assumptos mais banaes sem nenhuma banalidade.

Quando, ao contrario, o thema é sério e importante, é preciso "reduzil-o" á condição das frivolidades — e convenhamos que tambem não é fácil.

Certa vez, um curioso, depois de ouvir uma conversa — a proposito de um trabalho de crochet, entre um philosopho e sua mulher, indagou vivamente o segredo dessa harmonia conjugal.

Respondeu-lhe o philosopho ser muito simples, porque lhe era mais fácil conversar sobre pontos de crochet que á mulher discutir philosophia.

E' o caso dos chronistas mundanos — que escrevem, principalmente, para as mulheres.

Mario Poppe — que faz parte dessa bella familia espiritual do FON-FON, escreve com muita naturalidade e graça. E sabe encontrar nos acontecimentos communs aspectos interessantes, que escapariam a outros.

Você me conhece? é um livro de sensibilidade e de emoção, que a gente sente com verdadeiro prazer, lamentando o destino das coisas boas: acabam depressa."

Entre as pessôas presentes á festa que se realizou sabbado passado, na residencia do terceiro delegado auxiliar, dr. Darcy Fróes da Cruz, figuravam o dr. Baptista Luzardo, chefe de policia, e os drs. Salgado Filho e Virgilio Barbosa Lima, respectivamente, quarto e segundo delegados auxiliares, que se vêem no grupo acima, em companhia de outros convidados.

Santo Antonio, padroeiro dos humildes, foi festejado, este anno, com homenagens excepcionaes promovidas pelo mundo catholico brasileiro, que commemorou condignamente o setimo centenario da morte do glorioso discipulo de S. Francisco de Assis. Entre todas as festas realizadas nesta capital, em louvor do thaumaturgo de Lisbôa, teve, porém, realce especial a solenne missa pontifical celebrada na manhã de sabbado, na igreja do convento de Santo Antonio, por sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, e de que esta pagina offerece alguns detalhes photographicos.

FAIANÇAS (conclusão)

tudo onde veja uma saia, um sorriso, um perfume subtil de mulher...

Mas, escrevi tudo isso, para que?

Para dizer que as filhas de Eva são como as rosas e as andorinhas voluveis: vão e voltam... E como já está demonstrado que todas ellas são creaturas caprichosas até a morte,—segue-se que o amargo não é vel-as partir — é vel-as tornarem á nossa alma (á nossa alma? Ponhamos aqui uma reticencia...) — é vel-as tornarem com os mesmos caprichos das primeiras, e mais um, que é o seu, todo pessoal, e que, para nós, é uma interrogação...

Um escriptor francez da minha admiração — cujo nome não cito, para o não banalizar, como fiz com Pitigrilli, divulgando-o — conta o caso de uma *fille* que, na rua, despreza o seu amante, quasi a ponta-pés. No emtanto, ao entrar em casa, ella soluça como uma doida, porque lhe

O Dispensario Antonio de Padua commemorou, no dia 13 do corrente, o setimo centenario de Santo Antonio com a ceremonia do lançamento da pedra fundamental de seu hospital, realizada no terreno da rua General Bruce, 260, ao lado da séde actual daquella casa de caridade. Compareceram os representantes das altas autoridades e outros convidados especiaes. Após o lançamento da pedra fundamental, realizou-se a festa dos velhos, com distribuição de roupas e generos aos seus protegidos. Esta pagina focaliza aspectos das duas solemnidades do Dispensario Antonio de Padua.

---

não póde mais pedir perdão, gritando, sem cessar:

— "Je t'aime! Je t'aime!"

Esse capricho, que nellas é sempre a angustia de uma interrogação, eis o que é para receiar...

FILIGRANAS

— De que ris?

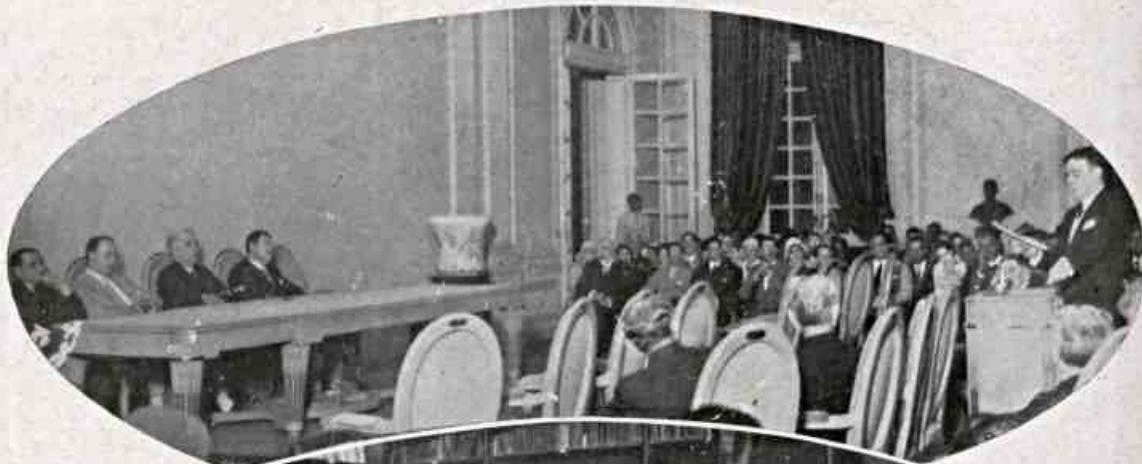
— Deixa-me desopilar o figado e depois te contarei...

O meu amigo tinha na mão um jornal amarrotado e gargalhava refestelado na ampla poltrona. Ma-ple a um canto do seu lindo gabinete, em que nas estantes craveiadas de bronzes cinzelados, se alinhavam »uentes as encadernações luxuosas.

De repente, elle parou de rir, compoz a physionomia e disse-me.

— Acabo de encontrar neste jornal provinciano uma descompostura que me passa um despeitado. Sempre foi um dos meus maiores e melhores divertimentos o aspecto da imbecilidade humana. E, abrindo uma caixa de tartaruga com embutidos de prata, offereceu-me um charuto havano de Clay.

— Fumemos, amigo, concluiu, e passemos a conversar de coisas serias.

Typicamente sertaneja foi a festa que se realizou no Gymnasio do Fluminense Foot-ball Club, em beneficio dos Anjos da Caridade, na vespera do dia de Santo Antonio. Para isso, a séde do querido club recebeu uma decoração caracteristica, onde sobresahiam as lampadas de papel, as bandeirolas e a celebre fogueira consagrada áquelle santo varão. Nesse ambiente regional, as figuras mais expressivas da sociedade assumiram attitudes verdadeiramente gaiatas, pelos typos que encarnaram: violeiros, sanfonistas, matutos, etc. São aspectos muito interessantes dessa festa caipira que a nossa gravura offerece.

Outros aspectos das primeiras commemorações do setimo centenario de Santo Antonio de Lisbôa realizadas nesta capital no dia annualmente votado ao culto do glorioso thaumaturgo portuguez. A sessão publica da Academia Brasileira de Letras, quando occupava a tribuna o escriptor Afranio Peixoto, que dissertou sobre o thema «Santo Antonio, patrono dos homens de letras». A solennidade promovida pela commissão executiva do Primeiro Congresso dos Portuguezes no Brasil, no Real Gabinete Portuguez de Leitura. O almoço dos pobres, no Convento de Santo Antonio.

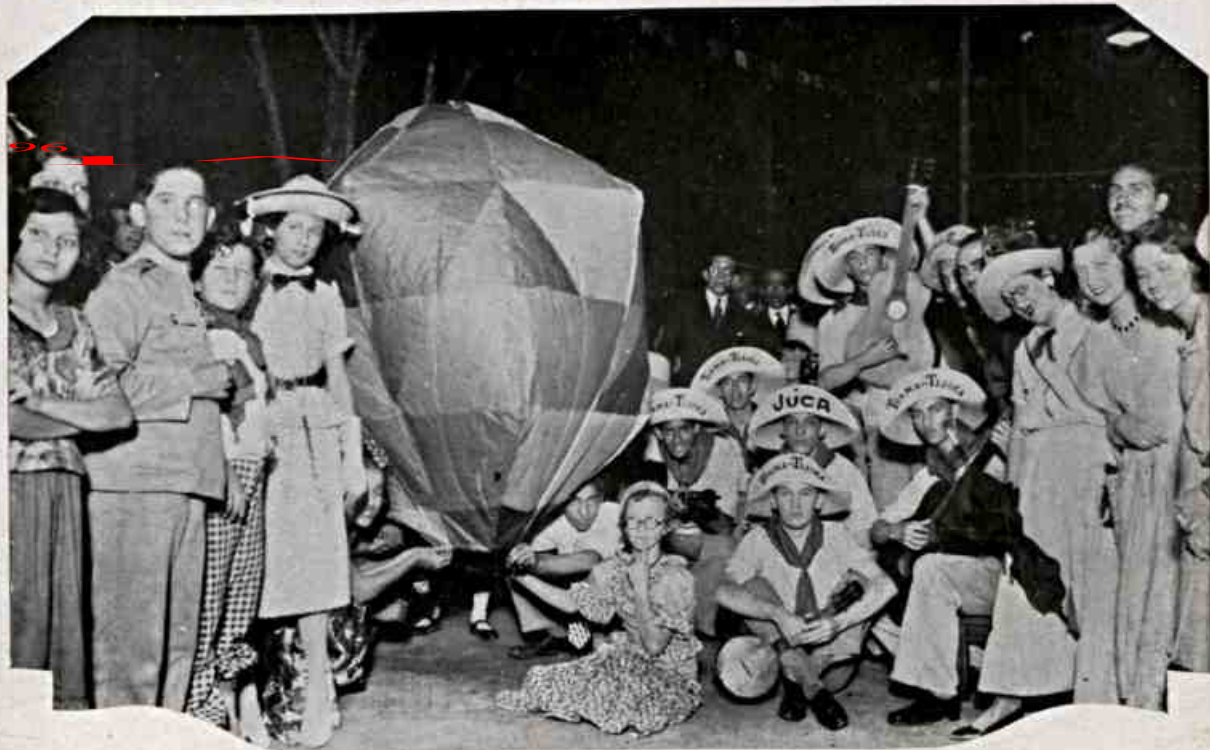
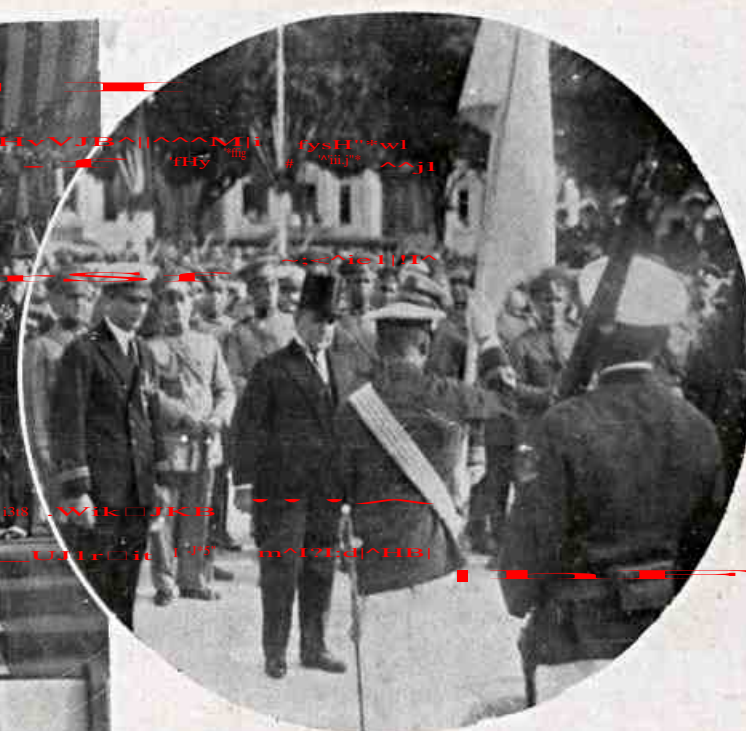
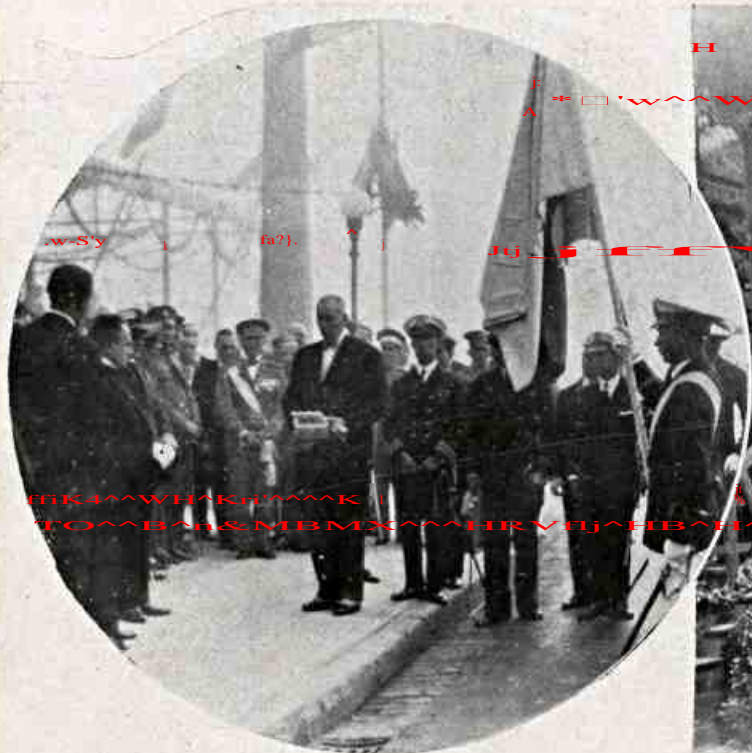
O PRIMEIRO ANNIVERSARIO DO «DIÁRIO DE NOTICIAS»

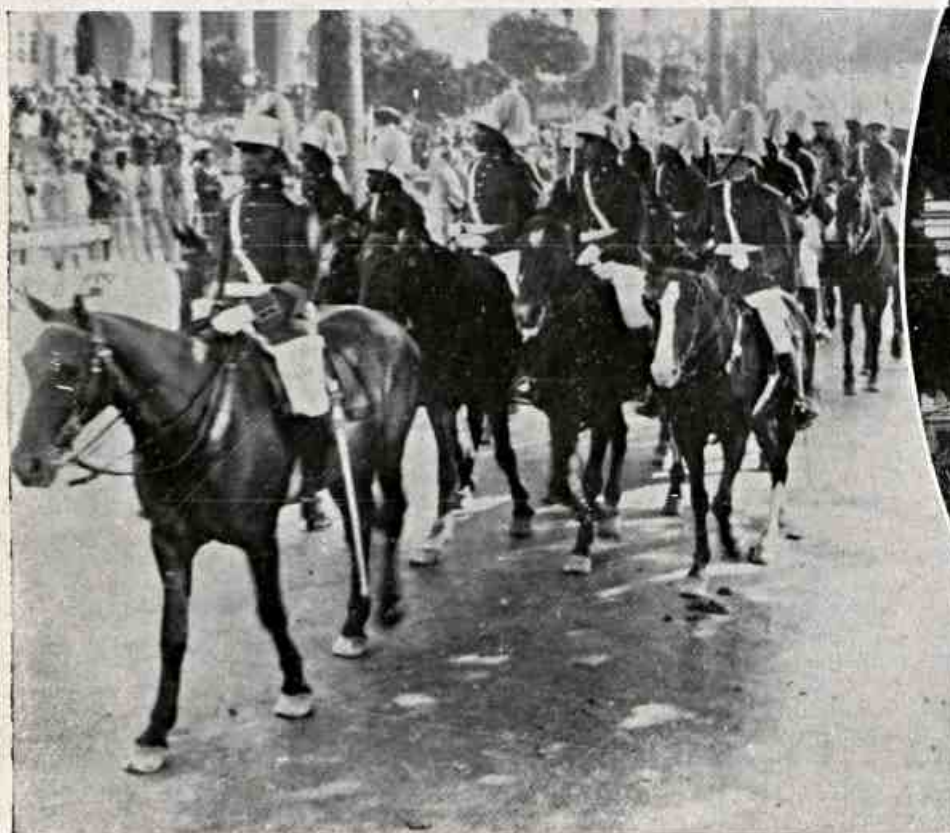
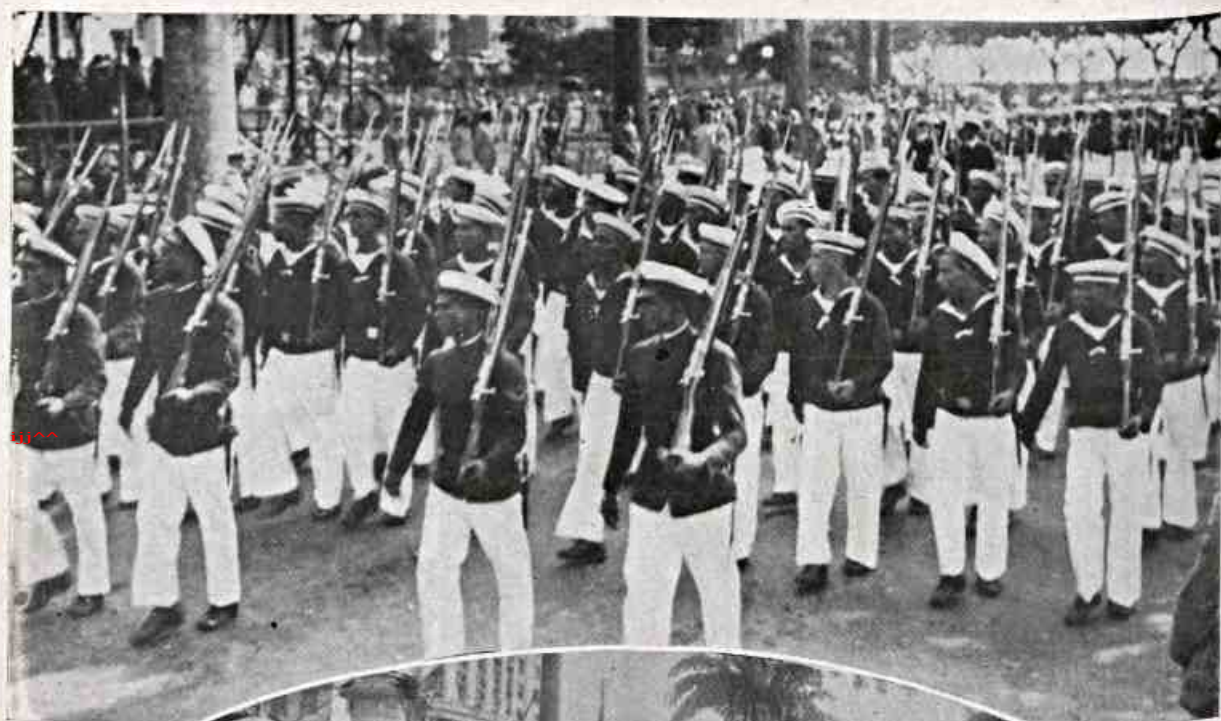
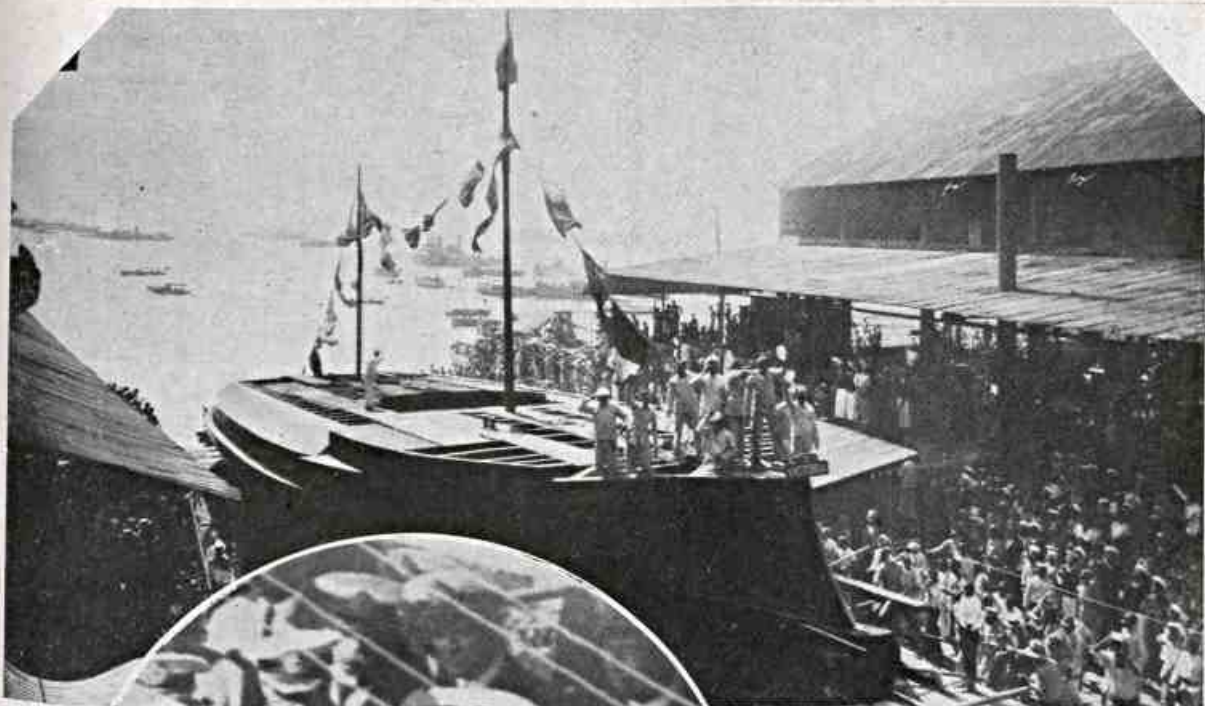
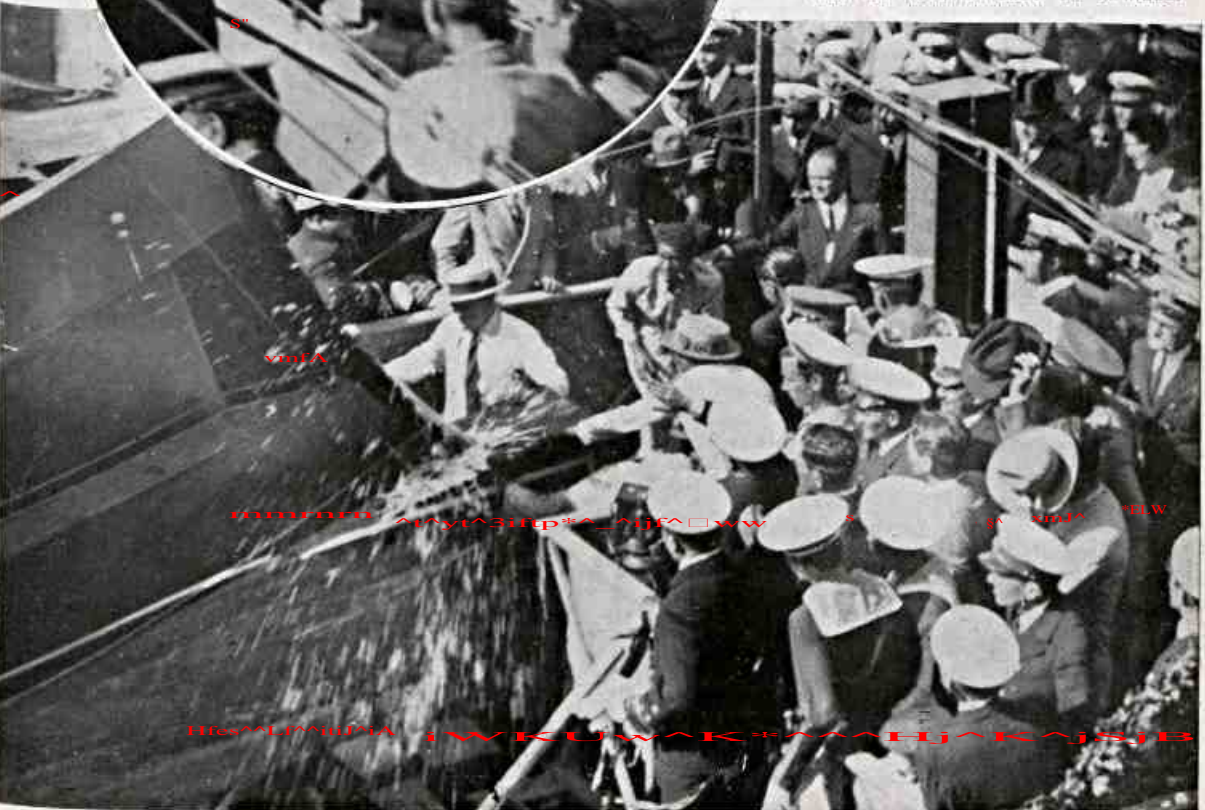
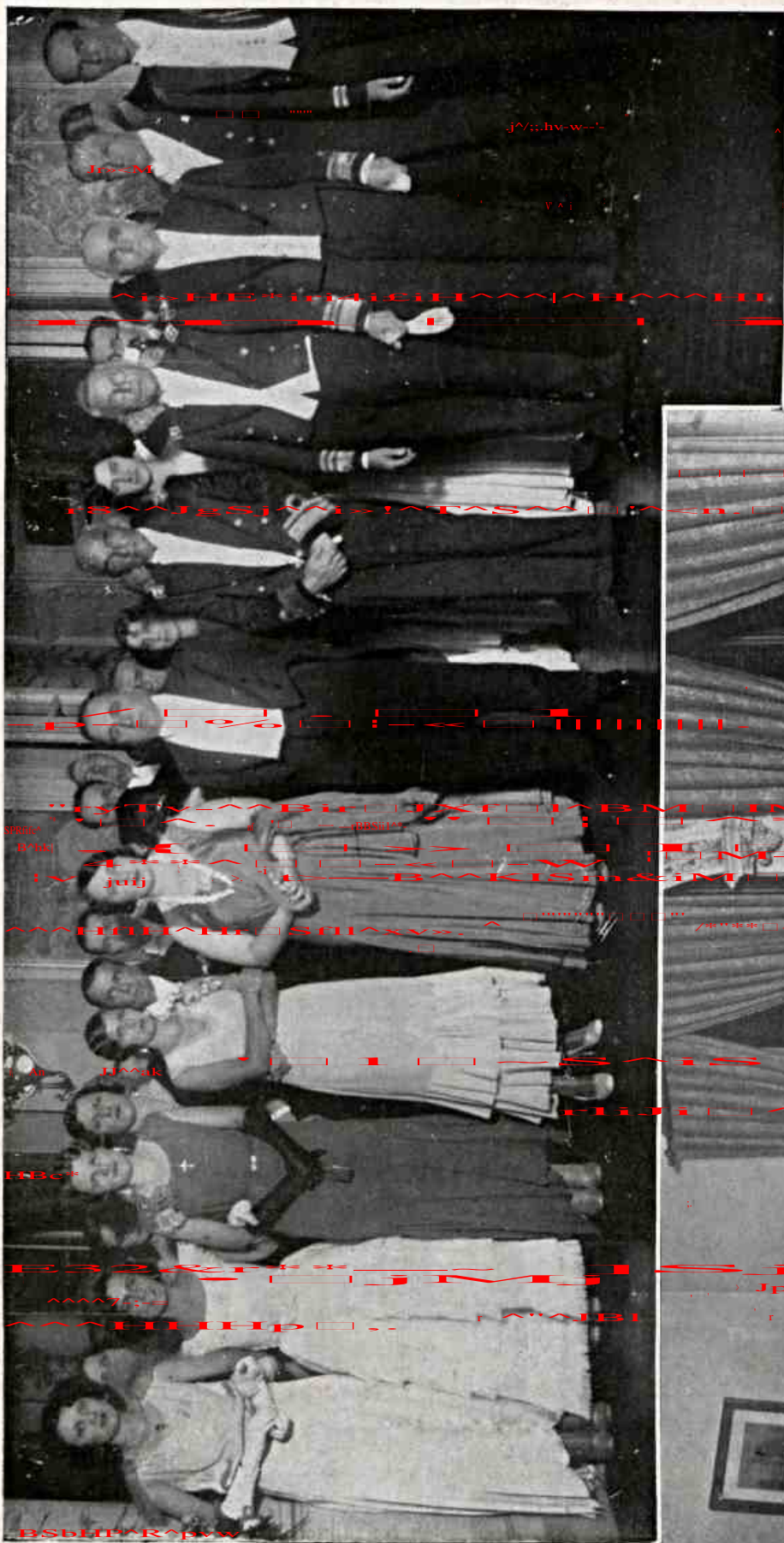
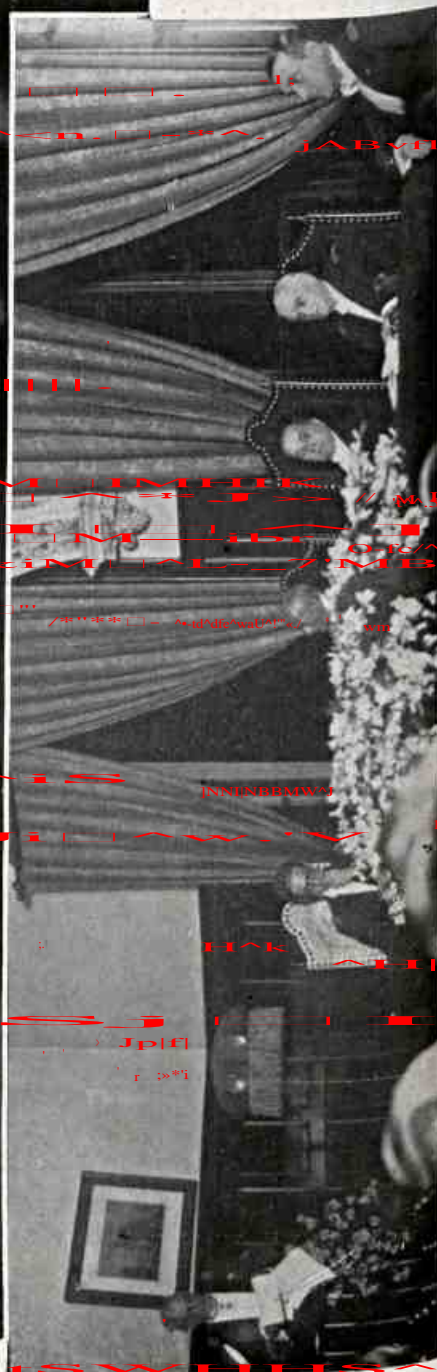
O nosso brilhante collega «Diário de Noticias» commemorou, a 12 do corrente, o seu primeiro anniversario.

Fundado por um grupo de profissionaes competentes, entre os quaes se destacam as pennas combativas de Nobreza da Cunha e Figueiredo Pimentel, o grande diário surgiu numa época em que os preparativos da Revolução exigiam a acção forte e decidida de um interprete das aspirações nacionaes. Dahi a razão por que, desde logo, o «Diário de Noticias» se sentiu rodeado de geraes sympathias e do apoio da população carioca.

Aguerrido, por excellencia, e fiel ao seu programma de combate, em favor das causas populares, o «Diário de Noticias» não tem desfallecido na luta ingente que, para isso, emprehendeu, desde o seu apparecimento. É justo, pois, assignalar, que, embora curta, chronologicamente falando, a sua vida — pelo trabalho proveitoso, e pelo êxito alcançado, na sua luminosa batalha, de patriotismo e intelligencia — é demasiado longa, e se assignala por uma serie de victorias.

Reunindo em sua redacção as figuras mais representativas do meio jornalistico, o «Diário de Noticias» é, finalmente, um jornal que honra a imprensa brasileira.

Aspectos da bella festa de Santo Antonio, na residencia do dr. Raul Zambelli, na Tijuca, em que tomaram parte as familias de maior destaque daquelle bairro. A festa revestiu-se, como se vê pelas photographias, de gosto authenticamente regional, sobresahindo nella os grupos de caipiras... cariocas...

A DATA GLORIOSA DA MARINHA

Brilhante, como todos os annos, foi a parada militar que se realizou no dia 11 de junho, em commemoração da data da batalha do Riachuelo. Com garbo as nossas forças de terra e mar desfilaram em frente á estatua do almirante Barroso, situada na praia do Russell. Ao sol da radiosa manhã de junho, as armas dos defensores da Patria brilharam, gloriosamente, entre applausos da multidão enthusiasta. A essa cerimonia compareceu o chefe do governo provisorio, acompanhado das suas casas civil e militar, além de outras altas autoridades.

As tropas da Marinha desfilando na avenida Beira-Mar, durante a parada commemorativa da batalha de Riachuelo, e um aspecto do local onde se concentraram as altas autoridades da Republica e os membros do corpo diplomatico, para assistir á formatura militar.

Foi escolhida a maior data da Marinha para a cerimonia do lançamento ao mar da canhoneira «Victoria», construida nas officinas da Armada e destinada á navegação do rio Paraguay. A solennidade realizou-se na manhã de 11 do corrente, no Arsenal de Marinha, e teve a presença do chefe do governo provisorio e das demais autoridades da Republica que, momentos antes, haviam assistido á grande parada da praia do Russell. São detalhes dessa cerimonia o que focaliza a nossa pagina, vendo-se, ahi, além do presidente da Republica, a exma. senhora Getulio Vargas, que serviu de madrinha da nova unidade da Armada.

O Club Naval, como todos os annos, realizou a 11 de Junho, data gloriosa da Marinha de Guerra brasileira, uma sessão solemne, seguida de baile, para commemorar o anniversario da batalha de Riachuelo. A nossa pagina focaliza dois aspectos dessa festa imponente, onde se vê, ao lado da exma. senhora Getulio Vargas, o chefe do governo provisorio.

O dr. Manoel do Nascimento Fernandes Tavora, interventor federal no Ceará, e, incontestavelmente, uma das figuras mais brilhantes da Republica Nova, chegou, domingo passado, a esta capital, procedente daquelle Estado, tendo viajado em hydro-avião da carreira da Panair do Brasil. Foram recebê-o na Ponta do Calabouço, onde desembarcou s. ex., além do dr. Belisario Tavora, tio do illustre interventor, e outras pessôas de sua familia, os representantes das altas autoridades e muitos amigos e admiradores do eminente chefe do governo cearense. A nossa gravura fixa um aspecto do desembarque do dr. Fernandes Tavora, que ahi apparece em companhia dos drs. Belisario e Francisco Tavora, major Alves Tavora, tenente Juracy Magalhães, senhora e senhorita Belisario Tavora e demais pessôas presentes.

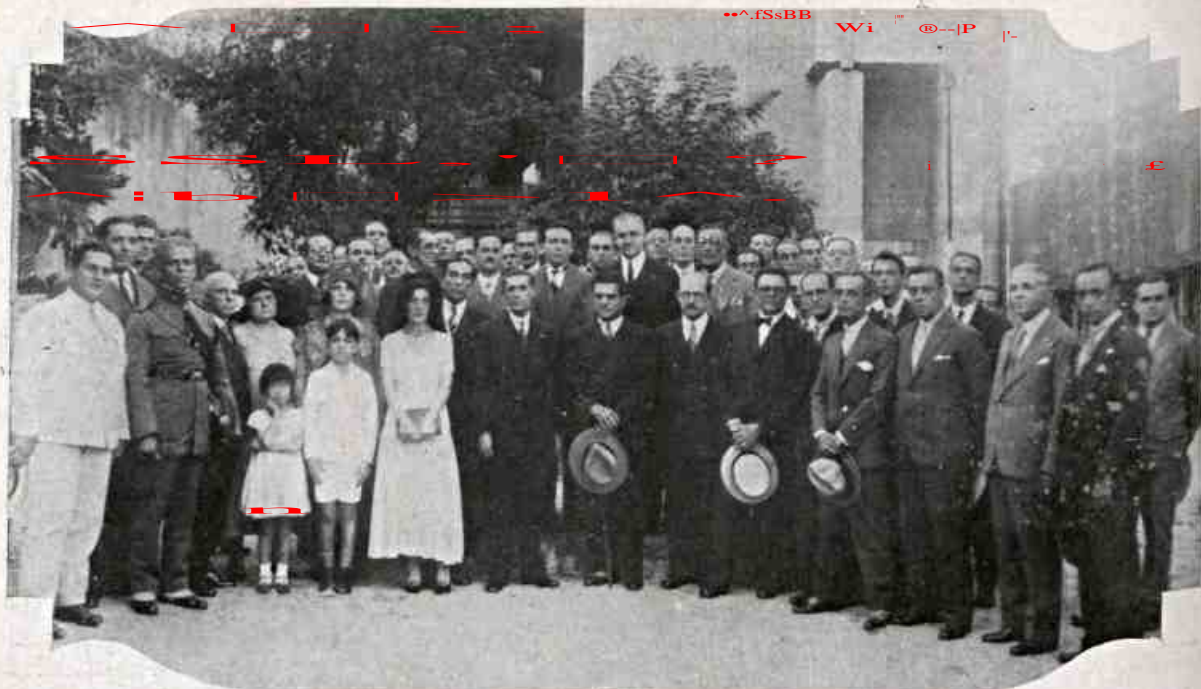
FILIGRANAS

O outro dia, numa roda da Avenida, um de meus amigos — homem de grande espirito e de vastas leituras — commentando algumas das chamadas grandes figuras do nosso meio social e politico, dizia-me, assombrado:

— Imagine você que Fulano — e nomeava uma celebridade nacional — vendo-me nas mãos um livro de Remy de Gourmont, perguntou-me que tal era esse escriptor. E, quando lhe expliquei a sua obra magnifica, mostrou-se absolutamente ignorante da producção desse grande espirito moderno.

Eu sorri da ingenuidade do meu amigo e simplesmente lhe disse:

— Eu me admiraria mais ainda si elle tivesse algum dia lido Remy de Gourmont...

A commissão promotora do Albergue Nocturno reuniu-se, quinta-feira penultima, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, sob a presidencia do ministro do Trabalho, para eleger os membros da commissão executiva dessa patriotica obra de iniciativa do dr. Lindolfo Collor. A photographia acima focaliza um detalhe dessa reunião.

Grupo tomado por occasião da cerimonia inaugural da nova séde do 15.º Districto Policial, á rua S. Francisco Xavier. Além do dr. Baptista Luzardo, chefe de policia, apparecem na photographia os delegados auxiliares drs. Barros Júnior e Virgilio Barbosa Lima, o dr. Frederico Eyer, o dr. Mario Paiva, secretario geral da policia; o sr. Alberto Tornaghi e o capitão Hilario Ribeiro.

COCAINA

Subir muito para que?... Sempre ouvi dizer que as quédas do alto são fataes.

Si é verdade que nem todas as comedias divertem, não é menos certo que os dramas nem sempre enternecem, fazendo chorar...

Na mulher alguma coisa nos attrae. Talvez o veneno dos labios...

*

Beijos de luz, beijos da mulher amada... Sentil-os, em toda a plenitude, é como si nos desprendessemos da terra para nos aproximarmos do céo.

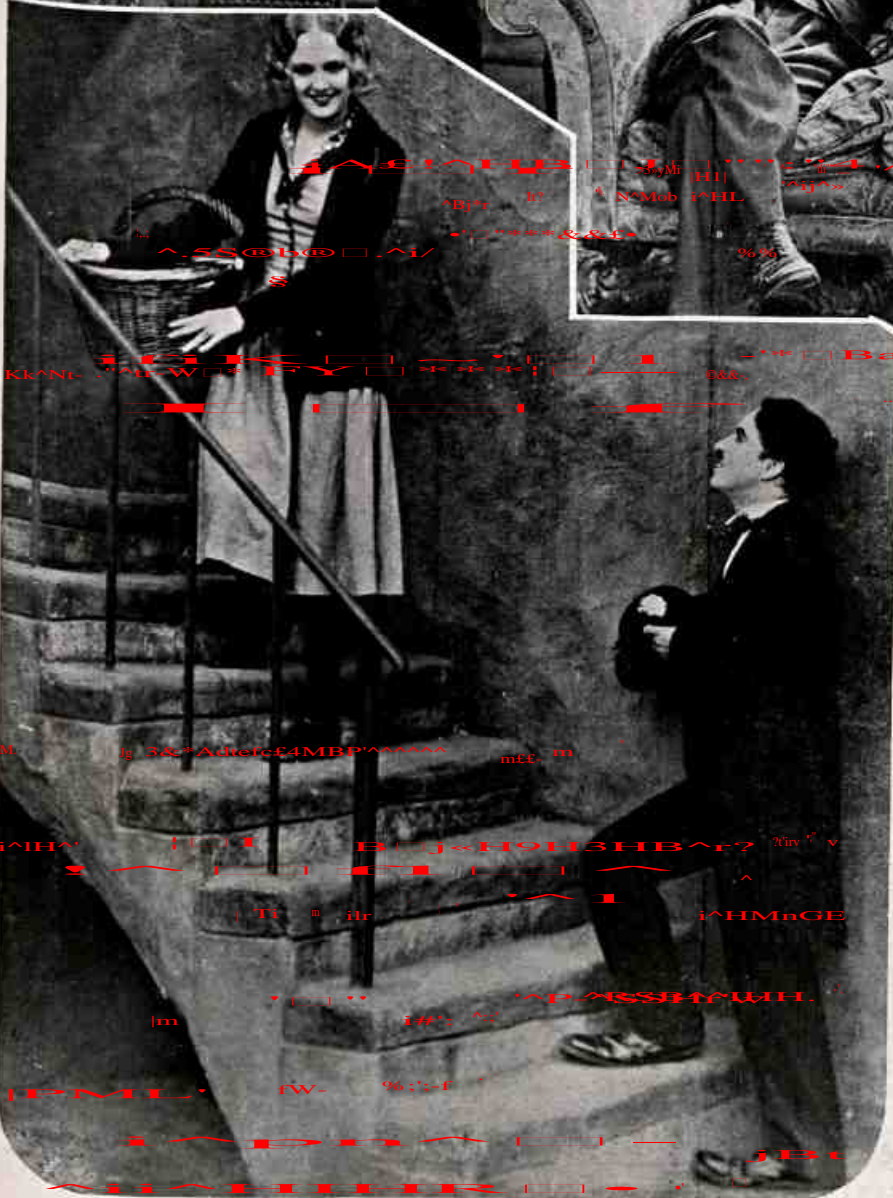
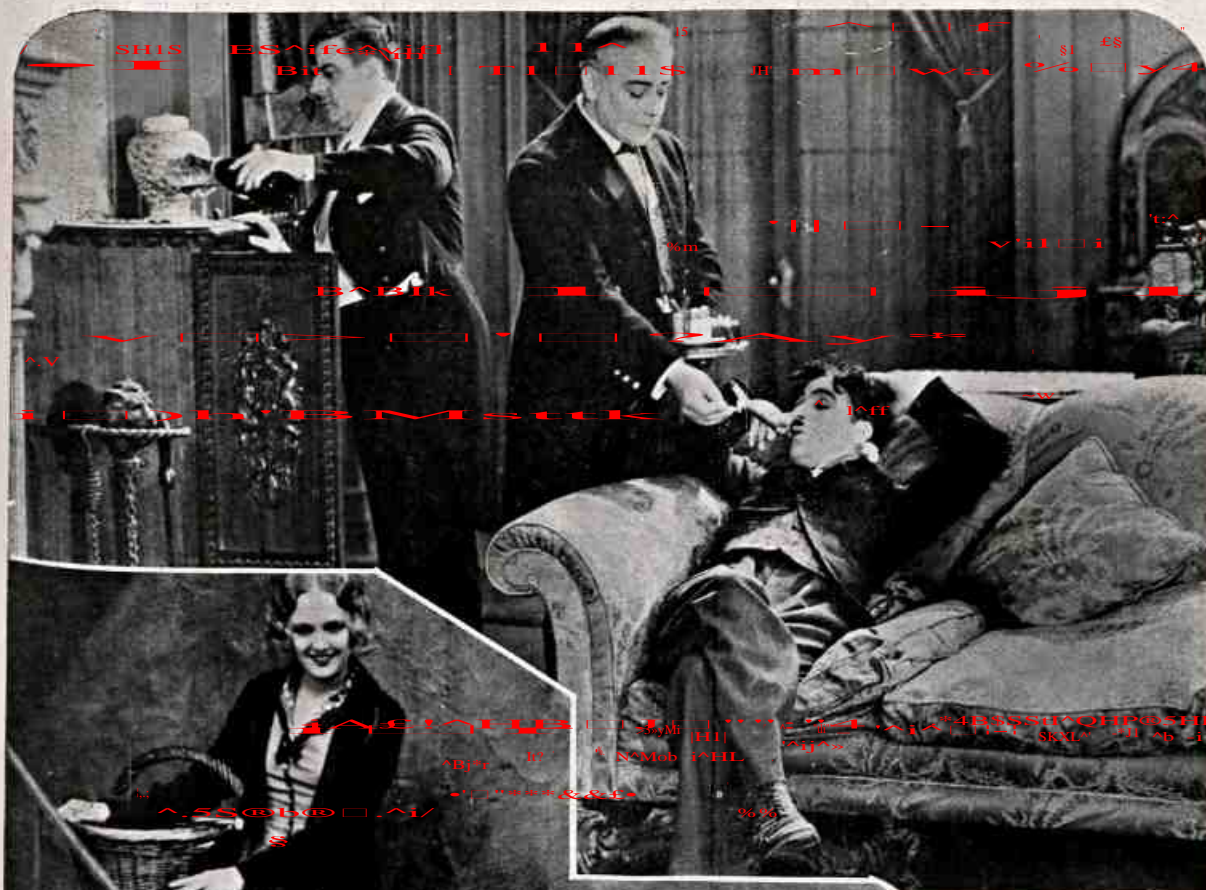
MARION

A Escola de Bailados do Theatro Municipal, de que é directora a illustre artista sra. Maria Olenewa, começou a funccionar na ultima segunda-feira, tendo-se realizado na manhã daquelle dia a solennidade da abertura de suas aulas. Estiveram presentes o escriptor Coelho Netto, presidente do Conselho Consultivo; o sr. Raul Cardoso, director do Patrimonio Municipal, e o nosso confrade Mario Nunes, critico theatral do «Jornal do Brasil», os quaes se vêem no grupo acima, entre os primeiros alumnos do curso official de choreographia classica e ladeando a festejada bailarina Maria Olenewa.

O monumento que será erigido nesta capital aos «18 do Forte», por iniciativa de um grupo de patriotas a cuja frente estão o capitão Carlos Chevalier e o dr. Fernando Barretto, teve sua primeira pedra assentada na tarde de 10 do corrente, quarta-feira penultima, no local escolhido, e que é a praça fronteira ao forte de Copacabana. O chefe do governo provisorio e outras altas autoridades assistiram a essa tocante cerimonia civica, de que damos aqui, os flagrantes mais expressivos. Tambem se via entre os presentes a senhorita Yolanda Pereira, «Miss Universo», que apparece na gravura desta pagina. Juntamente com os outros convidados.

O Campeonato Carioca de Foot-ball

Um dos principaes encontros de domingo passado foi o que se realizou no campo do America, entre o campeão do centenario e o Fluminense. Esta pagina focaliza os lances mais empolgantes desse jogo.

OS 7 DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Bancando o lord.

Luzes da Cidade

Um film da United Artists, interpretado por Virginia Cherril e Charlie Chaplin

EM uma grande metropole não poderiam faltar os tres caracteres essenciaes a este film: um vagabundo, philosopho das ruas, conhecendo a vida na sua dura realidade, através das noites curtidas sobre os frios bancos dos jardins publicos, e nas caminhadas interminaveis, sem destino, pelos "boulevards" tumultuosos; uma ceguinha, vendedora de flores, nova, linda, tendo na face, a contrastar com o

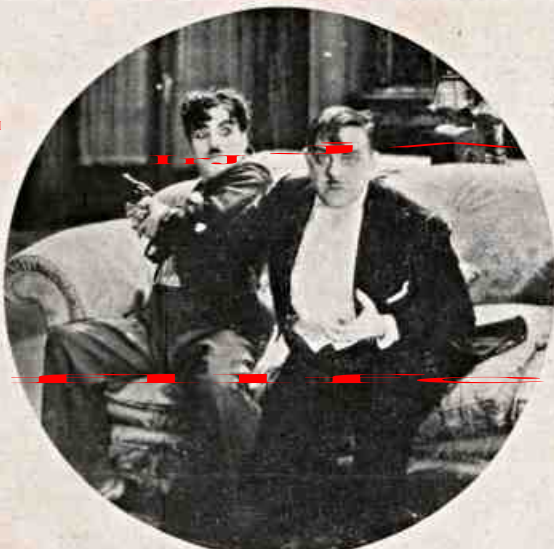
A illusão do vagabundo.

esplendor de sua exuberante mocidade, a melancolia de um olhar que se perde além, fixo, inalteravel; um millionario, excentrico, abalado pelos disturbios conjugaes, afogando no alcool os dissabores que o dinheiro não lhe podia poupar.

Na esquina de uma rua central, a ceguinha offerece aos passantes pequenos "bouquets", que suas mãos pacientes compõem todas as manhãs. Poucos são os que se detêm para trocar por um nickel o ramilhete mirrado que a florista lhes estende, com um sorriso supplicante. O vagabundo philosopho, desastrado e grotesco, vem a conhecer a florista. Sob o ridiculo do seu physico, isola-se uma alma feita para as elevadas aspirações da vida. Habituado ao escarneo e ao desprezo dos seus semelhantes, elle se sente irresistivelmente preso áquella creatura, unica no mundo que o poderia comprehender sem delle se rir. Circumstancias especiaes do seu encontro fazem com que a ceguinha o tome por um elegante e rico cavalheiro.

Naquella noite, o vagabundo vem a conhecer de modo estranho o millionario. Suas relações se tornam amistosissimas, quando o ricaço tem no bucho regular dose de wisky. Mal, porém, os vapores do alcool lhe deixam o cerebro, não mais conhece o seu amigo dilecto.

O vagabundo começa a frequentar a casa da ceguinha. Forte corrente do

Preparando-se para a luta.

A sua alma generosa... não podia «ver» um revolver.

affecto e sympathia os prende agora. O millionario partira para a Europa e o vagabundo se sente em serias difficuldades para conservar as apparencias de homem rico. A possibilidade que se lhe depara, com uma noticia no jornal, de ver curada a ceguinha, dá-lhe animo para, enfrentando as mais duras vicissitudes, obter algum dinheiro para o tratamento da menina. A ceguinha parte para uma grande cidade distante, onde residia o miraculoso operador. Quando volta, mezes depois, curada, a sorte lhe sorri. Facilmente consegue o necessário para se installar como florista.

O vagabundo continuára errando pelas ruas, na sua vida sem finalidade. Uma tarde, vem a passar em frente á loja da florista. Dois garotos dirigem-lhe motejos. Através da vitrine, a florista sorri, divertida com o aspecto grotesco do transeunte. Mas, subitamente, toma da caixa, num gesto rápido, alguns centimos, e, já cheia de piedade, estende a mão ao vagabundo. Este pára, estatelado. Com a voz entrecortada, diz-lhe qualquer coisa como que um *muito obrigado*.

O ouvido da florista ainda conservava aquella sensibilidade prodigiosa dos cegos... Seus olhos se abrem desmesuradamente, enquanto uma sombra de profunda tristeza e immenso espanto alteram a expressão risonha do seu lindo rosto.

Uma pergunta que o embaraçou.

Todos ficaram surpresos.

"LUA NOVA"

(NEW MOON)

Producção "Metro-Goldwyn-Mayer", com:

LAWRENCE TIBBETT — GRACE MOORE — ADOLPHE MENJOU

Foi no «Lua Nova», quando esse navio atravessava o Mar Caspio, com destino a Kresnov, o menor dos portos do maior dos imperios, que elles se conheceram. Elle era um soldado, um altivo soldado, senhor de varias façanhas brilhantes. Além de ser um cavalheiro extremamente amavel para as mulheres e responsavel, mesmo, por innumeras paixões. Ella era uma princeza, altiva como todas as princezas, mas amabilissima. Quando elle soube, porém, que ella era uma princeza, si não fez o proposito de perdel-a de vista, decidiu não se mostrar muito expansivo. Pois era habito seu não dar grande importancia ás mulheres de sangue azul. O amor, quando chega com vontade de vencer, entretanto, faz com que se esqueçam os mais teimosos propositos, e, por isso, o bravo tenente Petroff não descansou, aquella noite, emquanto não se viu a sós com a princeza Tanya. O motivo apresentado por Petroff fôra banalissimo: é que elle cantára, para os emigrantes do navio, uma canção zingara extremamente maliciosa e soubera que a princeza se mostrára escandalizada com essa canção. Para justificar a sua visita á princeza, elle disse que ali estava para pedir-lhe desculpas, embora a canção não fosse sequer maliciosa... A princeza Tanya, entretanto, conhecia perfeitamente o dialecto zingaro e foi a primeira a demonstrar a Petroff, cantando, repetindo-a. Pois ella conhecia a canção, que aquelles versos eram mais do que maliciosos, até... Desse colloquio resultou que Petroff e Tanya verificaram que não poderiam passar um sem o outro. Amavam-se numa exaltação que alarmou o pobre conde Strogoff, tio de Tanya, que soffria immenso com aquelles amores, porque assim teria necessidade de estar, a todo o momento, desculpando o procedimento de Tanya á sua esposa, a rabujenta e incansavel condessa Anastacia Strogoff. Quando «Lua Nova» chegou a Kresnov, porém, o tenente Petroff teve uma dolorosa surpresa: Tanya Strogoff era esperada por seu noivo, o governador Boris Brusiloff, naquella cidade, e o casamento se realizaria poucos dias depois, na côrte. Esse facto abate profundamente o animo de Petroff, que decide não perder a sua amada, custasse o que custasse. Elle tem conhecimento de que se realizaria um grande baile no palacio do governador, onde seria annunciado o casamento, e para lá segue, não obstante não ser convidado. Não lhe é difficil conseguir entrada no grande salão, onde logo descobre Tanya Strogoff, esplendente de belleza, de fascinação. Durante uma valsa em que elle baila com Tanya, sob o olhar enciumado de Boris, Petroff exige de sua amada uma explicação sobre aquillo tudo: como estava ella noiva, sem nada lhe dizer, e como acceitava aquelle casamento, quando, no «Lua Nova», ella lhe jurara amor eterno? Tanya não tem tempo de responder, porém, porque a valsa termina e o governador Boris, através a delicadeza apenas apparente mas sempre captivante, que o caracterizava, consegue apartal-os. Pouco depois, Petroff recebe uma noticia: acabara, «numa prova de grande confiança por parte dos seus superiores», de ser designado para commandar o forte de Darvas! Darvas significava a morte, o fim, sem duvida. Em Darvas, naquelle forte que mais parecia o inferno, onde tantas tragédias se desenrolaram, estavam os mais furiosos revoltosos de todo o império. Como poderia um homem, só, amansar aquellas feras, conter-lhes

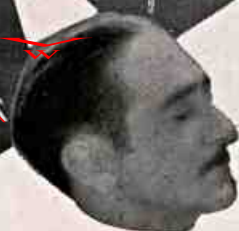
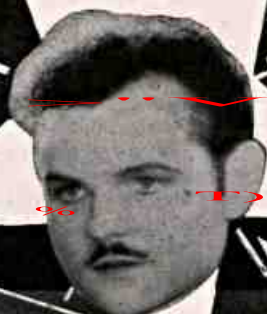
O castigo duma villania.

as ansias de liberdade, o delirio do exterminio? Vendo que Tanya não se oppõe á deliberação que partira de Boris Brusiloff, que desejava ver fóra de campo o seu rival, Petroff, revoltado, acceita com sobranceria a designação e parte para Darvas. Obedecendo, não apenas ao seu instincto natural de dominar, mas tambem ao impulso que o levava a não se mostrar fraco ante a mulher que elle julgara amar e ao seu rival, Petroff consegue fazer-se obedecido, respeitado, no proprio dia da sua chegada, por toda aquella legião que até então havia sido a expressão do maior dos terrores do imperio!

Antes de abandonar o palacio, entretanto, Boris se dirigira á orchestra do baile e pedira a execução de uma conhecida musica, em que elle enquadrou uns versos improvisados — versos em que elle comparava Tanya a uma mulher que se deixára comprar, esquecendo que um homem honesto — e não um villão — a amava de todo o coração. Por esse motivo, Tanya, humilhada, na côrte, procurava abafar qualquer sentimento de saudade, com o resentimento por essa canção, que escandalizou todos os nobres presentes ao baile. Por esse motivo, tambem, ella parte, com grande espanto de todos, para Darvas. Lá chegando, se defronta com Petroff e lhe desfere chibatadas no rosto! Petroff supporta estoicamente aquella attitude da mulher que elle procurava, debalde, esquecer, quando lhe chega a noticia de que os turcomanos, a eterna inquietude das fronteiras do Imperio, estavam revoltados e marchavam contra Darvas. Immediatamente a energia de Petroff se faz sentir por todo o forte. Em quinze minutos estavam formados, dispostos para a luta e a darem a vida pela patria, aquellas centenas de homens que até então eram feras e agora verdadeiros patriotas, verdadeiros heroes. Petroff parte para o combate. Só dois dias depois, ainda no forte, Tanya, apprehensiva, tem noticia da victoria dos heroes de Darvas sobre os turcomanos, que haviam sido exterminados. Petroff, entretanto, não regressa. E o coração de Tanya, oppresso, sente, então, quanto amor dedicava áquelle homem que ella humilhara, desprezando, áquelle homem que ella deveria ter seguido, deveria ter acceito por esposo, embora abandonando o prestigio do seu titulo e as magnificencias da côrte... Estava Tanya entregue a esses pensamentos, quando chega Boris, contente com a possibilidade do fallecimento de Petroff no combate. Para explicar a causa da sua inquietude, Tanya lhe confessa, então, que, mesmo que Petroff houvesse fallecido, ella não poderia ser sua esposa, porque o seu amor, nesse caso, ter-se-ia ido, tambem... Boris retira-se, cabisbaixo, sem pronunciar uma palavra. Sabia ser cavalheiro, ou sabia apparentar aquella delicadeza falsa, mas sempre captivante, mesmo numa occasião como essa... Horas depois, muitas horas depois, entregue ao maior desespero, disposta mesmo a jamais sahir do forte disposta a jamais voltar para a côrte, Tanya ouve uma voz longinqua, cantando, modulando através uma expressão a um tempo arrebatadora e apaixonada, aquella canção envolvente que era a sua favorita. Era Petroff! Elle estava de volta! Por que a fizera sentir-se a mais desgraçada das mulheres, por ter tardado tanto? Ah, mas o amor faz esquecer as maiores tristezas, e Tanya se sentiu, quando Petroff a estreitou nos braços, disposto a nunca mais deixal-a — a mais feliz de todas as creaturas...

Corações que se comprehendem.

Sentia-se sem forças.

LUA NOVA

Lawrence
TIBBETT
Grace
MOORE

ADOLPHE MENJOU

A SEGUIR
PALACIO THEATRO
(CIA. BRASIL CINEMATOGRAPH.)

"Ciranda, Cirandinha..."

"... Lo que precisas és olvidar lo que eres...

No piensar lo que piensas; no querer lo que quieres.

Y teneres contacto con la vida vulgar..."

SENTEMO-NOS, bôa amiga, sob a ramagem desta arvore ancia, á sombra de doçura que ella abre no immenso e deslumbrante clarão veranico da manhã...

Faz tanto tempo que não nos viamos... Sim, nos teus olhos, amortecidos, descubro todo um nevoal de saudades... Bello e feliz aquelle tempo, de ha vinte annos passados, quando, como borboletas loucas e esvoaçantes, brincavamos, ao morrer da tarde, como dois irmãos...

A nossa vida era, nem mais nem menos, semelhante a esse lago polido, que estamos a vêr á nossa frente, serenissima e brilhante ao sol de nossa aurora...

Eu e tu... felizes e ébrios de jovial alegria, parecendo aquelles dois enigmaticos cysnes que, lá ao fundo, espanejam as aguas adormentadas...

E a nossa "roda", um bando garrulo de avesitas canoras que, ao tombar do crepusculo, enchiam de sons celestiaes as alturas?...

Faz tanto tempo...

A recordação, querida, nesta alameda erma e sombria, em que o sol se filtra pela ramaria espessa, faz-me resuscitar o quadro de antigamente, e, um a um, os nossos companheiros de infancia vão tomando fórma propria, e assumindo, aqui, de onde os evocamos, longe do arruido da cidade, o seu logar de outr'ora...

Que linda e colorida está, hoje, a "roda"!

Ouves? Elles cantam, estribilhados pelo passarado irrequieto, a velha canção de todas as infancias:

O' flôr, ó linda flôr
O' flôr, vem cá...

Faz tanto tempo...

Eramos arrebatados, voluntariosos, e só queriamos, na nossa inconsequencia, viver...

E os instantes em que, como o Luciano, aquelle gury peralta, e a Nené, nós ficámos absortos, de mãos enleiadas, olhos fixos nos do outro, com ansia de dizer que sentia... oh, não sentiamos nada... eramos muito ingenuos, puros demais para o amor...

A vozinha suave da Luizita psalmodiava:

— Mais uma boneca na roda entrou...

Faz tanto tempo...

Sim, o tempo desgraçou-nos... Vinte annos de separação bastaram para envelhecer-nos, humilhar um deante do outro e até odiarmo-nos mutuamente...

A vida é como uma pellicula cinematographica, cujas acções e gestos ficam gravados para sempre, no celluloide de nossa imaginação...

Nada mais somos, porém, para os de agora. Eu... não quero reeditar as minhas dôres.

Tu, fanada, os traços de peregrina belleza já apagados, as vicissitudes moraes vinculadas no semblante pesaroso, és como o crépe negro que te envolve o corpo emmurchecido — triste folha humana amarellecida pelos desenganos do mundo... Sim, não m'o digas, adivinho-te viuva e com muitos filhos para criar...

Isso, nós. E os outros?

Faz tanto tempo...

Não te inquietes com esta lagrima que fulgura em meus olhos... Eu a quiz reter, por mais tempo, mas não o pude... Ella é uma homenagem sincera aos nossos estremecidos companheirinhos, quasi todos desapparecidos. O Alvaro, que promettia ser um cadete garboso, morreu de variola, lá para o Meyer. A Cotinha, romantica, embebida de sentimentalismo e pieguices, apaixonou-se por um actor de opereta e ingeriu lysol...

A Mariasinha, essa, que jurava nunca se casaria, contrahiu nupcias tres vezes e é mãe de um batalhão... E o Pedrinho? Vivo, intelligente, elle acabaria, com aquella cabelleira basta, ingressando, quando ficasse homem, na Academia de Letras.

Coitado! Deu para beber, mal correspondido no amor, e, um dia, um desalmado anavalhou-o, afogando-lhe a existencia num caudal de sangue...

Só nós escapámos á tormenta e, desarvorados, quasi a transpôr o outro lado da vida, eis que nos encontramos — miseros farrapos — para rever, um nos olhos do outro, o grande e inattingivel sonho da mocidade...

Choras, querida? Pois, eu, até, estou alegre; si meus olhos estão humidos, confesso-t'o, é de felicidade...

... Pelo unico bem que nos resta no mundo — o de havermos chorado alguma vez, como o disse um poeta...

....

E dizer-se que pensavamos, naquelle tempo desasizado, que a vida não passasse de mêra brincadeira de criança, de uma immutavel "Ciranda, cirandinha"...

GOMES NETTO

NOTAS DE ARTE

HENRIQUE OSWALD. — No meio das homenagens que lhe prestava a Patria, representada pelo Rio de Janeiro, que não é só a capital politica mas tambem a metropole intellectual do Brasil, desappareceu repentinamente da vida objectiva uma das maiores senão a maior figura da musica brasileira de nossos dias: HENRIQUE OSWALD.

Conhecido e admirado dentro e e fóra do paiz; vencedor num concurso internacional celebrado em Paris, em que conquistou o 1.º premio com o seu fino e primoroso poemeto *Il neige*; autor de todos os generos de musica, sacra e profana, onde avultam a *Missa em dó menor*, a opera *Il Neo*, o poema lyrico *Ophelia*, a *Symphonia*, o *Concerto* op. 29, o *Ottetto*, op. 29, o *Quintetto*, op. 18, o *Quartetto*, op. 39, o *Trio*, op. 45, *Suite d'orchestra*, *Preludio e Fuga em ré menor*, *Pierrot*, 4.º *Nocturno*, o poema symphonico *Festa* e o *Andante com Variações*, creação de 1918, cheia de juventude, embora composta no fim da madureza, e outras muitas obras tão inspiradas quanto perfeitas, Henrique Oswald, morto, continuará cada vez mais vivo na memoria de todos os artistas, que tinham nelle um mestre e um amigo, e na memoria da Patria, que continuará a honral-o como um dos seus mais illustres filhos.

ORCHESTRA PHILLARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — Mais uma bella noite de arte, o 4.º concerto da Philarmonica do Rio de Janeiro, realizado em 8 de junho no T. M. Classicos e romanticos, representados pelas grandes figuras de Bach, Schumann e Wagner, através da *Suite em si menor*, para arcos e flauta, do primeiro, a 4.ª *Symphonia, op.* 120, do segundo e a *Abertura* da op. a "Tannhauser", do terceiro; e ainda, em 1.ª audição, o moderno compositor russo Bortkiewicz, através do *Concerto* op. 16, para piano e orchestra — foi o que — sob a eloquente batuta de Burle Marx, com o concurso do notavel pianista Tomás Terran e dos professores de orchestra, entre os quaes

OSCAR D'ALVA

o flautista Ary Ferreira, que assumiu saliente papel na *Suite*, encantou e arrebatou o numeroso e fino auditorio, que enchia frisas e camarotes, poltronas e balcões, e quasi todas as galerias do nosso principal theatro.

Applaudindo sempre, o publico saudou com mais enthusiasmo o *Concerto*, emocionado com todo o esplendor da musicalidade slava, revelada exuberantemente na composição de Bortkiewicz. Burle Marx na regencia e Tomás Teran no solo de piano interpretaram com raro primor o bello poema sonoro. E menos não se pode dizer de todos os instrumentistas. Parece-nos até que pela natureza da peça, onde predominam os arcos, foi a orchestra que mais emocionou. Entre todos os *tempos* assignalamos o final, que os ouvintes não se limitaram a palmejar, mas foram além: gritaram bravos!

Tomás Teran, que pela primeira vez ouvimos, revelou-se o grande pianista que o programma annunciava. Instado pela assistencia, interpretou com sobriedade mas sem frieza, um *Preludio* de Scriabine e a *Dança do Fogo*, de Falla.

Na *Suite* de Bach deixou funda impressão a flauta de Ary Ferreira e se notabilizaram os violoncellos de Alfredo Gomes e Iberê Gomes Grosso.

A Symphonia de Schumann agradou intensamente em todos os tempos, mas a emoção maior foi produzida pelo final e pelo 2.º tempo: *Romanza*.

O 4.º Concerto da Philarmonica veiu mostrar que dia a dia cresce o enthusiasmo pela obra emprehendida por Burle Marx e seus dedicados collaboradores. O publico e a critica são unanimes em louvar a nobre cruzada em pról da cultura musical do Brasil. Oxalá aquelle enthusiasmo não arrefeça nunca.

CONCERTO DE CARIDADE. — Organizado pela Obra de Defesa Social e em beneficio da Clinica Escolar Oscar Clark, realizou-se no T. M., em 6 de junho, um bello vesperal de arte, em que se ouviram: a palestra literaria de Paschoal Carlos Magno, "O Elogio da Bondade"; o piano de Egydio de Castro e Silva, tocando a *Dança do Fogo*, de Falla, *Pierrot*, de H. Oswald, *Les Collines d'Anacapri*, de Debussy, *Rhapsodia Hungara, n.* 10, de Liszt; o violino de Oscar Borgeth, executando *Capricho Brasileiro* de E. Guerra, *Valsa*, de Brahms, *Idyllio amoroso interrompido por um brusco*, de Figueiredo, *Carnaval Russo*, de Vieniarski; e o canto da senhorita Alicinha Ricardo, interpretando *Les cigales*, de Chabrier, *Chant des oiseaux*, *Paño Murciano* e *Polo*, de Joaquim Nin, e a celebre aria *Fors' e lui...* da opera de Verdi, *La Traviata*.

O Elogio da Bondade foram palavras reveladoras do bondoso coração do palestrita e da sua incansavel actividade em pról de instituições, que são ou julga ser de utilidade social. Agradaram e foram applaudidas.

Entre os numeros de musica instrumental destacamos a execução de *Les Collines d'Anacapri*, por Egydio Silva, e mais especialmente a do *Capricho Brasileiro*,

(*Conclue na pagina seguinte*)

do *Idylio amoroso* e do *Carnaval russo*, em que Oscar Borgeth mostrou mais uma vez os seus reconhecidos talentos de violinista. Mas o que sobresahiu de mais notavel no concerto foi o canto da senhorita Alicinha Ricardo, já como interprete dos poemetos de Chabrier e Nin, a cada um dos quaes deu muita expressão literaria e musical, já na grande aria da *Traviata*, que foi pretexto para mostrar a artista, a extensão, a par da suavidade, da doçura de timbre da sua voz tão bella quanto educada.

Com a jovem cantora collaborou, acompanhando-a, o applaudido pianista João de Souza Lima.

E' escusado dizer que todos os interpretes foram incessantemente palmeados. E além das palmas, recebeu tambem a cantora flores e mais flores.

CONCERTO BRASILEIRO. — No hol do Palace Hotel, séde do 3.º Salão de Artistas Brasileiros, realizou-se, na tarde de 9 de junho, o 1.º concerto de uma série, cuja finalidade merece todo o apoio, porque visa a propaganda da verdadeira musica nacional, da musica da civilização brasileira, e não simplesmente da que apenas mostra o genio plebeu, a musica popular do nosso paiz.

A festa musical consistiu na interpretação por d. Heloisa Bloem Mastrangioli e pelos srs. Oscar Borgeth e J. Octaviano, acompanhada a cantora pelo sr. Mario de Azevedo, e o violinista pelo sr. Arnaldo Estrella, das peças de canto: *Virgens Mortas*, de Fr. Braga; *Canções do berço*, uma de Lorenzo Fernandez e outra de Paulo Florence; *Cantiga*, de Barrozo Netto; *A flor e a fonte*, de Felix Otero; das de violino: *Berceuse*, de H. Oswald, *Tango caprichoso*, de Fr. Braga; *Romança*, de Lorenzo Fernandez; *Capricho Brasileiro*, de Edgard Guerra; das de piano: *Nocturno*, de A. Nepomuceno; *Estudo em dó menor*, de H. Oswald; *Berceuse de Saudade*, de Lorenzo Fernandez; *A's margens do Parahyba* e *Estudo*, de J. Octaviano.

Bellas e bem interpretadas, foram todas as composições alvo de abundantes e justos applausos. Houve mesmo uma interpretação que pairou em plano especial e foi ruidosamente bisada. Referimo-nos á *A flor e a fonte*, de Felix Otero, que a sra. Heloisa Mastrangioli cantou de modo tal, que difficilmente poderão excedêl-a, quer nos primores da technica, quer nos encantos da expressão.

LÉA AZEREDO DA SILVEIRA — ROSETTA COSTA PINTO — NENÊ BAROUKEL. — Abriu-se o Municipal na tarde do penultimo jovedia, 5.ª f. 11 de junho, para

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

uma bella festa de arte: o recital de canto e declamação do trio de artistas: as cantoras sras. Léa Azeredo da Silveira e Rosetta Costa Pinto, e a declamadora senhorita Nenê Baroukel, todas profissionaes das artes em que se exhibiram. D. Léa cantou: Martini — *Plaisir d'amour*; Schumann — *Ich grolle nicht*; Brahms — *Un dimanche*; Mussorgsky — *Prière d'un enfant*; Fauré — *Le cimetiere*; Debussy — *Mandoline*; Souza Lima (João de) — *Sorri*; Gina de Araujo — *Chanson triste*; Joaquim Nin — *El vito*; Lorenzo Fernandez — *Meu coração*. D. Rosetta cantou: Mozart — *Deh vieni, non tardar...* e *Non so piu cosa son...*, arias da op. *Nozze di Figaro* e *Alleluia*; Schubert — *Wohin?*; Duparc — *L'invitation au voyage*; Rachmaninoff — *Réponses*; Ravel — *La flute enchantée* (*Schéherazade*) e *Nicolette*; Villa-Lobos — *Seresta n. 9: Abril*; Masetti — *La bella Bagnai* (canção popular). A senhorita Baroukel declamou: Flavio da Silveira — *Soneto*; Edgard Poe — *O Corvo* (trad. de Machado de Assis); Guilherme de Almeida — *A queixa e a resposta*; Olegario Mariano — *Canção da saudade*; Olavo Bilac — *Alvorada do Amor*.

A audição das tres artistas produziu, como era de esperar, agradavel impressão, provocando muitos e merecidos applausos, que se estenderam ao pianista acompanhador Prof. João de Souza Lima.

A sra. Léa Azeredo da Silveira agradou já pela cultura musical da voz, já pela nitidez da dicção. Ouvia-se com sensivel destaque a letra de todos os numeros, quer fossem cantados em portuguez, quer em francez ou allemão. E, embora todos bem nos impressionassem, assignalamos especialmente: *Ich grolle nicht*, *Prieri d'un enfant* e sobretudo *Chanson triste*.

A sra. Rosetta Costa Pinto sensibilizou o auditorio pela musicalidade da sua voz, cada vez mais avelludada e quente. Impressionou-nos mais notavelmente no recitativo de Suzanna das *Bodas de Figaro*, *Deh'vieni, non tardar* e *Alleluia*, e ainda em *Wohin?* e *La flute enchantée*. Nesses mais do que nos outros numeros pareceram-nos de maior realce os bellos dotes da cantora.

A senhorita Nenê Baroukel irradiou mais uma vez pela assistencia, que a ouvia attenta e empolgada, o seu raro talento de declamadora, ou melhor, de actriz da dicção. *O Corvo* e *Alvorada do Amor* foram vividos com extraordinario fulgor. Chamariamos quasi impeccaveis as duas interpretações, se não entendessemos que a jovem interprete da Poesia póde subir ainda mais na escala da perfeição.

COMPANHIA DRAMATICA FRANCEZA. — A empresa Sylvio Pergili annuncia para meiado de julho a estréa da temporada official de comedia franceza no T. M., com a Companhia de que são as principaes figuras Vera Sergine e Henri Rolland. Só por si valem esses nomes por um preconicio. O Rio já os tem applaudido. Quanto ao repertorio é, no genero, dos mais interessantes. Nella figuram: *La Robe de perles*, de Fernand Noziere; *Le retour de Jérusalem*, de Maurice Daunay; *La vie est belle*, de Marcel Achard; *Napoleon IV*, de Maurice Rostand; *Les Hannetons*, de Brieux; *La chienne aux yeux de femme*, de Ivan Noé; *J'ai tué*, de Léopold Marchand; *Business*, de Pierre Sabatier; *Week End*, de Noel Coward, adaptada por Mme. Andrée Mery; *Le Rabatteur*, de Henri Falk; *Les plus beaux yeux du monde*, de Jean Sarment; *Quick*, de Feliz Gandéra; *La Sonate a Kreutzer*, de Fernand Noziere e Alfred Savoir; e a celebre tragedia de Gabriele D'Annunzio, *La Gioconda*.

E' de esperar que, senão todas, muitas das representações sejam bellas noites de arte para os frequentadores do Municipal.

EMPRÉSTIMO...

Os nossos confrades de um brilhante e popularissimo matutino iniciaram, ha algumas semanas, uma secção identica a esta que inauguramos no FON-FON.

Até ahi, nada de novo, nem na frente occidental, nem em qualquer outra.

O que motiva este reparo é, apenas, a igualdade do titulo — "Discolandia" — que começámos usando com alguma antecedencia.

Não temos, está claro, a pretenção de haver sido originaes.

"Discolandia" é uma combinação que occorreria a qualquer um e não é por isto que a secção do nosso confrade é menos ou mais interessante.

O que nós queriamos, tão somente, era dizer que emprestamos com todo o gosto o titulo desta secção ao prezado collega, comtanto que elle não o passe adeante...

Podem estragál-o, usando-o em demasia...

HEKEL TAVARES

Negar o talento de Hekel Tavares é o mesmo que reproduzir a façanha de tapar o sol com uma peneira.

No emtanto, ha uma porção de cavalheiros, na maior parte officiaes do mesmo officio, que acham um grande divertimento nessa tarefa improductiva.

Plagiario, cabotino, nullidade enfeitada de pretenção, tudo o Hekel tem sido e algumas dessas accusações não deixam de ter, tambem, a sua parcella de razão, dada, aliás, pelo proprio musicista.

E' que, habituado aos pequenos vicios do ambiente artistico carioca, o compositor de "Sussuarana" produz ás pressas, preoccupado com o sentido popular das suas melodias, que, não raro, se resentem de um cunho mais intenso de originalidade.

Dahi para se affirmar o plagio, ou, siquer, o aproveitamento de phrases, preconcebidamente, vae uma distancia que nem é bom falar em medir.

Hekel Tavares tem producções absolutamente suas, que jamais soffreram a menor contestação e que são, talvez, as mais representativas do seu valor, sendo, embora, das menos divulgadas.

"Casa de Caboco", que a maestrina sra. Francisca Gonzaga reclama como obra sua, não é, sob o aspecto musical, um attestado dos meritos de Hekel.

A letra dessa canção, uma velha anecdota que Luiz Peixoto versificou admiravelmente, é que deu causa ao seu exito.

Hekel emprestou-lhe um rythmo communicativo, adequado como o que mais o fosse e como não o seria, nunca, si a sra. Gonzaga se tivesse encarregado da partitura applicando-a á poesia.

Nisto é que reside o segredo de Hekel — que é o "segredo de Polichinello" de todos os artistas de talento.

A "chave" está em ter sensibilidade e intuição para alcançar o fim a que se propõem.

Porque é preciso não esquecer que Hekel Tavares é o creador de um estylo pessoal, caracteristico, que muita gente bôa tem procurado imitar e que a sua actuação tem sido altamente benefica para o genero regionalista brasileiro.

Foi elle quem valorizou o côco, a toada, as peças de assumpto nacional, a canção brejeira, introduzindo-os definitivamente nos salões do Rio e de S. Paulo.

Elle tem dado um impulso novo e modernizador ao nosso "folk-lore".

Tem realizado recitaes, viagens, dado entrevistas, movimentado, em summa, o seu dynamismo artistico e individual em pról do que é nosso, conseguindo uma victoria que desnorteia os seus inimigos e principalmente os seus amigos.

Nas suas ultimas "tournées" ao norte, em companhia de Elisa Coelho, que é uma interprete graciosa e intelligente, Hekel apprehendeu motivos encantadores de brasilidade e estylizou-os de fórma admiravel. "Chove, chuva!", por exemplo, é uma peça que vale ouro.

O mesmo acontece com "Azulão", "Minha terra", "Maria Rosa" e varias outras que seria enfadonho citar.

Hekel Tavares, no momento, está realizando uma nova excursão, desta vez pelos Estados do sul.

E', indiscutivelmente, um triumphador, que faz por onde merecer o seu triumpho.

NOVIDADES

A valsa do momento, succedendo á sua collega de film "Dançando com lagrimas nos olhos", da pellicula "Noites Viennenses", é "You will remember Vienna" (Recordarás Vienna), que se apresenta muito bem tocada em discos "Victor".

— A distribuição da fabrica "Parlophon", que era feita pela "Casa do Disco", passou para os estabelecimentos "Mestre & Blatgé", cuja organização é efficientissima.

— A "Casa Carlos Wehrs" mandou-nos um exemplar da valsa "Almas Gemeas", musica de Gastão Lamounier e versos de Domingos Barbosa, a respeito da qual publicámos, em primeira mão, uma nota, nesta pagina.

— Oswaldo Santiago escreveu uma nova composição, intitulada "Os olhos de Heloisa".

— Já está em circulação a nova valsa de Joubert de Carvalho — "Dôr" — em edição da casa Vieira Machado.

— Alvinho, o creador da canção "Bungalow", desligou-se do "Bando de Tangarás", mas continúa gravando sozinho para a "Odeon".

A ENFERMA DO 23

HARMONIA branca. Brancas eram as paredes, como a luz da tarde e a neve que cobria o jardim. Branca era a cella da irmã, como a colcha de sua cama e meu avental de clinica. Brancas eram suas vozes, vozes de mulheres, mulheres jovens as duas, como brancos eram seus rostos de bellas caucasas. Naquelle immaculado ambiente, que apenas minha voz profunda de baixo perturbava, deixei passar mais de uma hora. Olga, a triste enferma do 23, attráe-me: em torno de seu leito ha um halo de mysterio, e em sua voz, leve e queixosa, uma onda acariciadora, que me subjuga. Embora goste de falar-lhe, não esqueço, todavia, minha obrigação, vendo que ella, para mim, não passa de uma enferma. A irmãzinha branca, ao sahir de seu quarto, me disse que é uma desgraçada e me contou sua triste historia.

Na visita da noite tornei a vel-a: estava muito abatida. Ao ver-me, seus olhos azues se animaram um pouco, levantou para mim sua cabeça loira e perguntou-me si ficará bôa. Respondi-lhe affirmativamente, e ella, então, tomou-me as mãos e as beijou repetidas vezes, emquanto seus olhos brilharam de um modo especial e o verniz de umas lagrimas os ensopou. Recommendei-lhe repouso e afastei-me para proseguir minha visita. Quando voltei para meu gabinete de estudo, ouvi que ella dizia á irmã branca:

— Irmãzinha, elle me disse que eu ficarei curada. Como sou feliz! Já poderei amar.

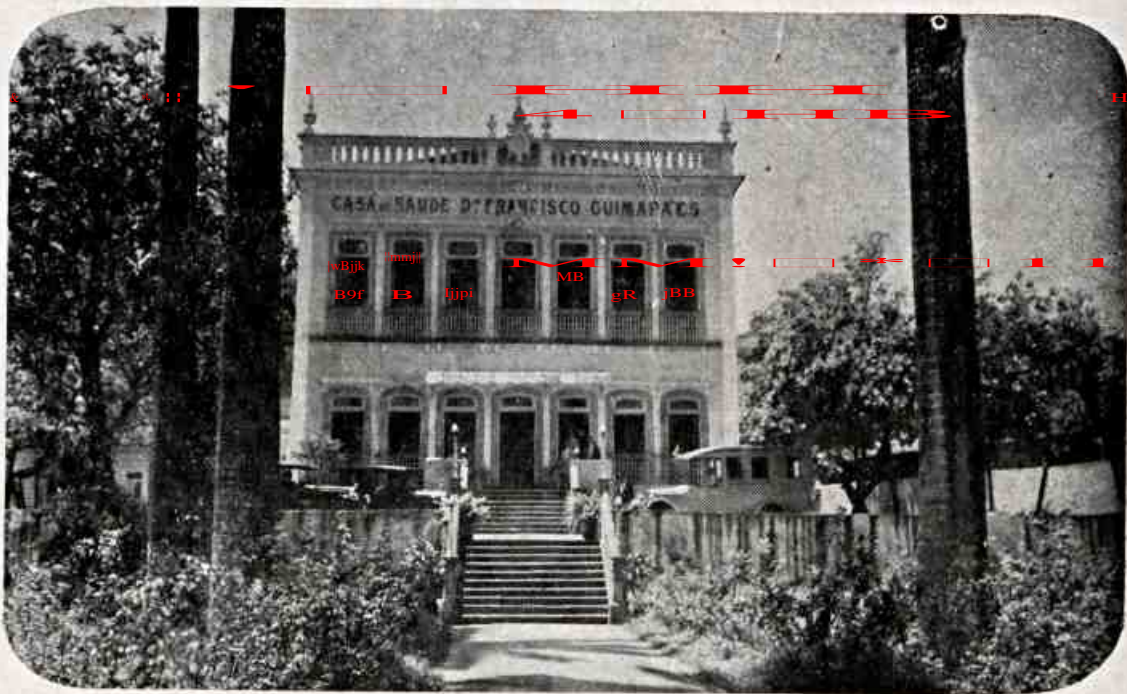
De meu punho e letra está escripto isto em um dos cadernos do diario de minha visita do anno de 19.., com data de 28 de fevereiro. Pode-se dizer que quasi já o havia esquecido. Faz tanto tempo que voltei da Russia!

* * *

Ha, approximadamente, uns oito mezes, fui a um dos mais animados *cabarets*. Quando entrámos, começava o baile. Uma orchestra de negros atacava, indomita, com enthusiasmo felino, as descompassadas notas de uma exotica dança moderna.

Quasi todas as mesas haviam sido abandonadas ao soar a orchestra. Apenas em um palco pudemos contemplar a effigie estatica de uma mulher loira.

Inclinámos nossas testas, cumprimentando-a, ao que ella respondeu com um breve sorriso. Resolvemos subir e convidál-a para dançar. Mas, como eramos tres amigos, facilmente comprehendemos que sobravam dois.

Discutimos qual havia de ser o privilegiado, e, como não conseguimos chegar a um accordo, decidimos tirar a sorte. Eu fui logo excluido, e fiquei summamente contrariado por minha falta de sorte, pois jurára que aquelle olhar e aquelle sorriso eram para mim. Fui sentar-me em logar de onde podia vêl-a muito bem.

De F. Gonzalo Bilbao

Meu amigo feliz, favorecido pela sorte, dançou toda a noite com ella. A' sahida, disse-me que ella lhe perguntara quem era eu, assegurando-lhe que me conhecia. Não lhe quiz revelar seu nome. Era estrangeira.

Intrigado, voltei alguma outra noite ao *cabaret*. Mas me foi impossivel entabolar conversação com ella.

Quando, o outro dia, me achava de serviço na clinica de urgencia, trouxeram-me nos braços uma mulher que fôra atropellada na rua. Com a rapidez que o caso requeria, intervi promptamente, e quando, uma vez feita a cura e hospitalizada, pois seu estado impediu que fosse trasladada, vi seu rosto e reconheci immediatamente a dama loira do *cabaret*, então meu espirito foi um pouco mais longe: aquelles olhos azues e aquella voz queixosa e acariciadora recordaram-me a Russia de meus annos de moço, quando praticava em Moscou.

Effectivamente, ao tomar nota para estender a parte, verifiquei ser Olga, a enferma do 23. Lendo-lhe o nome, minha mão, tremula, quasi não conseguia escrever. Atirei a penna para o lado e, correndo, fui até á sua cama. Sem reparar na presença de meu velho collega, que procedia a um exame no estado da enferma, olhei-a fixamente. Era ella, sim. Apenas estava mudada. Mas conservava ainda a mesma expressão de doce soffrimento que já me havia impressionado outr'ora. Atrevi-me a perguntar-lhe:

— Olga, você me conhece?

E ella, pausadamente, com grande esforço, respondeu-me:

— Não é tão fraca minha memoria como a sua, que, para se lembrar, foi preciso saber meu nome...

Fiquei perplexo deante de taes palavras, e murmurei:

— Faz tanto tempo...

— Cinco annos, e em plena juventude, não é tempo para esquecer — disse ella.

— Eu a recordava muito, mas não a reconheci. E' que mudou bastante.

— Mudei?! Não, doutor — respondeu; — quem mudou foi você.

E, num supremo esforço, pois se sentia morrer, erguendo-se, proseguiu:

— Não mudei nunca. Você despertou em meu coração moribundo a chamma do amor, ainda accesa, e eu senti desejos de viver para amar. Você conseguiu fazer-me viver. Depois, partiu... Veiu para sua patria. Amei-o com todo o impeto de meu coração, fortalecido pela paixão que meu peito acalentava, e resolvi seguil-o, e aqui estou de novo, deante de você e da morte. Antes poude você; agora, poderá ella, e uma vez vencida, me esquecerá como você me esqueceu. Fui apenas a enferma do 23. Amo-o...

E cahiu pesadamente sobre o leito. Por suas veias já não corria o sangue vital. Beijei-lhe a fronte e cobri-lhe o rosto com o lençol..."

AQUELLE QUE FALHOU NA VIDA

QUINZE horas. O café regorgitava de gente. Descrever as pessôas que lá estavam era tarefa difficil, sinão impossivel, pois, entre a sahida e a entrada de quasi todas ellas, não decorriam siquer dez minutos. Um copeiro a gritar: "Mé-di-á! Pão quente!!!" O tinir dos nickeis que os freguezes apressados batiam na mesa para chamar o cobrador. O tilintar dos pires, chicaras e colheres, intercalado de risadas e murmurio de conversas. Eis a original orchestra do café.

Numa mesa, a um canto, eu e outros collegas conversavamos; o Geraldo, delegado na cidade de X.; Alberto, meu melhor amigo da época academica e companheiro inseparavel das noites bohemias, nas quaes, pela madrugada, violão em punho, cerebro excitado pelos "chopps", sahiamos a embalar o somno de nossas namoradas, com nossos cantos de amor, e mais dois academicos. Um quartanista e o outro ainda "calouro". Como é de se prever, falavamos sobre a vida academica. Nós, os formados, moços ainda, mas já cheios de responsabilidades, recordavamos com saudade os annos felizes que passámos nas Velhas Arcadas. Eram recordações saudosas e inesqueciveis. Elles, os estudantes, cheios de enthusiasmo e esperanças, prelibavam as glorias com que sonhavam nas suas bancas de advogado. Uns, pesarosos, lamentavam o dia em que abandonaram, em plena mocidade, a vida de liberdade e alegria. Outros, com os olhos vendados, sorriam e ansiosos esperavam o momento no qual deviam collar grão em sciencias juridicas e sociaes. E, assim contentes, caminhavam para o altar onde iriam immolar, na flôr da juventude, sua liberdade e alegria, recebendo em troca uma sizudez obrigatoria, responsabilidades e o decalogo das leis sociaes, as quaes não mais poderiam violar, sob pena de descredito publico. Armados cavalleiros, defensores da sociedade e do Direito, dos opprimidos contra os oppressores, dos fracos contra os fortes, dos honestos contra os velhacos, da verdade contra a mentira, tornando-se assim vassallos da Justiça e escravos dos seus deveres. Isto se dizia em nossa mesa, quando, aproximando-se do nosso grupo, um individuo abatido, roupas gastas, andar trôpego, tirou o chapéo e nos rogou um auxilio. Demos-lhe uns tostões e o despedimos. O infeliz, uma das muitas victimas do alcool, agradecendo respeitosamente a dadiva, afastou-se, dirigindo-se ao balcão do café, onde ingeriu um calice de aguardente. Já haviamos retomado a nossa palestra, quando alguem, em nossas costas, gargalhando, nos chamou. Surpresos, procuramos com a vista o interpellante. Era o bebedo, que, rindo sempre a mostrar uma bocca onde já não moravam

O QUE TODOS

As antigas leis romanas faziam uma distincção entre os ladrões, segundo eram surprehendidos em flagrante delicto ou não. O ladrão apanhado no momento de roubar, e com o producto do roubo, passava a ser escravo da pessôa roubada, si fosse livre. Si já fosse escravo, era condemnado á morte.

* * *

O nome proprio feminino Bertha, derivado do antigo germanico, significa: esplendoroso, brilhante, esplendido. De Bertha derivam-se muitos nomes em italiano, taes como: Bertani, Bertoni, Bertini, Bertinotti, Bertelli, Bertolini, Bertacchino, Bertchini e alguns outros.

* * *

Os poetas c h i n e z e s adoptam curiosissimos meios para publicar seus versos. Quando um autor escreve algumas poesias, junta um grande numero de homens de letras para recitar deante delles seus poemas. Si estes encerram algum

Por Fernão de Itararé

dentes, transformada em chaminé de vapores alcoolicos, exclamava: "Já me não conhecem? Você, Geraldo, não mais se lembra de mim? São todos importantes e eu apenas sou um bebado, um mendigo, um desgraçado!" Como que electrizado, levantámo-nos, revoltados deante da insolencia desse homem que, após ter recebido, de chapéo na mão, humildemente, a esmola pedida, procurava nos rebaixar em publico, querendo-se nos igualar. Era o vencido tentando humilhar o vencedor, o falho querendo menosprezar o triumphador, o despeitado, que, após ter sido vencido na luta pela vida, queria lembrar um passado no qual ao nosso lado, embora em vão, tentara vencel-a. E, agora degradado, desejava, deante de todos, menosprezar-nos, deixando escorrer sobre nós toda a peçonha contida em sua alma gangrenada pelo alcool. Mas, pouco a pouco, reconheciamos, com espanto, naquelle trapo humano, o nosso antigo companheiro de gymnasio, o melhor alumno da nossa classe, o João Baptista, o "tirador de medalhas", como então o chamavamos.

Que haviamos de fazer? Naquelle estado, a sociedade não nos permittia deixal-o tratar-nos com a mesma intimidade dos tempos em que elle sobre nós triumphava nos estudos. Fôra vencido na vida pratica e era agora um derrotado, não podendo, portanto, tratar de igual para igual os que nella são os vencedores.

Iamos sahir, quando o dono do café, lisonjeiro como sempre, veiu pedir-nos desculpas por aquella scena desagradavel, ha minutos passada em seu estabelecimeneo, sem que, entretanto, lhe coubesse a minima culpa. O nosso ex-collega, posto para fóra, pelos "garçons", cambaleando, sahira a vagar pelas ruas. Todavia, nós passavamos por um estado virgem de experiencia. Indescriptivel. Pena e odio. Piedade e desdem. O coração nos mandava seguil-o e acolhel-o, como dantes. A razão, protestando, nos ordenava: "Não! Não sois os mesmos! Não vos abaixeis. A gloria que todos os homens desde cedo vos ensinaram a desejar está numa altura superior á vossa e, para attingil-a, precisaes vencer o vosso proximo e com elle construir os degráus que vos levarão a ella. Esta é a lei da Vida. Precisaes seguil-a."

Deste estado morbido fomos despertados por gritos e exclamações de horror. Caminhamos para a porta. Fomos ver. Era um auto que apanhára um transeunte. As pernas quebradas, o craneo partido, na sargeta tingida de sangue, se nos deparou a victima do desastre. Era o João Baptista, o nosso ex-collega de curso secundario, aquelle que falhára na Vida...

NEM SABEM

merito, os ouvintes requerem permissão para copial-os; isto basta para fazel-os conhecidos e famoso o autor. Outras vezes, os poetas escrevem seus versos nas paredes de edificios publicos para que possam ser lidos por todos.

* * *

Os australianos crêm que os ossos de pato, de cysne e de outras aves aquaticas, cuja carne foi comida por uma pessôa, se convertem em poderosos talismans. Assim, os indigenas cuidam de queimar os ossos dos animaes que comem, para evitar que sejam perseguidos por elles.

* * *

Na flora brasileira figura a herva "anda-açú" ou "purga dos paulistas", formoso arbusto que cresce á beira-mar, de bastante altura, e cujas amêndoas são purgante energico. Seu desenvolvimento sobre os terrenos arenosos maritimos dá-lhes a apparencia dos pinhos nas planicies.

LUA NOVA

QUANTO a lua nova subia o céo, a mãe levava seus dois filhos até a beira do rio.

Entre os arbustos, onde ninguem os podia ver nem ouvir, falavam com a lua e olhavam embevecidos sua cara nacarada.

O semblante da viuva se transfigurava e seus olhos se dilatavam avidos de loucura. A viuva fazia a menina de cinco annos, que se chamava Lucila, dizer:

— Senhora Lua: rogo-te que me conserves sempre sadia e bôa. Guarda minha mãe e meu irmãozinho. Não queremos fortuna. Dá-nos, porém, generosidade e resignação para a dor e para o mal.

Como é de suppôr, a menina não comprehendia essas bôas razões, embora, no fim, fizesse uma reverencia que ninguem havia pedido. Apesar disso, a lua continuava navegando na immensidade, branqueando a paizagem e prateando a agua.

O menino de sete annos, cujo nome era Abel, repetia estas palavras, que sua mãe recitava:

— Senhora Lua: rogo-te que me ajudes a fazer-me homem depressa para que possa cuidar de minha irmã e de minha mãe. Toma-me sob tua protecção. Afasta-me do mal e guia-me para o bem.

Acontecia ao menino exactamente o mesmo que se déra com sua irmãzinha. Mas uma coisa lhe parecia bem: fazer-se homem. E pensára nisso varias vezes, e desejava ser homem cêdo, para poder accender um cigarro e experimentar botar a fumaça pelo nariz.

Mas isso não alterava em nada a marcha da lua.

Depois que a mãe os fazia dizerem estas ou palavras semelhantes, ficava longo tempo meditativo, até que seus olhos se enchiam de lagrimas. E nem siquer a lua sabia o motivo.

— Mamãe — perguntára o menino — quando eras pequena, tambem fazias pedidos á lua nova?

— Sim, fazia — respondeu a mãe.

— E tudo o que pedias, ella to dava?

— Exactamente.

— Por que não pediste que nos deixasse papae?

A pobre viuva abriu muito os olhos e só pou-de apertar as mãos de seus dois filhos.

Mas, no dia seguinte, quando lhe foi concedida permissão para passar á cama onde dormia Lucila com a mãe, antes de começar a brincar, Abel disse:

— Luci: vamos pedir alguma coisa á lua, esta noite?

— Vamos.

— Não digas nada a mamãe.

— Não.

— Vamos sozinhos e pediremos o que quizermos.

Durante o dia, os dois irmãos trocaram olhares de cumplices. Abel perguntou, na mesa:

— Mamãe: quando o ponteiro grande está em doze e o pequeno em oito, é de noite?

— E', sim — respondeu a mãe.

Mas os ponteiros do relogio se obstinaram em percorrer o quadrante minuto por minuto, sem saltar nenhum, e a noite demorou bastante em chegar.

Quando a mãe procurou seus filhos para apresentál-os a Daniel Cardaes, que estava alli, olhando-a como si nunca a houvesse visto, não os encontrou.

Abel e sua irmãzinha, de mãos dadas, haviam sahido de casa, o que não lhes era permittido.

— Por que não vamos com mamãe? — insinuou a menina, olhando as sombras espessas que havia entre as arvores.

— Não — respondeu, autoritariamente, o irmão. — Si mamãe fôr, teremos que pedir o que ella quer.

E, ou porque o mêdo

Leonidas Barletta

lhes aguçava o ouvido, ou porque o silencio da noite era profundo, as duas crianças, aturdidas, escutavam o coaxar dos sapos, o ranger das rãs e o constante cri-cri dos grillos, semelhante ao som que póde produzir uma lima sobre o fio de um metal.

A herva que marginava o caminho parecia, ás vezes, que ia sobrepassar suas cabeças. Mas o menino, segurando sua irmãzinha pela mão, avançava com passo resoluto. Aproximaram-se da beira do rio, e não se sabe si a lua chegou a distinguil-os. De qualquer maneira, os dois meninos levantaram os olhos para o céo, emquanto Abel dizia:

— Começa, Luci.

A menina fez uma gentil reverencia e, sem vacillações, exclamou:

— Senhora Lua: manda-me uma boneca que feche os olhos.

— Não; isso não, que é muito caro — corrigiu-lhe Abel.

Lucila pensou melhor e rectificou:

— Manda-me uma boneca, nem que seja de panno.

— Bem; agora eu — disse Abel.

E erguendo os olhos ao céo, ajuntou, o mais forte que poude:

— Senhora Lua: poderias dar-me um velocipede igual áquelle que tem o filho do ferreiro?

— Isso não! — disse Lucila, fazendo uma careta de reprovação.

— E si achas caro, Senhora Lua — proseguiu Abel — manda-me duas rodas para eu fazer um carrinho.

Neste ponto, foram vistos por aquelle Daniel de que falámos, e que éra tão sério que até sorrindo parecia triste, gostando de falar áquellas crianças como si se tratasse de filhos seus. A mãe, que vinha atraz delle, correu para onde estavam os meninos, entre satisfeita e severa:

— Que fazem vocês aqui?!

— Nã ote sangues, mamãe — disse Abel. — Viemos pedir á lua umas coisas que haviamos esquecido.

A viuva e Daniel Cardaes não puderam deixar de sorrir. Elle inclinou-se sobre o rosto da menina e beijou-a nas faces, o que não agradou a Luci, porque o beijo daquelle homem era áspero e cheirava a fumo.

Depois olharam um instante a lua e emprehenderam o regresso pelo caminho agreste. Os dois irmãozinhos já não tinham medo e iam na frente, sempre de mãos dadas.

A viuva sorria. Certamente, já havia pensado que o tributo aos mortos tem um limite e que quem está na vida e se nega a viver...

...será, sim, perseguido
e castigado e morto pela
[vida!

Lucila perguntava a seu irmão:

— A lua nos mandará tudo o que lhe pedimos?

E Abel, mysteriosamente, com um fio de voz:

— E' claro que sim! Não vês como mandou um papae novo?

A viuva sorria, agora, docemente, e a sombra de Daniel Cardaes se projectava tão perto da sua, que quasi se confundiam...

Occorreu com alguma frequencia essas situações romanticas. Mas o sublime espirito do romantismo morreu.

A viuva talvez pensasse em um lar bem confortavel, em uma existencia commoda, no futuro de seus filhinhos. Mas eram pensamentos muito honestos, que pódem provocar doces sorrisos e até alguns extases.

E Daniel Cardaes espantava os mosquitos que o rodeavam, certo de que seu destino na vida era casar com uma viuva joven e formosa, mãe de duas preciosas crianças, e ser proprietario de uma importante fabrica de meias...

S. JOÃO DA

De LUCIU

QUANDO chegou o tempo de S. João, eu comecei a juntar tostões para festejar o dia consagrado a esse santo. Tinha o grande plano, que eu acariciava a todos os instantes, de brincar o mais possivel durante a classica noite da fogueira. Mas uma brincadeira innocente. Sem estrépito. Sem rumor. Porque eu não gostava das bombas, nem dos foguetes, nem dos buscapés, nem das bichas. Achava que esse foguetorio todo havia de incommodar a quietude do santo, que eu vira tão ingenuo, tão doce, numa estampa do livro de rezas da minha avó.

O de que eu gostava era da fogueira. Mas não era mesmo por causa da fogueira.... Era por causa das batatas.... Entretanto, a fogueira e as batatas formavam, apenas, um accidente na festa toda. Porque o de que eu gostava, de facto, extraordinaria, louca e estabanadamente, era dos balões.

Os balões!.... Estes, sim, é que constituiam a mais notavel attracção da festa, a maior alegria da noitada para mim. Os balões! Que lindos que os achava! Os balões!.... E então, quando subiam, incertos, ás curvas, em voltas, em desequilibrios, até que, por fim, já cheios de gaz, avançavam como flechas através do ar e se tornavam, lá longe, pontos quasi imperceptiveis, acabando por desapparecerem, bem no alto, por entre as nuvens. Que lindos, que eram os balões!

Foi para poder soltar um delles — o primeiro que eu havia de soltar — que entrei a fazer economias. Deixei de comer balas uma semana. Uma semana!.... Mas eu ganhava pouco dinheiro, de modo que, após esses sete interminaveis dias de longas economias, ainda me faltava um tostão.... Um tostão!.... Uma moedazinha á tôa, com uma cara de mulher e uma porção de estrellinhas em volta.... Era por causa dessa moedazinha que eu ia ficar sem o meu primeiro balão...

Fiquei logo amuado. Aborrecido de todo. Com o beiço cahido, como toda a criança contrariada. E andei choramingando pelos cantos da casa. A mamãe não me quiz dar o nickel que faltava. Disse, com ar muito solenne, o indicador da mão direita cortando furiosamente o ar, a mão esquerda cahida nobremente sobre a cintura, que soltar balões era para os vagabundos.... Ah, naquelle dia é que eu vi como os vagabundos são felizes!...

E eu ia ver passar o dia alegre de S. João sem poder lançar ao espaço o meu grande sonho: um balão multicôr, bojudo, parecido com o arco iris.... Foi então que pensei num crime.... Eu sabia onde a minha avó costumava guardar o resto do dinheiro das suas com-

---

UMA revista aberta ao acaso; olhos que fitam, mas não lêem.... E a barca sulca o mar, rumo a Nictheroy, e outras além o cortam rumo das ilhas, todas rumo do seu destino.... Ao longe, as montanhas azues, coifadas de nuvens brancas, e o cáes contêm o mar que avança para o Rio, e o Christo Redemptor, braços abertos, mostra-nos os montes e a cidade com a sua belleza e os seus peccados. Poucas luzes á beira-mar. Crepusculo de fim de maio, já bem frio.

Não li; vi-te assim longe, por mim, a bem do meu sonhar.... Um sacrificio de homem por um ideal de mulher.... Devêra eu sanccional-o? Qual pesa mais: o ideal ou a saudade? Emancipação da mulher; respeito aos direitos de todos; paizagem de paz na liberdade; melhoria das gerações; povos e nações ennobrecidos...

Livre tu me deixas e eu te deixo, e escravo e escrava somos: tu, dos meus anseios, eu, do teu fitar.

— Litteratura! — ouço-te a voz.

— Saudade! — digo-te eu.

A barca chega a Nictheroy. Emfim, o omnibus, a casa. Bem razão tinha o poeta: "... e comprehendi

Que é um sacrario sem hostia
A tua casa sem ti."

Não sei de cór, para commover-te a sensibilidade, o verso e o pranto de Henri Heine.

* * *

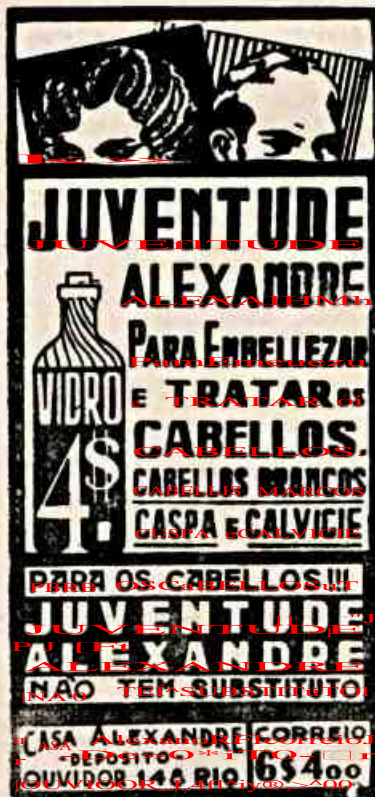
Morde-me o remorso da minha acção que te distancia. Si o não pedi, si o não quero... Que posso eu contra a força que me impelle?

PELO AEREO

Instrumento sou dos seus designios. Mas a finalidade é grande, porque é o proprio homem. Nos meus momentos de mysticismo, eu o sei porque o amor m'o diz.

Rebusquei-te os livros que te ensinaram a pensar, abri *Du vrai, du beau et du bien*, de Victor Cousin, e senti: "E' só pelo coração que o homem se põe em relação com Deus. Tudo que ha de grande, bello, infinito e eterno, só o amor nol-o revela".

Quizera-me de bom humor, para te dizer coisas intimas e alegres... Invade-me o pessimismo... Para que direitos e liberdade, si amanhã correrei a pedir-te as algemas que me jungem á unica verdade que diviso, — esse aconchego bom do nosso lar? Que só elle é bello e encanta, assim cheio de ideaes, desse legado que o sangue dos nossos filhos traz e transmittirá, vida em fóra, rubro e quente...

* * *

Vê si concordas com esta conclusão: Todos os problemas nacionaes dependem da semente a plantar e da frescura do amor que a regará. Problema eugenico: de verdade, belleza e de bem.

Mando-te estes versos que, certa vez, um poeta anonymo me remetteu de Ouro Preto. Não os destruas com os teus ciumes: uma recordação dos vinte annos só agora póde agasalhar um coração: o teu.

"Volta que alguem que escravizado
Anda da graça dos teus olhos
Morre de penas torturado,
Entre as agruras do seu fado,
Do desespero entre os abrolhos.
Si tu não voltas, é que és má:
Pois tu, podendo reanimar
Quem de soffrer morrendo está,
Deixas? Ai, pouco se te dá
Que alguem succumba de pesar."

Selva Americana.

MINHA INFANCIA

D E SOUZA

Pras!... E naquella tarde, pé ante pé, contendo a respiração, pequenino iniciado em trampolinagens, tirei um tostão — um tostão somente! — do mealheiro da vovó... a vovó de cabellos muito brancos, que me contava historias de principes, de fadas, de feiticeiras, de [illegible], de crianças que se haviam perdido e encontravam uma casa feita de assucar... Tão bôa que ella era, tão bôa! Mas tambem tão bonito que era o balão...

A' noitinha, sahi, ás escondidas, de casa. Fui para um terreiro que havia no fundo da rua. Comprei o balão ambicionado, a um mulecote que vivia daquillo, pelo S. João, todos os annos. Arranjei a bucha. E o kerozene. E os phosphoros. E, num canto do terreiro, com a ajuda de garotos, que eu não conhecia, mas que se fizeram logo meus camaradas, num exemplo commovedor de fraternidade, estava eu para soltar o meu balão.

— Agora! Eia! Larga! Vivô-ô-ô! Vivô-ô-ô!

O balão levantou-se no ar, cabeceando, procurando subir. A garotada batia palmas. Eu estava deslumbrado em meio dos meninos. De repente, ferina como um vento frio, esganiçou uma voz, que me poz todo arrepiado:

— Fura! Fura! Fu-ra-a!...

Olhei. Era um gury sardento, de cabellos ruivos, feio como elle só. O gury juntou o gesto á palavra. E uma pedra, silvando no ar, foi abater-se sobre o meu balão multicôr, que procurava ascender no espaço. Então, elle como que estonteou. Rodou sobre si mesmo. E, rasgado, pegando fogo, foi-se fazendo em pedaços, em cinza, em nada, emquanto a bucha cahia rapida, ao solo.

Mordi fortemente os labios. Senti que o sangue me escaldava. Que os meus cabellos se despenteavam. Que havia chispas de raiva nos meus olhos. Emfim, tomei insensivelmente a postura tragica dos enfurecidos.

— Bandido! Des-gra-ça-do!...

E atirei-me para cima do gury sardento, que sahiu em disparada, na minha frente. E eu em perseguição, para vingar-me. Foi uma corrida doida até esfalfar-me. Mas não consegui agarrar o gury...

Fiz-me homem. Entrei para isso que se chama a Vida. Ou a Luta. E quiz soltar, como aquelle balão da criancice, á custa de muitos sacrificios, de ludibriar a esperança e a bôa fé dos meus, as minhas lindas illusões. Mas havia sempre alguem, malvado como aquelle gury sardento, alguem que as destruia, e que eu nunca consegui pegar...

A ALMA E O CORAÇÃO

O coração é o creador da irrealidade. Vive da illusão e do sonho. Toda a sua existencia se resume em sonhar com fantasias deslumbrantes, em idealizar as mais lindas venturas.

O coração almeja o amor. O amor que o faça vibrar de emoção e traga, para sua vida sentimental, um romance que occulte, em cada pagina, uma surpresa.

No mundo procura sempre encontrar "alguem" que o deslumbre e saiba prendêl-o dentro de uma grande fascinação. Illude-se facilmente com a felicidade. Fantasia demais a realidade. E de tanto fantasiar o mundo, o amor, elle sempre encontra a decepção...

O coração vive preso, acorrentado, ao mundo do sonho e da illusão. Quando um sonho de felicidade, um sonho de amor se perde no irreal, elle soluça a saudade desse sonho que não foi vivido. Mas, na sua suprema ambição de adorar, o coração esquece tudo quanto, no meio de sua dôr, sente a illusão de que, talvez mais tarde, surgirá para ventura sua um outro amor...

O coração é o eterno sonhador enamorado da felicidade e do amor. E, em holocausto á fantasia, ao sonho, offerta toda a sua vivda, vida que, muita vez, se transforma mais tarde na lagrima dolorosa de uma grande saudade.

A alma não vive a sonhar como o coração. Com ternura, ella acalenta os sonhos de amor do coração. Ouve, em silencio, os seus murmurios, as suas canções sentimentaes. Muita vez segreda, de mansinho, ao coração que a sua ambição é uma loucura. Mostra-lhe que nunca se realizará. E procura, em vão, fazel-o comprehender que esse sonhar terminará em uma desillusão.

A alma vive a felicidade quando tem certeza de que essa felicidade trará encantamentos varios para sua solidão — a solidão em que ella vive a esperar a ventura ambicionada.

O coração deslumbra-se facilmente. Vive a cantar as suas canções de amor nas noites illuminadas pelo luar de prata, nos dias cheios dos sorrisos azues do céo, para que o alguem que está a seu lado comprehenda o quanto elle se acha fascinado.

A alma só se escraviza a alguem quando tem a certeza de que esse alguem poderá eternamente ser o seu ideal. E só murmura palavras de amor, quando se inebria com a felicidade de desvendar para alguem o seu grande segredo.

No coração cabem varios sonhos de amor. Na alma, sómente aquelle em que se reflecte todo o seu ideal, toda a sua ambição.

A alma e o coração... Este vive a fantasiar a vida com sonhos de amor, de felicidade, de gloria... Aquella vive triste e isolada... nada vê, nada sente... á espera do momento secreto que lhe trará o que mais ambiciona... Existe sempre um dia em que ella comprehende ter encontrado no mundo o alguem capaz de deslumbrál-a com os esplendores de um grande affecto!... Então, a alma, que fugia medrosa a todos os sonhos do coração, é a primeira a se deixar aprisionar pelos grilhões do amor... E emquanto o coração canta toda a sua ventura, a alma ergue no seu âmago um altar, no qual o seu idolo é adorado com toda a intensidade e sublimidade do seu affecto.

A alma e o coração... Em tudo elles são differentes. Até no destino... O coração, um dia, emmudece para sempre. E quando a sua vida sentimental termina, quando o sonhador adormece no seu somno mortal, tombam ao nada todos aquelles sonhos dourados... emquanto a alma vae para a mansão celestial juntamente com a recordação, com a saudade do sonho de amor e felicidade que alguem a fez viver...

Mitsi.

KAID, REI

O grande rei Kaid, da India, começava a sentir-se enfastiado da vida monótona que levava. Durante annos havia sido grande guerreiro, e conseguira vencer ou conquistar todos os seus inimigos. Em seu reino não havia um só rebelde, e os reinos vizinhos pagavam-lhe os tributos com toda regularidade e exactidão.

— Não posso ir á guerra sem ter razão para tal — disse Kaid — pois isso desagradaria aos deuses. Não ha nada que me interesse. Eu daria qualquer coisa ao homem que inventasse algo que pudesse interessar-me de maneira que a vida não me fosse tão monotona e pesada.

Achavam-se presentes muitos cortezãos. Entre elles havia um velho muito sabio, que escutou com grande attenção o que disse o rei. Quando sahiu do palacio do rei, o sabio se retirou para sua casa, e, tomando algumas folhas de pergaminho, penna e tinta, se encerrou em seu gabinete. Passou varios dias ali, e só sahia nas horas das refeições, após o que voltava ao seu gabinete. Ao cabo de quinze dias, mandou chamar Talachand, habil artifice em marfim, e lhe encommendou trinta figuras, segundo o modelo que lhe deu com detalhadas explicações. As figuras constariam de dois reis e duas rainhas, quatro guerreiros montados a cavallo, dois castellos modelados de accordo com o estylo de uma famosa fortaleza que havia perto de Delhi, e outras peças de diversas fórmas e tamanhos. A metade dessas peças devia ser branca e a outra metade vermelha.

Talachand trabalhou com muita diligencia e talento na fabricação das peças, e dentro de quinze dias as apresentou ao velho sabio, que ficou muito satisfeito com a obra.

O velho havia, tambem, mandado fazer um estranho taboleiro de madeira muito fina. Era um taboleiro quadrado, no qual havia sessenta e quatro divisões exactamente iguaes, mas alternadamente brancas e vermelhas. Ninguem nunca vira um taboleiro dessa especie, e quem o via ficava a matutar sobre que destino lhe daria o sabio.

Quando estavam promptos o taboleiro e as peças, o velho sabio os levou ao palacio do rei. Logo que avisaram ao soberano que o desconhecido solicitava uma audiencia, o rei ordenou que o fizessem entrar.

— Vossa magestade — disse o velho — prometteu fazer qualquer coisa que suggerisse a pessoa que pudesse interessal-o em alguma nova occupação. Está ainda vossa magestade disposta a cumprir a promessa?

— Sim, certamente — respondeu o rei. — Farei qualquer coisa pelo homem que possa fazer algo que me allivie da monotonia em que vivo.

— Muito bem — disse o velho, ordenando as figurinhas no taboleiro, em duas fileiras, uma deante da outra. Aqui tem vossa magestade uma nova especie de guerra incruenta na qual não se derrama uma gotta de sangue, não se incendeiam povoações, não se deixam meninos orphãos, e que, no emtanto, lhe causará bastante excitação e requererá todo o talento estrategico de vossa magestade, si quizer triumphar.

Isso interessou muito ao rei, e, emquanto o velho lhe explicava como se fazia a guerra com as figurinhas de marfim sobre o campo de batalha, que era o taboleiro quadriculado, o rei se sentiu muito interessado e desappareceu o seu aborrecimento.

— Este rei branco é vossa magestade — disse o velho — e para que vossa magestade ganhe a batalha, é necessario que se mantenha sereno, pois esta guerra se ganha pela habilidade e pelo talento, e não pela força.

Continuou depois o sabio explicando-lhe o movimento das diversas peças: como umas atravessavam em qualquer direcção, outras se moviam diagonalmente, e os guerreiros a cavallo avançavam um pouco para um lado e depois davam um salto diagonalmente. Algumas das peças corriam muitas divisões ao mesmo tempo, emquanto que outras só podiam avançar uma divisão em cada movimento.

— Então, dizes que o teu Pae sabe o momento exacto em que vae morrer, o anno, o mez, o dia?
— Sim; disse-lhe o juiz.

DA INDIA

LENDA SOBRE A ORIGEM DO XADREZ

O rei estudou aquella nova especie de guerra, durante muitas semanas, e, afinal, achou que havia chegado a comprehender perfeitamente o systema, dando-lhe, então, o nome de *O rei* ou *Xadrez*, que quer dizer a mesma coisa.

Então, o velho sabio reclamou a remuneração promettida.

— Que queres que te dê? — perguntou o soberano. — Pede-me o que quizeres e te será dada até a metade de meu reino.

— Eu não quero nem dinheiro nem joias — replicou o sabio. — Tudo o que peço é que vossa magestade me dê um grão de milho pelo primeiro quadradinho, dois pelo segundo, quatro pelo terceiro, oito pelo quarto, dezeseis pelo quinto e assim successivamente, até chegar aos sessenta e quatro. E' tudo o que desejaria eu. Nada mais.

— Terás o que pedes — respondeu o rei. — Mas isso não tem valor como recompensa pelo que me fizeste. Deixa-me ajuntar tambem cem *lacs* de rupees.

— Não, magestade — disse o velho, com muita modestia. — Agradeço a generosidade de vossa magestade, mas eu ficarei muito satisfeito si me fôr concedido apenas o que peço. Não quero mais nada.

— Muito bem — exclamou o rei.

E, mandando chamar o thesoureiro do reino, ordenou-lhe que contasse o numero de grãos.

— Rogo a vossa magestade se digne envial-os á minha casa — accrescentou o velho sabio.

Tambem a isso accedeu o soberano, embora, segundo manifestou, não comprehendesse por que o velho não levava o milho, por isso que se tratava de uma quantidade tão pequena.

O thesoureiro dirigiu-se a seu gabinete. Algumas horas depois, voltou, consternado e confuso, á presença do rei.

— Enviaste ao velho o que pediu? — perguntou o soberano.

— Veja, magestade. Para dar-lhe um grão de milho pelo primeiro quadro, dois pelo segundo, quatro pelo terceiro, e assim até as sessenta e quatro divisões do taboleiro, significa que temos de entregar-lhe: 18.446.744.073.709.551.615 grãos de milho, e toda a existencia do mundo não alcança a essa quantidade, nem teriamos dinheiro para pagal-o.

O rei não quiz acreditar no que dizia o thesoureiro, que assim fez a operação em sua presença. Então, o proprio rei ficou maravilhado.

Nesse mesmo momento o velho sabio voltou á presença do rei para reclamar o seu premio. O soberano, muito alarmado, perguntou-lhe si havia meditado bem sobre o que pedira.

— Mas vossa magestade prometteu dar-me até a metade do reino — disse o velho.

O rei não respondeu. Depois de um momento de profundo silencio, o velho falou:

— Magestade: não aspiro a nenhuma recompensa. Mas, si consegui demonstrar a vossa magestade que ha coisas que interessam na vida a parte da arte de matar e destruir, e si consegui fazer ver ao maior dos monarchas que nem elle pode cumprir todas as promessas que faz sem premeditação, impellido só pelo orgulho das paixões, terei obtido o melhor galardão a que poderia aspirar como premio, por ter inventado um jogo que os homens de todos os tempos e de todas as nações terão deleite em apreciar.

E, certamente, o velho sabio tinha razão, pois o xadrez, que foi assim inventado, chegou a ser o mais notavel e maravilhoso dos jogos.

M.

— Quero um collarinho duro para meu pae.
— Igual a este que eu uso?
— Não. Quero um limpo.

AS FAIAS

(SHERLOCK - HOLMES)

I

— Para todo aquelle que ama a arte, pela arte, declarou Sherlock Holmes, pondo de lado o *Daily Telegraph*, cujos annuncios estivera percorrendo, é nas suas manifestações de somenos importancia que consegue ás mais das vezes encontrar maior somma de prazer. Folgo em observar, Watson, que se compenetrasse bem de semelhante verdade, e naquellas narrativas das nossas aventuras que teve a bondade de escrever, direi até, de embellezar, haja concedido proeminencia muito menor ás causas celebres e aos processos sensacionaes em que andei envolvido, do que a esses incidentes por sua natureza banaes, proprios, comtudo, para exercitar aquellas faculdades de deducção e de synthese de logica das quaes tenho feito um estudo tão especial.

— E todavia, repliquei sorrindo, não me considero inteiramente absolvido do crime de sensacionalismos de que foram arguidas as minhas narrativas.

— O seu erro, observou colhendo com a tenaz uma braza, para accender o grande cachimbo de cereja — succedaneo habitual do de gesso, quando se achava de humor antes pugnaz do que meditabundo — o seu erro foi o empenhar-se em imprimir vida e côr a cada uma daquellas narrativas, em vez de se haver limitado a relatar o raciocinio tenso desde a causa até o effeito, que constitue na realidade o unico interesse de qualquer dellas.

— Quer me parecer que lhe fiz plena justiça a semelhante respeito, repliquei com tal ou qual frieza, pois me senti melindrado pelo sentimento de personalidade que occupa logar tão proeminente no caracter singular do meu amigo.

— Engana-se, não é egoismo nem amor proprio redarguiu, respondendo, segundo seu costume, mais aos meus pensamentos do que ás minhas palavras. Se reivindico plena justiça para com a minha arte, é por esta ser coisa imponderavel, alheia ao meu proprio ser.

proprio ser. São communs os crimes e rara a logica. E' sobre a logica, pois, de preferencia aos crimes, que você devia insistir. Amesquinhou, reduzindo ao nivel de meros contos, aquillo que devera ter sido uma série de conferencias.

Era uma fria manhã de primavera, e estávamos sentados, depois do almoço, cada um de um lado do fogão, onde crepitava um fogo vivo. Envolvia os predios de côres sombrias uma densa neblina, e as janellas fronteiras, lobrigadas através daquelles vapores amarellos, pareciam manchas negras e disformes. O gaz estava acceso no aposento, e illuminava a toalha, communicando brilho á prata e á porcellana, visto que não haviam ainda levantado a mesa. Sherlock Holmes, taciturno durante a manhã toda, para alli se deixára estar, enfronhado na leitura dos annuncios de uma série completa de periodicos, até que, por fim, desistindo de suas pesquizas, se entregára ao seu pendor algo tristonho, pregando-me um sermão ácerca dos meus erros litterarios.

— Por outro lado, proseguiu depois de uma pausa, durante a qual aspirára com força o extenso tubo do cachimbo, contemplando a chamma, ninguem com

RUBRAS

Por CONAN DOYLE

razão o poderá increpar de sensacionalismo, porquanto, entre tantas causas de que teve a bondade de se occupar, figura uma bôa porção nas quaes de modo nenhum se trata de crimes, no sentido legal do termo. Aquelle caso, por exemplo, do celibatario aristocrata, não era do dominio da lei. Mas para evitar o sensacionalismo, receio muito que chegasse a frisar os limites da banalidade.

— De accôrdo, quanto aos resultados. Sustento, porém, que o modo de proceder era particularmente original e interessante.

— Ora, meu caro amigo, que importam ao publico, a esse publico que não sabe observar coisa nenhuma, incapaz de distinguir um tecelão pelo feitio dos dentes ou um compositor typographico pelo dedo pollegar da mão esquerda, que importam ao publico, repito, as minucias delicadas da analyse e da deducção? Mas, effectivamente, se descambou na banalidade, não posso levar-lh'o a mal, pois já lá vae o tempo dos negocios de monta. O homem, ou pelo menos o homem criminoso, perdeu totalmente o arrojo e a originalidade. Quanto ao meu officio parece querer degenerar em uma agencia para desencantar lapis extraviados ou dar conselhos a meninas sahidas de collegio. Eis-me, creio eu, chegado ao ultimo grau. Esta carta, que recebi de manhã, afigura-se-me ser o extremo limite do aviltamento. Ora leia!

Atirou-me um carta amarrotada, dirigida de Montagu-Place, e datada da vespera. Eis o conteúdo:

"Meu prezado senhor Holmes.

Tenho séria necessidade de o consultar ácerca de um logar de governante, que me offereceram. Irei procural-o amanhã, ás dez horas e meia, se lhe não causar incommodo.

Sua, sinceramente,

Violeta Hunter."

— Conhece a signataria desta missiva? perguntei.

— Nem pouco nem muito.

— Já são dez e meia.

— E' verdade, tocaram a campainha e creio que será ella.

— O caso talvez tenha mais interesse do que julga.

— Oxalá! Mas não permaneceremos em duvida por muito tempo, pois, se me não engano, ahi vem a pessôa de que se trata.

Effectivamente abria-se a porta, dando ingresso a uma visitante ainda nova. Trajava singelamente mas com decencia; o semblante, alegre e animado, todo elle salpicado de sardas, tal qual um ovo de tico-tico, e os modos desembaraçados denunciavam uma mulher afeita a contar comsigo em tudo e por tudo.

— Ouso esperar que me relevará o incommodo que venho dar-lhe, disse ao meu amigo, que se levantára para a receber. Acontece-me, porém, uma aventura deveras singular, e como não tenho paes, nem amigos a quem consulte, lembrou-me que o senhor com a sua muita bondade se não negaria a dar-me um conselho.

— Queira sentar-se, miss Hunter. Folgo immenso em ter ensejo de lhe ser prestavel.

(*Continúa na pagina seguinte*)

A collecciomadora. — O numero 14, da série L., é Jorge Lopez... Casamo-nos no dia 7 de setembro e nos divorciamos a 23 de outubro de 1923... Tenho que mandar-lhe um cartãosinho no dia do nosso anniversario...

Notei que Holmes ficára bem impressionado pelas maneiras e pela linguagem da sua novel cliente. Mirou-a com aquelles seus olhos investigadores, sentou-se depois para lhe dar attenção, com as palpebras cerradas e os dedos entrecruzados.

— Fui cinco annos governante, disse Violeta Hunter, em casa do coronel Spencer Munro, mas o coronel ha dois mezes foi transferido para Halifax, em a Nova-Escossia, e como levasse os filhos para a America, encontrei-me sem collocação. Annunciei nos jornaes, respondi aos annuncios que poderiam convir, mas sem o minimo resultado, e, como se me fossem esgotando os recursos, nem já sabia para onde appellar.

Funcciona no West-End uma agencia sob o titulo de Westaway, cuja especialidade é collocar governantes. Todas as semanas lá fui, na esperança de encontrar collocação.

Westaway é o nome do fundador do estabelecimento, mas a directora é uma tal miss Stoper. Está sempre no cubiculo, onde fez escriptorio. As senhoras que procuram emprego esperam na saleta e são attendidas cada uma por sua vez. Miss Stoper compulsa os seus registros em presença de cada cliente, a ver se dispõe ou não de situação que possa convir-lhe.

Quando, a semana passada, fui lá, conforme meu costume, assim que me tocou a minha vez entrei, e surprehendeu-me ver que se não achava a sós miss Stoper. Um individuo de prodigiosa gordura, com um semblante muito agradavel e uma papeira em roscas a tapar-lhe a gravata, estava sentado ao lado della, com os oculos no nariz, mirando muito attento as candidatas á medida que iam entrando.

Quando cheguei, deu um pulinho na cadeira, e dirigindo-se a miss Stoper, disse:

— Estamos servidos. Vae além dos meus desejos. Optimo! Optimo!

Parecia enthusiasmadissimo, e de encantado esfregava as mãos. Apparentava um tal contentamento, que até dava gosto vel-o.

— Andava em procura de uma collocação, minha menina? indagou.

— Effectivamente, meu senhor.

— Quer ser governante?

— E' justamente o logar que procuro.

— E quanto exige de ordenado?

— Em casa do coronel Spencer Munro, donde sahi ha pouco, davam-me quatro libras por mez.

— Ih!... Que miseria! Exploração no caso, a propria exploração! exclamou, erguendo as mãos como homem indignado. Como é que alguem póde ter o arrojo de offerecer quantia tão ridicula a uma senhora tão sympathica e tão prendada?

— Com respeito á minha instrucção, respondi eu: receio que não alcance a tanto como imagina. Sei um bocadinho de francez e de allemão, musica, desenho...

— Ora, deixe lá! Não é ahi que bate o ponto. O que se quer saber é se as suas maneiras serão verdadeiramente as de uma senhora. E mais nada. A não ser assim, não poderá tomar a seu cargo o educar uma criança, que é possivel, qualquer dia venha a desempenhar um papel consideravel na historia do seu paiz. Mas se assim fôr, como é que um *gentleman* logrou leval-a a acceitar quantia tão irrisoria? O seu ordenado, em minha casa, a principio será de noventa libras por anno.

— Deve avaliar, senhor Holmes, que dada a situação em que me encontrava, me parecesse inverosimil semelhante proposta. O sujeito, que haveria talvez percebido a minha incredulidade, abriu uma carteira, e sacou uma nota do banco.

— Tenho por costume, disse elle sorrindo com modo amabilissimo, se bem que os olhos se lhe su-

missem por entre as roscas do grande carão, tenho por costume adeantar ás governantes metade do ordenado, para cobrir as despesas meudas da jornada e do enxoval.

Nunca em dias de minha vida encontrára um sujeito tão amavel e tão previdente. E como já devia dinheiro aos meus fornecedores, cahia do céu aquelle adeantamento. Todavia, assaltava-me tal ou qual desconfiança e não me atrevia a dar a decisão sem mais amplas informações.

— Ousarei perguntar-lhe onde mora? disse eu.

— Na quinta das Faias Rubras, no Hampshire, a cinco milhas de Winchester. E' uma região em extremo aprazivel, e a casa, pelo seu caracter de antiguidade, uma residencia encantadora.

— E as minhas funcções, senhor? Desejaria saber quaes são.

— Um menino, um diabretesinho de seis annos interessantissimo. Ah! só queria que o visse a matar baratas com um chinelo! Zás! traz! E lá vão tres de uma só vez num abrir e fechar de olhos!

E todo derreado na cadeira, desatou a rir, a ponto de se lhe sumirem de todo os olhinhos.

Surprehendiam-me algum tanto os brinquedos do tal menino, mas pelas gargalhadas do pae fiquei entendendo ser mero gracejo.

— As minhas funcções resumir-se-ão, pois, em tratar de um menino, e mais nada?

— Não é tanto assim, acudiu. Como é aliás natural, terá de obedecer ás instrucções que lhe forem transmittidas por minha esposa, comtanto, já se vê, que sejam taes que uma senhora as possa desempenhar sem desdoiro. Não vê a isso a minima objecção, hein?

— Folgarei immensamente em me tornar prestavel.

— Ora ainda bem! Vejamos agora com respeito ao vestuario. Neste capitulo, por exemplo, somos um quasi nada maniacos, não sei se sabe, maniacos, mas bôas pessôas. Se lhe pedissem que usasse um vestido qualquer que nós lhe apresentassemos, não se opporia a esta nossa phantasiasinha, hein?

— De modo nenhum, repliquei muito espantada.

— Ou que cortasse o cabello, antes de se estabelecer em nossa casa?

Custava-me acreditar o que estava ouvindo. Conforme terá observado, senhor Holmes, é muito farto o meu cabello, e de uma côr castanha pouco vulgar. Todos me affirmavam que tinha a côr tão apreciada pelos artistas. Não me conformava com a idéa de o sacrificar, assim, sem mais nem menos.

— Receio muito não poder satisfazer semelhante exigencia, retorqui.

Elle observava-me attento, com aquelles seus olhinhos abertos a faiscar, e ao ouvir a minha resposta negativa, notei que se lhe carregára o parecer.

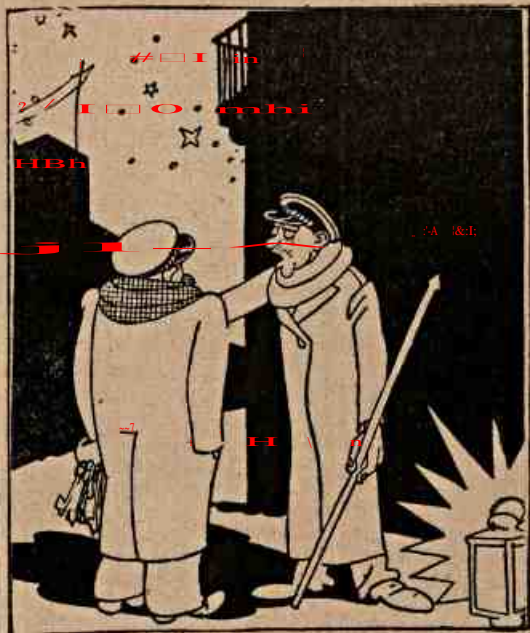
— Infelizmente, é condição essencial, observou. E' uma mania de minha esposa, e as manias das damas devem acatar-se. Com que então, não quer cortar o cabello?

— Não senhor, não posso nem quero cortal-o, respondi peremptoriamente.

— Muito bem! Não temos então nada feito. E' pena, porque a não ser isso, convinha-me admiravelmente a todos os respeitos. Em vista do exposto, miss Stoper, desejára vêr ainda mais algumas das suas clientes.

A directora, durante a conferencia, permanecera enfronhada nos seus livros, sem proferir uma palavra. Olhou para mim, porém, com expressão de tamanho desconsolo, que fiquei percebendo que, em resultado da minha rejeição, vinha a perder uma bôa espórtula.

— Deseja que o seu nome fique assente em os nossos livros? perguntou.

(Continúa na pagina seguinte)

— E' um casal estranho. De noite, ouvem-se gritos de soccorro.

— E, de quem são os gritos: delle ou della?

— Delle.

— Então é porque são casados.

— Se me faz favor, miss Stoper.

— Na verdade afigura-se-me um tanto escusado, visto que assim rejeita propostas tão vantajosas, respondeu com azedume. Não deve esperar da nossa parte novos esforços no sentido de lhe proporcionar um ensejo como este. Até mais ver, miss Hunter.

Tocou um timbre, e o *groom* acompanhou-me até á porta.

Devo confessar-lhe, senhor Holmes, que, quando cheguei á casa, e tornei a ver os meus armarios vazios e duas ou tres contas atrazadas de um mez, principiei a arrepender-me da minha decisão.

No fim de contas, se aquella gente era sujeita a idéas estrambolicas, e pedia a minha annuencia a coisas extraordinarias, ao menos indemnizava-me largamente. Haverá muito poucas governantes em Inglaterra que ganhem noventa libras por anno. E dahi, para que me servia o meu cabello?

Ha mulheres a quem fica bem o cabello curto; e possivel é que eu entrasse nesse numero. No dia seguinte, principiei a considerar que tinha feito uma tolice, e, no immediato estava persuadida disso mesmo. Ia resolver-me a pôr de banda a minha vaidade e a voltar á agencia, para ver se ainda estaria vaga a collocação, eis que recebo uma carta do mesmo sujeito.

Vou ler-lh'a:

Faias Rubras, proximo de Winchester.

Prezadissima miss Hunter.

"Miss Stoper houve por bem ensinar-me a sua morada, e venho perguntar-lhe se não reconsidera a sua decisão. Minha mulher está empenhadissima em que a menina venha para nossa casa, pois lhe produziu favorabilissima impressão a descripção que lhe fiz da sua pessôa. Estamos dispostos a dar-lhe mais dez libras por trimestre, isto é, quarenta libras por anno, em compensação das contrariedades que poderão causar-lhe as nossas phantasias. Não são para metter medo, no fim de contas. Minha mulher tem predilecção por uma certa variedade de azul electrico, e desejaria vel-a usar, em casa, de manhã, um vestido da referida côr. Não tem necessidade, todavia, de o comprar, pois dispomos de um, que pertenceu á minha filha Alice (actualmente em Philadelphia), e que me parece lhe assentaria optimamente.

Quanto a sentar-se aqui ou acolá, a distrahir-se pela fórma que lhe fôr indigitada, não me parece que sejam coisas que possam causar-lhe transtorno.

Com respeito ao seu cabello, é pena, realmente, pois que durante a nossa brevissima conferencia, tive occasião de o admirar, e comtudo, tenho que insistir sobre este ponto e espero que o augmento de ordenado lhe compensará, por ventura, semelhante sacrificio. As suas funcções junto do menino serão faceis.

Espero que não deixará de vir, e eu proprio irei buscal-a a Winchester, no *dog-cart*.

Attento venerador,

Jephyrs Rucastle."

— Eis a carta que eu acabo de receber, senhor Holmes, e estou resolvida a acceitar. Resolvi-me, porém, a submetter o caso ao seu criterio, antes de compromettter a minha palavra, definitivamente.

— Mas, visto haver tomado a resolução de acceitar, a questão afigura-se-me estar decidida, miss Hunter.

— Acha que devo rejeitar?

— Confesso que não é exactamente a collocação que eu escolheria para minha irmã, por exemplo.

— Que haverá por detraz de tudo isto, senhor Holmes?

— Não tenho a minima idéa a tal respeito. Não sei de coisa nenhuma. E pela sua parte não terá uma opinião qualquer?

— Vejo-lhe uma unica explicação plausivel. O senhor Rucastle, ao que parece, é homem amavel, e dotado de bom coração. Mas quem nos diz que não esteja doida a mulher, e, sendo assim, elle esforça-se por se amoldar a todas as suas phantasias, desejoso de lhe evitar qualquer crise, e poupal-a a ser internada em um manicomio?

— E' possivel e, direi até, provavel. Mas, olhado o caso por qualquer lado, não me parece prometter-lhe um viver intimo dos mais agradaveis.

— E o ordenado, senhor Holmes?

— Pois sim, é tentador, confesso, e tentador até de mais. E' isso mesmo que me dá cuidado. Por que é que elles lhe offereceram noventa libras por anno, quando encontrariam governantes a rôdo á razão de trinta libras? Por ahi anda patifaria.

— Julguei que, fazendo-o sciente de tudo, melhor me poderia valer, se um dia eu viesse a precisar do seu auxilio. Sentir-me-ei mais forte, contando com o seu amparo.

— Lá quanto a isso, póde contar commigo. Ha um par de mezes que não achava um problema de tamanho interesse. São singularissimos todos esses pormenores. E em caso de duvida, ou de perigo...

— Perigo!... E que perigo antevê?

Holmes, muito sério, bamboleou a cabeça.

— Deixaria de ser perigo, se o pudessemos definir. Mas, seja qual fôr a hora da noite em que me chegue ás mãos um telegramma da sua parte, voarei acto continuo a soccorrel-a.

— Com isso vou satisfeita.

Ergueu-se apressada. Desvanecera-se-lhe, do semblante, todo e qualquer vestigio de ansiedade.

— Ponho-me a caminho do Hampshire sem a minima inquietação. Desde já vou escrever a Mr. Rucastle. Sacrificarei, esta noite, o meu malfadado cabello e amanhã mesmo parto para Winchester.

Reiterou os seus agradecimentos a Holmes, disse-nos adeus e sahiu a passos rapidos.

— Ao menos, observei, sentindo-a ir escada abaixo, parece-me muito capaz de resolver o negocio por suas mãos.

— E tanto melhor para ella, retorquiu, pensativo, Holmes. E muito me admirarei se dentro em breve não ouvirmos falar a seu respeito.

II

Não decorreu muito tempo, effectivamente, que não se realizasse o vaticinio do meu amigo.

Volveram quinze dias, e neste meio tempo, por mais de uma vez me surprehendi a pensar naquella mulher e nas difficuldades contra as quaes teria que lutar sósinha: o ordenado exorbitante que lhe davam, as condições tão extravagantes que lhe impunham, tudo isto, era prenuncio de circumstancias anormaes; e comtudo, achava-me na impossibilidade de destrinçar se haveria ali mania ou um qualquer conluio, e se o homem seria um philanthropo ou um malvado.

Quanto a Holmes, mantinha-se taciturno, horas e horas, carregado o sobrecenho e absorto de todo, negando-se a responder sempre que eu cahia em trazer a terreno um assumpto que a tal ponto me interessava.

— Informações! Preciso de informações! exclamava impaciente. Sem alicerces não sei edificar.

E concluia sempre, affirmando que nunca teria dado licença a uma irmã para acceitar semelhante collocação.

(Continúa no proximo numero)

Meias das mais finas
Lãs das mais macias
Sedas diaphanas ....
Nada tem a recear do Lux.

Os seus vestidos mais delicados, as suas meias de malha mais finas, as suas combinações mais valiosas, conservam-se frescas e bellas sob o cuidado do "LUX". A sua espuma rica e leitosa restaura a belleza primitiva dos tecidos, penetrando em todos os fios e expurgando-os de suas impurezas. A maciez de suas mãos será o testemunho da delicadeza do "LUX" para com as sedas mais finas. Uma lavagem com "LUX" torna os seus lindos vestidos macios e brilhantes e com toda a attracção de novos. Lave em casa por este processo economico todas as peças do seu mimoso enxoval. Conserve por mais tempo como novos os seus vestidos predilectos.

LUX
Para levar sedas, e todas as roupas finas

LUX
Para levar sedas, lãs e todas as roupas finas

S. A. IRMÃOS LEVER

SÃO PAULO — BRASIL

Lx. 15-01320 Br.

Kola Cardinette
O Tonico Mundial.
O mais delicioso e efficaz tonico e reconstituinte.
O melhor e mais positivo para combater rapidamente a debilidade em qualquer de suas manifestações.
KOLA CARDINETTE é uma combinação scientifica dos mais poderosos elementos fortificantes naturaes.
Tonifica e sustenta.
Seu sabor é delicioso.
Contem os valiosos principios vitaes de «Noz de Kola» e as propriedades tonicas e antipyreticas da «Quina», combinadas com as «vitaminas de cereaes» e a acção fortalecedora da «Noz Vomica».
Unicos concessionarios:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98
S. Paulo — S. Bento, 55
O TONICO MUNDIAL